UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01109699 7

15

324

Regalheira

Regalheira

Regalheira

Regalheira

LUSIADAS

Obras selectas de auctores portugueses

III

LUÍS DE CAMÕES

LUSIADAS

EDIÇÃO PARA AS ESCOLAS

Revista, prefaciada e annotada por Mendes dos Remedios

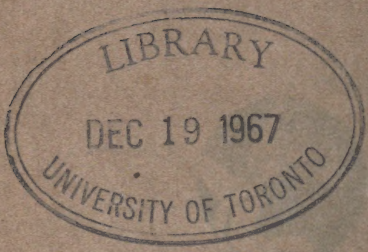
Augusto Regalte

COIMBRA

FRANÇA AMADO — EDITOR

1900

PQ
9198
A3M4
1900



BIOGRAPHIA

DE

LUÍS DE CAMÕES

A biographia do nosso immortal Epico tem sido tantas vezes feita, que a qualquer póde á primeira vista parecer tarefa facil o elaborá-la. Nada ha no entretanto de mais difficil para aquelle que não deseja limitar-se á copia, por demasia ingrata mas commoda, do que de mais ou menos classico se encontra exarado em livros adstrictos ao assumpto [1].

Luís de Camões, descendente d'uma familia galliciana, nasceu provavelmente em Lisboa [2] pelos fins do anno de 1524, nos meiados do terceiro decennio do seculo dezaseis. Foram

---

[1] Sobre Camões deve lêr-se uma obra que, d'hoje para o futuro, em lingua portuguesa será o primeiro monumento levantado em honra do immortal cantor das nossas glorias, a obra de W. Storck — *Vida e Obras de Luis de Camões*, I, Lisboa, 1898. E' tradução da Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que ao trabalho de Storck juntou as suas proprias investigações, o que torna o livro, de si erudito, agora irreprehensivel sob o ponto de vista da erudição e da investigação historica.

[2] « Existem apenas dois testemunhos extrinsecos sobre a patria do Poeta... A mais moderna, do lisbonense Corrêa, falla a favor de Lisboa. A mais antiga, do conimbricense Domingos Fernandes, a favor de Coimbra. Impossivel é provar *com documentos* a veracidade das asserções d'este ultimo; egualmente impossivel provar o contrário... ». Storck, *ob. cit.*, pg. 117.

seus paes Simão Vaz, cavalleiro-fidalgo, natural de Coimbra, que exerceu o cargo de capitão de navio e foi morrer na metropole da India, em Gôa. Simão Vaz foi casado duas vezes, da primeira com Anna de Macedo e da segunda com Anna de Sá; do primeiro matrimonio nasceu aquelle que mais tarde deveria immortalizar-se e ao país que lhe foi berço, recebendo o nome de Luís Vaz.

A educação do futuro poeta decorreu em Coimbra accidentada e nada tranquilla. Sob a protecção d'um velho sacerdote bondoso e erudito, seu tio D. Bento, pôde Luís Vaz, entre as horas da mocidade folgazã e turbulenta, dedicar algum tempo aos estudos com que enriqueceu o seu espirito. As linguas grega e latina, o espanhol, o italiano, a historia e a geographia, a mythologia dos povos classicos com cuidado seguida e elucidada nas leituras, que deveriam ser a predilecção da sua alma aventurosa, a historia geral do mundo, e sobretudo a de Portugal, que tam bellamente assimilou para poder fazer mais tarde as estancias amalgamadas com o oiro do seu genio, educação irregular, um pouco feita á aventura, no entretanto variada, tal o resultado que colheu da sua permanencia em Coimbra, a terra das amoraveis paysagens encantadas, a quem o estro do Poeta pediu a inspiração d'algumas das suas melhores e mais doces canções, e que sahiu da imaginação d'elle florida como um roseiral em maio, quasi divinizada, como á velha Erin fez Ossian, filho de Fingal, o bardo mysterioso...

Que o levaria a abandonar a

... florida terra,
Leda, fresca, e serena

como elle escreve na Canção IV, sem ter a sua educação completada, sem um plano de vida assente e definido, e de mais a mais desajudado do amparo dadivoso e forte do tio? Fôsse pelo que fôsse é certo que pelo anno de 1545 apparece frequentando a côrte de D. João III. Ahi conheceu a dama querida de toda a sua vida, que com a mocidade levou para o tumulo os mais ardentes sonhos do Poeta. Era D. Catharina de Athaide, a formosa dama do Paço, filha de D. Antonio de Lima e de sua esposa D. Maria Boccanegra.

Não tardou que os amores pela sua *Natercia* (anagramma de Catharina), e naturalmente tambem as intrigas que lhe moveram os aulicos, escandalisados pelos impetos d'uma mocidade estouvada e em demasia attreita ás rixas, que tam grande logar occupavam na vida dos moços cavalleiros e fidalgos do seculo, dessem pretexto á ordem régia, que o desterrava de Lisboa para as bandas do Ribatejo. Mas não demorou muito tempo, que elle não sollicitasse a commutação da pena para poder ir servir o rei como soldado alistado, defendendo as terras portuguesas, nas paragens de além-mar. Foi para Seuta e ahi se bateu com denodo, em mais d'uma refrega, numa das quaes perdeu um dos olhos. Passados dois annos voltou a Lisboa e ahi permaneceu até 1553.

Novo desterro, mas d'esta vez mais rigoroso, o obrigou a deixar não já Lisboa, mas Portugal. Por ter ferido com a espada um moço da casa real, foi preso e encarcerado no Tronco da cidade e só depois de obter o perdão do offendido e o indulto régio é que, ao cabo d'um anno, pôde embarcar para a India. Era a 26 de março de 1553 e ainda neste anno pisou o solo de Gôa.

Já a este tempo algumas estancias dos *Lusiadas* começavam a debuxar-se na mente do Poeta e iam dando côr e realidade ao quadro assombroso, que havia excogitado.

Como soldado, que era, Camões tomou parte em algumas expedições e num dos cruzeiros mandados ao estreito de Meca para destruir os corsarios mouriscos, supportou esse longo martyrio, que tam poeticamente nos descreve na canção, que principia:

Junto de um secco, duro, esteril monte
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido:
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro dia, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz dôce ruido
. . . . . .
Aqui me trouxe um tempo e teve
Minha fera ventura.

(Canção x).

Em 1558 foi despachado para o cargo de *Provedor mór dos defunctos e ausentes,* aproveitando o tempo, que lhe sobrava do desempenho d'este cargo, em compôr os *Lusiadas.* Accusado de defraudar a fazenda nacional, foi conduzido preso para a India em princípios de 1560. Na foz do rio Mecon, na costa de Cambodja, a náo em que ia naufragou, conseguindo elle salvar-se e aos *Lusiadas* e podendo desembarcar em Gôa em fins d'aquelle anno, depois de quatro annos e meio de ausencia. Liberto do processo que só tarde, por 1562. se deu por definitivamente terminado, Camões pensou em voltar á patria. Foi em fins de 1567 que de Moçambique, para onde havia partido, tomou logar, com destino ao reino, a bórdo da náo que trazia o capitão Pedro Barreto. Veiu de graça o Poeta, que para a

passagem lhe não chegaria o que como soldado e como funccionario haveria podido ganhar. Mas quando esse ardente português, em quem o génio da sua raça se sublimára, agora cheio de desillusões, percorrido o mundo na ancia mysteriosa da vida, voltasse a avistar o Tejo, o que quer que fôsse de satanicamente divino lhe havia de, em cachões, referver no cerebro. Comsigo trazia a epopéa da sua Patria, destinada a irmanar com os poemas que nas margens da Grecia os rhapsodos haviam cantado em honra dos heroes e dos semi-deuses.

Mas maior e mais alto era ainda o seu livro, porque a sua terra tinha as doçuras da Grecia e como ella fôra berço do que de mais bello ha na historia — os cantos dos Poetas e o valor dos guerreiros. Era certo que d'um logar perdido no Mediterraneo esse povo hellenico posera em convivencia o Oriente com o Occidente, estreitando relações entre gentes longinquas, indo procurar tanto ás sociedades dos valles do Nilo e do Euphrates, como ás da Italia e da Gallia, com que satisfazer a sua curiosidade. Mas o português tinha o genio aventureiro dos habitantes da Hellade. Em caravellas podera sondar os mares, sempre valente, aguerrido, sempre obediente, agarrado á força do seu destino pacientemente, como os heroes das fabulas divinizados pelos mythos.

... Ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e pelouros.
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolatras e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo.

(Cant. x, est. CXLVII).

Portugal não precisava nem de invejar alheias glorias, nem de deturpar as proprias. O sol da grande alma portuguesa brilhava ainda num azul purissimo, conquanto o Poeta já enxergasse aquellas manchas, que sam precursoras de morte irremediavel e fatal.

Ao entrar em Lisboa Camões veiu encontrar a peste devastando a capital. D. Sebastião reinava. Estava-se em 1570. O preludio d'uma tempestade tragicamente medonha começava a formar-se com lentidão. O megalomano que reinava tinha assomos de delirio. Em volta os aulicos, como quasi sempre, atraiçoavam a patria affagando-lhe os instinctos de sonhador bellicoso. Com que intimo sentimento de desconsolo Camões não iria depôr junto do throno regio o livro que cantava hossanas, quando a tragedia já perto rugia ameaçadora! Naquella vida bulliçosa da côrte, em que elle fora outr'ora um galã tam querido como invejado, ninguem lhe ouvia a voz:

... eu que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado...

(Cant. x, est. CLIV).

Mas orgulhava-se de fallar sincero e dizer claramente o que sentia:

Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

(Ibid.).

O poema acabou de imprimir-se em 1572. Camões dedicou-o a D. Sebastião, que o galardoou mandando-lhe abonar a tença de

quinze mil réis, quantia para o tempo muito rasoavel. Ainda o Poeta viveu oito annos depois da publicação dos *Lusiadas*, mas esquecido e ignorado, sem o fogo e a energia, que os annos lhe haviam consumido. D'esse desalento, para o qual muito haviam concorrido as desditas da Patria, sam prova evidente as estancias que lemos quasi no fim do seu e nosso precioso thesouro:

Não mais, Musa, não mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor em que mais se accende o engenho,
Não no dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza.

E não sei porque influxo do destino
Não tem um ledo orgulho e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto.

(Cant. x, est. CXLV-CXLVI).

Numa sexta-feira, a 10 de junho de 1580, pobrissimo, o Poeta morria.

*

Fallemos agora do escriptor. Tres generos de poesía cultivou Camões — o epico, em que foi inimitavel, o lyrico, em que póde dizer-se que é o primeiro do seu tempo e o dramatico, em que sobresaíu notavelmente. Vejamos por esta ordem as suas obras.

a) Lusiadas é a nossa epopêa nacional, uma das quatro ou cinco grandes epopéas do mundo. O assumpto indica-o o Poeta dizendo que canta o *peito illustre lusitano*. De facto a *descoberta do caminho para a India pelos portugueses* deu-lhe occasião de cantar a historia nacional. Vasco da Gama encarna a alma d'um povo. O poema está dividido em 10 cantos e cada canto em estancias de oito versos. Contém ao todo 1102 oitavas ou 8816 hendecassyllabos. A narração, sempre interessante, é cortada de descripções e de episodios magistraes, entre os quaes avultam o do *Adamastor* (canto V, est. 37-59), o de *Ignês de Castro* (canto III, est. 109-135), o do *apparecimento do Indo e Ganges* a D. Manuel (canto IV, est. 68-74), o dos *doze de Inglaterra* (canto VI, est. 43-67), o da *ilha dos Amores* (canto IX, est. 54-79), etc. etc.

Porque muito viu e observou nas suas longas viagens, o nosso Epico sobresai na pintura dos costumes e dos factos. O mar encontrou nelle um pintor inimitavel, como se póde ver na descripção da *tromba maritima* (canto V, est. 18-22), e na da *tempestade* (canto VI, est. 70-80). O seu pincel não é menos fiel ao descrever os lances d'uma guerra; veja-se o formosissimo quadro da *batalha d'Aljubarrota* (canto IV, est. 28-44), o da de *Ourique* (canto III, est. 44-54). Que viveza e que colorido não resumbram da pintura dos *costumes da India* no canto VII! Que accentos apaixonados ao referir o caso de Sepulveda em tres oitavas (46-48) do canto V!

Alguns defeitos sam apontados aos *Lusiadas* como, e é o principal, a mistura do maravilhoso pagão com o do christianismo, mas esse

defeito, se o é, deve antes attribuir-se ao seculo em que viveu. Tasso e Milton não obráram differentemente. Essa fusão, olhadas as circunstancias, poderá apontar-se até como uma superioridade [1].

b) Camões distinguiu-se tambem no genero lyrico, escrevendo sonetos, elegias, canções, eclogas, odes, etc. [2]. O seu lyrismo é repassado de grande naturalidade. O coração humano, em toda a complexa gamma de sentimentos, — a ternura, o enthusiasmo, o desespero, — toda a paixão, toda a vida, sam ás vezes retratados por Camões num simples verso. Foram-lhe escola a amarga experiencia e a

> ..... *vida*
> *mais desgraçada que jamais se viu.*
>
> (Soneto).

c) Para o theatro escreveu Camões os tres autos — *Amphitriões*, moldado pela comedia do mesmo nome de Plauto, escripta, diz-se, quando ainda frequentava a Universidade e representada pelos estudantes, conforme o

---

[1] A ed. *princeps* dos *Lusiadas* é de 1575, com este titulo: *Os Lusiadas de Luiz de Camões. Com privilegio real. Impressos em Lisboa, com licença da Sancta Inquisição, & do Ordinario.* Em casa de Antonio Gõçalvez impressor. 1572, 4.º. As melhores ed. dos *Lusiadas* sam as do morgado Matheus e visconde de Juromenha. Vid. *Dicc. Bibl.*, t. 14.º.

[2] A ed. *princeps* das lyricas foi publicada com este titulo: *Rythmas* de Lvis de Camoens, divididas em cinco partes, etc. Anno de M. D. LXXXXV. A' custa de Estevão Lopes mercador de livros. 4.ª ed. VIII — 166 folhas. As ed. posteriores fôram muito augmentadas.

costume do tempo [1]; *Filodemo* escripto para as festas da investidura no cargo de governador de Gôa de Francisco Barreto, e *El-rei Seleuco* sobre um facto muito tratado na antiga historia de Roma, mas em que se quís ver uma allusão aos amores de D. João III, ainda principe, com sua madrasta a rainha D. Isabel [2]. Não deslustram estas obras o alto conceito que possamos formar do maior dos nossos poetas [3]. Nellas, afastando-se da inspiração classica, Camões ligou-se antes á escola popular de Gil Vicente [4].

MENDES DOS REMEDIOS.

---

[1] Sobre Plauto vid. a nossa *Introd. á hist. da litt. portug.*, 2.ª ed., pg. 184.

[2] Sr. Th. Braga, *Hist. do theatro port. no sec. XVI*, t. I, l. I, cap. V.

[3] Os autos *Filodemo* e *Amphitriões* saíram pela primeira vez, em 1587, publicados juntos aos de Antonio Prestes: *Primeira parte dos Autos e Comedias Portuguesas* por Antonio Prestes e por Luís de Camões, etc., por André Lobato, impressor de livros, 1387, 4.º de 179 pg. Vid. a ed. popular — *Comedias de L. de Camões*, Lisboa, 1880.

[4] Vid. a nossa *Litt. Portuguesa*, 1898, pg. 59-61.

NOTA EXPLICATIVA

O texto da presente edição dos *Lusiadas* foi feito em harmonia com a de Juromenha (*Obras de Luis de Camões*, IV); tambem em harmonia com ella foram elaborados os summarios. Aqui ou além, uma ou outra alteração insignificante.

ARGUMENTO

CANTO I

	Estancias
Proposição	1-3
Invocação ás musas	4-5
Dedicatoria a D. Sebastião	6-18
Principio da narração	19
Concílio dos deuses	20-41
Entra a armada no oceano Indico	42
Descobre n'elle algumas ilhas	43-44
Descripção dos indigenas	45-48
Visita d'estes á armada	49-55
Scena nocturna	56-58
O regedor das ilhas visita o Gama	59-72
Baccho intenta destruir a armada	73-76
Estratagema que medita	77-83
Salta em terra o Gama; o que lhe succede .	84-94
Parte a armada de Moçambique para Quiloa e chega a Mombaça	95-105
Exclamação do Poeta contra os perigos da vida	105-106

OS LUSIADAS

CANTO PRIMEIRO

I

As armas e os barões assinalados,
Que da Occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana (1),
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino que tanto sublimaram;

II

E tambem as memorias gloriosàs
D'aquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio, e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando;
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando —
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

III

Cessem do sabio Grego e do Troiano (2)
As navegações grandes, que fizeram;
Calle-se de Alexandro e de Trajano (3)
A fama das victorias, que tiveram;
Que eu canto o peito illustre Lusitano
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta —
Que outro valor mais alto se alevanta.

---

(1) *Taprobana,* a moderna Ceilão, ilha do mar das Indias, separada da costa de Coromandel pelo estreito de Manaar. Capital — Colombo. Foi descoberta pelos portuguèses em 1507, ficando em seu poder até 1656. Pertence hoje aos inglèses. (2) Sabio grego — Ulysses; Troiano — Virgilio. (3) *Alexandre-Magno,* filho de Philippe, rei da Macedonia, grande conquistador e celebre tambem pela sua magnanimidade, o que faz com que o Poeta chame a liberalidade de D. Dinis *Alexandrina* (III, 96). *Trajano,* imperador romano (98-117), foi vencedor de varios povos, mas não conseguiu entrar na India.

IV

E vós, Tagides minhas, pois creado (4)
Tendes em mi hum novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente;
Dai-me agora hum som alto e sublimado,
Hum estylo grandiloquo e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene (5),
Que não tenham inveja ás de Hippocrene (6).

V

Dai-me huma furia grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda (7);
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI

E vós, ó bem nascida segurança (8)
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande;

VII

Vós, tenro e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea ou Christianissima chamada:
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deu por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou;

---

(4) *Tagides*, nymphas do rio Tejo, em latim *Tagus*. (5) *Phebo*, deus do sol. (6) *Hippocrene*, fonte da Beocia, que o cavallo Pégaso fez saltar, ferindo o rochedo com uma patada. Era consagrada ás Musas. (7) *Marte*, deus da guerra, tomado ás vezes pela propria guerra. (8) Começa a dedicatoria a D. Sebastião.

VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E, quando desce, o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro (9),
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio (10);

IX

Inclinai por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

XI

Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rogeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro (11).

---

(9) *Ismaelita,* descendente de Ismael, filho de Agar, escrava de Abraham; refere-se aos mouros. **(10)** *Santo rio,* Ganges, o grande rio da Asia, no Indostão, desemboca, por um grande delta, no golfo de Bengala; suppunha-se que era um dos quatro grandes rios saídos do Paraiso. **(11)** *Rodamonte, Rogeiro,* paladinos, companheiros de *Orlando,* cujas façanhas foram cantadas por Ariosto no poema *Orlando furioso.*

XII

Por estes vos darei hum Nuno fero (12),
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Hum Egas, e hum dom Fuas, que de Homero (13)
A cithara para elles só cubiço;
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra e o seu Magriço (14);
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama (15);

XIII

Pois se a troco de Carlos, rei de França (16),
Ou de Cesar quereis igual memoria (17),
Vede o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria,
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande e prospera victoria (18),
Outro Joanne invicto cavalleiro (19),
O quarto e quinto Affonsos e o terceiro.

XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos reinos lá da aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos (20)
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora (21),
Albuquerque terribil, Castro forte (22),
E outros em quem poder não teve a morte.

---

(12) D. Nunes Alvares Pereira, o *santo condestabre*. **(13)** Egas Moniz, aio d'el-rei D. Affonso Henriques. D. Fuas Roupinho, cavalleiro esforçado, a quem o Poeta se refere no c. VIII, 16-17. **(14)** Refere-se aos doze portuguêses, que no reinado de D. João I fôram desafrontar as damas inglèsas, em torneio, que descreve no c. VI, 43-69. **(15)** Dom Vasco da Gama, o descobridor do caminho maritimo para a India. **(16)** Carlos Magno, rei dos Francos, tronco da dynastia Carlovingia (742-814). **(17)** Julio Cesar, um dos maiores capitães romanos, conquistador da Gallia. O seu nome symbolisa, como o de Alexandre, um grande guerreiro. **(18)** D. João I, o heroe de Aljubarrota (1385). **(19)** D. João II, filho de D. Affonso V. **(20)** Duarte Pacheco Pereira, vencedor do Samorim, imperador do Malabar, que, esquecido por D. Manuel, morreu n'um hospital. O Poeta vingou-lhe a memoria em phrases sentidas — X, 10-25. **(21)** D. Francisco d'Almeida, 1.º vizo-rei da India e D. Lourenço d'Almeida, seu filho, a quem e a outros heroes o Poeta se refere — X. 26-44. **(22)** Affonso d'Albuquerque, successor no governo da India, de D. Fr. d'Almeida. D. João de Castro, mandado por D. João III como governador da India (1545).

Gonçalo o Caido, da Campanha

XV

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do reino vosso :
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado ;
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado :
Tethys todo o ceruleo senhorio (23)
Tem para vós por dote apparelhado ;
Que, affeiçoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII

Em vós se vem da Olympica morada
Dos dous Avós as almas cá famosas (24),
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas ;
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria e obras valerosas ;
E lá vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

XVIII

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam ;
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, porque vejam,
Que são vistos de vós no mar irado ;
E costumai-vos já a ser invocado.

---

(23) *Thetis*, filha de Celo e Vesta, deusa do mar ; toma-se, ás vezes, pelo mesmo mar. (24) Os dois eram D. João III e o imperador Carlos V.

XIX

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das náos as velas concavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas (25);

XX

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristallino ceo formoso,
Vem pela Via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante (26),
Pelo neto gentil do velho Atlante (27).

XXI

Deixam dos sete ceos o regimento (28),
Que do poder mais alto lhe foi dado;
Alto poder, que só c'o pensamento
Governa o ceo, a terra, e o mar irado.
Alli se acharam juntos n'hum momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes, onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde (29).

XXII

Estava o Padre alli sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano (30),
N'hum assento de estrellas cristallino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornara hum corpo humano;
Com huma coroa e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

(25) *Próteo,* deus marinho que de seu pae Neptuno recebera o dom da prophecia, mas de que para não fazer uso mudava muitas vezes de fórma. Governava sobre os peixes do mar. (26) *Tonante* = Jupiter. (27) *Mercurio,* filho de Jupiter e Maia. Esta era filha de Atlas, o fabuloso rei da Mauritania, que sustentava o mundo sobre os hombros. Mercurio era o mensageiro dos deuses; os antigos pintavam-no com asas nos pés e na cabeça. (28) Refere-se aos sete planetas — Saturno, Jupiter Marte, Sol, Venus, Mercurio e Lua. (29) Nomeia as quatro partes do mundo: norte (arcturo), sul (austro), oriente e poente. (30) *Vulcano,* filho de Jupiter e Juno, era o deus do fogo e quem fabricava os raios para seu pai. Foi elle tambem quem fez as armas de Eneas e Achilles.

XXIII

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavam ;
Precedem os antiguos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam ;
Quando Jupiter alto assi dizendo,
C'hum tom de voz começa, grave e horrendo :

XXIV

« Eternos moradores do luzente
Estellifero polo e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

XXV

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C'hum poder tão singelo e tão pequeno
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno (31) ;
Pois contra o Castelhano tão temido
Sempre alcançou favor do Ceo sereno ;
Assi que sempre em fim com fama e gloria,
Teve os tropheos pendentes da victoria.

XXVI

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato na inimiga (32)
Guerra Romana tanto se afamaram ;
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino (33).

---

(31) Refere-se a D. Affonso Henriques. **(32)** Chefe dos Lusitanos; tinha sido successivamente pastor, caçador e salteador. Foi com Annibal e Mithridates o mais poderoso inimigo dos romanos. Venceu differentes consules sendo depois morto á traição, na sua propria tenda, por dois soldados comprados pelos seus inimigos (140 A. C.). **(33)** Allusão a Sertorio, general romano, vencedor de Metello e Pompeu. Foi, como Viriato, assassinado á traição (73 A. C.). Para se impôr mais facilmente fingia que uma Cerva branca, com que um lusitano o presenteara era Diana, que lhe aconselhava tudo o que devia fazer.

XXVII

Agora vedes bem, que commettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve (34);
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia é comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada (35).
Nas aguas tem passado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

XXIX

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas e ceos exp'rimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
N'esta costa Africana, como amigos,
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota. »

XXX

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente (36).

---

(34) *Africo* — vento do Occidente ou mais rigorosamente oessudoeste; *Noto* — vento sul ou vendaval. **(35)** Mar da India. **(36)** *Baccho,* filho de Jupiter e Semele, é o deus do vinho, e toma-se muitas vezes pela personificação do proprio vinho, *os adoradores, os filhos,* etc. Camões designa-o por diferentes nomes — *Thyoneu, Lyeu, deus nascido na cidade de Amphião.*

XXXI

Ouvido tinha os Fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha (37),
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha :
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nysa celebra inda a memoria (38).

XXXII

Vê que já teve o Indo sojugado (39),
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso (40) ;
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam (41)
Os fortes Portugueses, que navegam.

XXXIII

Sustentava contra elle Venus bella (42),
Affeiçoada á gente Lusitana
Por quantas qualidades via nella
Da antigua tão amada sua Romana ;
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana (43),
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

---

(37) Filha do Occeano e Thetis e mãi das nymphas. Toma-se, algumas vezes, pelo mar, como aqui. **(38)** Nysa, cidade celebre em mythologia como residencia favorita de Bacchio. Faz-se d'ella umas vezes um monte, outras uma ilha ou uma cidade ; uns dizem-na situada na Ethiopia, outros na Arabia, outros na India e identificam-na com *Nexos*. **(39)** *Indus* ou *Sindus* (hoje *Sind)*, grande rio da Asia antiga, que deu, talvez, o nome á India. O Sind rega o Pendjab e tem um percurso de 2.900 kil. Desemboca no mar de Oman. **(40)** *Parnaso*, monte da antiga Grecia a S.-E. da Dorida e da Phocida, consagrado a Apollo e ás Musas. Ficava ao pé a fonte Castalia com a virtude de fazer poetas todos os que d'ella bebessem **(41)** Segundo a mythologia havia no inferno um rio, o Letho, *rio do esquecimento*. Quem bebia das suas aguas esquecia completamente o passado. **(42)** *Venus*, deusa da belleza ; conforme os logares, onde era venerada, chamava-se Citherea, Dione, Paphia, Idalia, etc. **(43)** *Terra Tingitana* por terras de Africa. Tingitana de *Tingis*, hoje Tanger, antiga capital da Mauritania Tingitana.

XXXIV

Estas causas moviam Cytherea (44) ;
E mais, porque das Parcas claro entende (45),
Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que hum, pela infamia que arrecea,
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem :
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV

Qual Austro fero, ou Boreas, na espessura (46)
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impeto e braveza desmedida ;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida :
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI

Mas Marte, que da deosa sustentava (47)
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De entre os deoses em pé se levantava :
Merencorio no gesto parecia ;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz medonho e irado ;

XXXVII

A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pos diante
De Jupiter, armado, forte e duro,
E dando uma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no solio puro,
O ceu tremeu, e Apollo de turvado,
Hum pouco a luz perdeo, como enfiado.

---

(44) Chama-se assim a Venus, de Cithera, cidade em Chipre, onde era venerada. **(45)** *Parcas* eram, segundo a fabula, tres divindades do inferno, senhoras da vida dos homens. Os antigos pintavam-nas *Cloto* com a roca, *Lachesis* fiando e *Atropos* cortando o fio. Eram filhas de Erebo e da Noite. **(46)** *Austro,* vento sul e *Boreas* nor-nordeste. **(47)** *Marte,* filho de Jupiter e Juno, deus da guerra, significando tambem a propria guerra.

XXXVIII

E disse assi : « Ó Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste ;
Se esta gente, que busca outro hemispherio ;
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito :

XXXIX

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado (48) ;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem do estomago damnado ;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detraz ; pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme. »

XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

---

(48) Imagina o Poeta que a Lusitania tomou o seu nome de *Lusus* ou *Lysa*, companheiro ou filho de Baccho. D'ahi o chamar frequentemente *Lusos* aos portuguêses — cfr. III, 21. De *Luso* se formou com o suffixo — *iade* o nome *Lusiadas* dado ao poema. *Lusiadas*, filhos ou descendentes de Luso.

XLII

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
Já lá da banda do Austro, e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, e a famosa (49)
Ilha de S. Lourenço ; e o Sol ardente (50)
Queimava então os deoses, que Typheo (51)
C'o temor grande em peixes converteo.

XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo ;
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontorio Prasso já passavam (52)
Na costa da Ethiopia, nome antigo,
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece :
Por diante passar determinava,
Mas não lhe succedeo como cuidava.

---

(49) A *Ethiopia,* nos tempos remotos, designava todas as regiões ao sul do Egypto ; mais tarde applicou-se a toda a bacia do Alto Nilo, desde as cataratas até ao cabo Delgado. Os geographos antigos servem-se muitas vezes das expressões *Ethiopios occidentaes* e *orientaes* segundo habitavam á esquerda ou á direita do Nilo. O Poeta aqui quer designar a costa de Moçambique. **(50)** *Ilha de S. Lourenço,* é Madagascar, a grande ilha do mar das Indias, separada da costa de Africa pelo canal de Moçambique. Cap. *Tananarive.* **(51)** *Typheo,* gigante, filho de Titan e da Terra, inimigo de Jupiter e dos outros deuses. Maneira brilhante de indicar a epoca em que os portuguêses chegavam áquellas paragens, que era fevereiro, mês em que o sol entra no signo do Zodiaco, designado por *Peixes.* **(52)** *Prasso,* hoje *Delgado,* a este de Africa, limite das costas do Zanguebar e Moçambique. Os antigos chamavam-lhe *Prassum promontorium.*

XLV

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella,
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela;
A gente se alvoroça, e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della.
Que gente será esta? em si diziam,
Que costumes, que lei, que rei teriam?

XLVI

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas e compridas;
As velas, com que vem, eram de esteira
D'humas folhas de palma bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton nas terras accendidas (53)
Ao mundo deo, de ousado e não prudente;
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente (54).

XLVII

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias cores, brancos e listrados;
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
Das cintas para cima vem despidos;
Por armas tem adargas e terçados,
Com toucas na cabeça, e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII

Co'os pannos, e co'os braços acenavam
A's gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem.
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem;
Tomam velas; amaina-se a verga alta;
Da ancora o mar ferido em cima salta.

---

(53) *Phaeton*, filho do Sol e de Clymene. Tendo obtido do seu Pae permissão para governar, durante um dia sómente, o carro do Sol, esteve a ponto de abrasar o mundo. Jupiter irritado fulminou-o.
(54) *Pado*, chamado pelos gregos *Eridano*, na Italia; hoje *Po*, nasce no Viso (Alpes) e desemboca no Adriatico Nelle caiu Phaeton quando fulminado pelo raio. *Lampetusa*, irmã de Phaeton. Esta e mais suas irmãs fizeram tam grande pranto pela sua morte, que foram convertidas em arvores.

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia.
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia :
As mesas manda pôr em continente ;
Do licor, que Lyeo prantado havia (55)
Enchem vasos de vidro ; e do que deitam
Os de Phaeton queimados nada engeitam (56).

L

Comendo alegremente perguntavam
Pela Arabica lingua, donde vinham ?
Quem eram ? de que terra ? que buscavam ?
Ou que partes do mar corrido tinham ?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham :
« Os Portugueses somos ; do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

LI

Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto (57),
Toda a costa Africana rodeado ;
Diversos ceos e terras temos visto ;
D'hum Rei potente somos tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no largo entraremos de Acheronte (58).

LII

E por mandado seu buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feios phocas se navega.
Mas já razão parece, que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois ? que terra é esta, que habitaes ?
Ou se tendes da India alguns sinais ? »

---

(55) Um dos nomes de Baccho. **(56)** Allude aos negros. **(57)** *Callisto*, filha de Licaon, rei da Arcadia, mudada em ursa por Juno e depois por Jupiter na constellação do mesmo nome. Toma-se no poema pelas partes do Norte. **(58)** Um rio do inferno.

ledo quem de letras, a, uns

LIII

« Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei e nação ;
Que os proprios são aquelles, que criou
A natura sem lei e sem razão ;
Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio ;
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio (59).

LIV

Esta ilha pequena, que habitamos,
E' em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça e de Sofala (60) :
E por ser necessaria, procũramos,
Como proprios da terra, de habita-la ;
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique (61).

LV

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente (62),
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente ;
Tambem será bem feito, que tenhais
Da terra algum refresco ; e que o Regente,
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja. »

---

(59) Mafoma, Mafamede, Mahomet, o fundador do islamismo. Diz-se descendente de Abraham e de Agar, por seu filho Ismael, donde o chamar-se aos seus sectarios Ismaelitas e Agarenos. O pae, *gentio de nação,* teria sido Abdelá e a *mãe hebrea* Emina. **(60)** *Quiloa,* cidade da Africa austral (Zanzibar), 15:000 h. ; *Mombaça,* cidade tambem situada na costa de Zanzibar, em uma ilha do mesmo nome, 13:000 h. ; *Sofala,* ao sul da embocadura do Zambeze, 13:000 h. Os Portuguêses tornaram-se successivamente senhores de Sofala (1505), de Moçambique (1508) e de outras cidades da costa, até Mombaça e Melinde. Em 1698 os Arabes de Mombaça, auxiliados pelo iman de Mascate, fizeram recuar até ao cabo Delgado os nossos dominios. **(61)** *Moçambique,* possessões portuguêsas da Africa oriental desde o cabo Delgado até á bahia Delagoa. Superficie 801:970 k. ; 800:000 h. E' tambem o nome da ilha, situada na costa e provincia d'este nome. Foi descoberta por Vasco da Gama a 28 de fevereiro de 1498. **(62)** *Hydaspe,* rio da India, notavel pela sua grandeza. Hoje *Djelem.* Fica a N. O.

Meste - triste

LVI

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia;
Do Capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou (63)
Co'o carro de cristal o claro dia,
Dando cargo á irmã, que alumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse (64).

LVII

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida, e nota
Na gente e na maneira desusada,
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas,
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou (65),
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria,
O Regedor das ilhas, que partia.

---

(63) *Phebo,* um dos nomes dados ao sol, que a mythologia dizia recolher-se com Thetys, rainha do mar, para descansar dos trabalhos do dia. Cfr. nota **(5)**. **(64)** A irmã é a lua, ambos filhos de Jupiter e Latona. **(65)** *Hyperionio,* outro nome dado ao sol.

LX

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando,
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando (66),
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino
O imperio tomaram a Constantino (67).

LXI

Recebe o capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

LXII

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tão barbara e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso
Olhando a côr, o trajo e a forte armada,
E perguntando tudo, lhe dizia
Se por ventura vinham da Turquia?

LXIII

E mais lhe diz tambem que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê;
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas, de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

---

(66) Refere-se aos Turcos. Os países, banhados pelo mar Caspio, formavam a antiga Scythia, vasta região, que se estendia da India á Germania. **(67)** Constantinopla foi tomada pelos Turcos em 9 de abril de 1453.

LXIV

Responde o valeroso Capitão
Por hum, que a lingua escura bem sabia (68) :
« Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia ;
Mas sou da forte Europa bellicosa ;
Busco as terras da India tão famosa.

LXV

A lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil e invisibil,
Aquelle que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil,
Que padeceo deshonra e vituperio,
Soffrendo morte injusta e insoffribil,
E que do Ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI

Deste Deos-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia,
Que bem posso escusar trazer escripto
Em papel o que na alma andar devia.
Se armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria,
Como amigo as verás ; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo. »

LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras :
Vem arnezes e peitos reluzentes,
Malhas finas e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas :

(68) Este interprete era Fernão Martins, que Vasco da Gama levou do reino, por saber bem algumas linguas e, principalmente, o arabe.

LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas;
Porém aos de Vulcano não consente (69)
Que dem fogo ás bombardas temerosas;
Porque o generoso animo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode; e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX

Porém disto que o Mouro aqui notou
E de tudo o que viu com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento;
Nas mostras e no gesto o não mostrou,
Mas com risonho e ledo fingimento,
Tratá-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser levado;
Diz-lhe que o largo premio levarão
Do trabalho, que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, e tão damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia
Em logar de pilotos lhe daria.

LXXI

Tamanho o odio foi e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de David nos ensinou (70).
Oh segredos daquella Eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
A'quelles de quem foste tanto amigo!

---

(69) Designa os bombardeiros. **(70)** Jesus-Christo, da geração de David, que era da tribu de Judá, da qual procediam os reis de Israel.

LXXII

Partio-se nisto emfim co'a companhia
Das náos o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII

Do claro assento ethereo o grão Thebano (71),
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido;
E em quanto isto só na alma imaginava
Comsigo estas palavras praticava:

LXXIV

« Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias tão famosas
Hajam os Portugueses âlcançado
Das Indianas gentes bellicosas;
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV

Já quiseram os deoses, que tivesse
O filho de Philippe nesta parte (72)
Tanto poder, que tudo submettesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte;
Mas ha-se de soffrer, que o fado desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu co'o grão Macedonio e co'o Romano (73),
Demos lugar ao nome Lusitano?

---

(71) *Thebano* designa Baccho por ser sua mãi Semele de Thebas. **(72)** O filho de Philippe é Alexandre Magno, rei da Macedonia, que submetteu grande parte da India (356-323 A. C.). Cfr. 1 **(3)**. **(73)** O imperador Trajano (98-117).

LXXVI

Não será assi; porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita. »

LXXVII

Isto dizendo irado e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo (74);
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
D'hum Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co'o Xeque mui valido (75).

LXXVIII

E entrando assi a fallar-lhe a tempo e horas,
A' sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras
Estas, que ora de novo são chegadas;
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX

« E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos,
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós, e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

(74) *Prasso*, vid. nota (52). (75) *Xeque*, governador.

LXXX

E tambem sei, que tem determinado
De vir por agua a terra muito cedo
O Capitão dos seus acompanhado,
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co'os teus armado
Esperá-lo em cilada, occulto e quedo;
Porque, sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI

E se inda não ficarem deste feito (76)
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha e ardil, que te contente;
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos. »

LXXXII

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho,
Para que ao Portugues se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

LXXXIII

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á náo lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande.
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas e mares co'elle ande,
Que, se d'aqui escapar, que lá diante
Vá cahir, donde nunca se alevante.

---

(76) Muitos criticos põem no v. 1 *geito*, repetido no v. 5. Sigo a lição pela primeira vez adoptada por M. Corrêa no seu *Commentario*

LXXXIV

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido (77)
Quando o Gama co'os seus determinava,
De vir por agua a terra apercebido ;
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido ;
Mas pode suspeitar-se facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario ;
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrario ;
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.

LXXXVI

Mas os mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e setta ervada
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada ;
E porque o caso leve se lhe faça,
Põem huns poucos diante por negaça.

LXXXVII

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando :
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro.

---

(77) Montes da Arabia, que os antigos diziam ter sido a primeira habitação dos filhos de *Nabath*, primogenito de Ismael.

LXXXVIII

Qual no corro sanguineo o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena e brada,
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata e põe por terra:

LXXXIX

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria;
A plumbea pella mata, o brado espanta (78),
Ferido o ar retumba, e assovia;
O coração dos Mouros se quebranta;
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

XC

Não se contenta a gente Portuguesa,
Mas seguindo a victoria estrue e mata;
A povoação sem muro e sem defesa,
Esbombardea, accende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou comprá-la mais barata;
Já blasphema da guerra, e maldizia
O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

XCI

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando,
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o páo e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado (79).
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
A' terra firme foge amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

---

(78) *Plumbea péla* designa o pelouro. (79) Imitação de Virgilio: *Jamque faces et saxa volant, furor arma ministrat.* (*En.*, I, 154).

XCII

Huns vão nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente;
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente (80).
Desta arte o Portugues em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII

Tornam victoriosos para a armada
Co'o despojo da guerra e rica presa
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Moura gente magoada,
No odio antiguo, mais que nunca, accesa,
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

XCIV

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra;
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em signal das pazes que tratava.

XCV

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
Foi delle alegremente agasalhado,
E respondendo ao mensageiro, attento,
As velas manda dar ao largo vento.

---

(80) *Pangaios*, pequenas embarcações usadas em Africa.

XCVI

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia (81),
Das filhas de Nereo acompanhada (82),
Fiel, alegre e doce companhia.
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro urdia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda e costas que passava.

XCVII

Mas o Mouro instruido nos enganos
Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
De morte, ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara;
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII

E diz-lhe mais, co'o falso pensamento
Com que Synon os Phrygios enganou (83),
Que perto está huma ilha, cujo assento
Povo antigo Christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda, e pede;
Que a ilha é possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede.
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quiloa, mui conhecida pela fama.

---

(81) Deusa do mar, filha do Occeano, esposa de Neptuno. **(82)** *Nereo,* tambem filho do Occeano; foi casado com sua irmã Doris, de quem teve muitas filhas — as *Nereidas,* nymphas do mar, em numero de cincoenta. **(83)** *Sinon,* grego famoso pela sua perfidia. Quando os seus compatriotas fingiram levantar o cêrco de Troia, convenceu os Troianos de que havia sido abandonado por elles e persuadiu-os em seguida a que introduzissem na sua cidade o cavallo, que occultava dentro as tropas gregas *(Eneida,* II).

C

Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a deosa em Cythere celebrada (84),
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada,
E com ventos contrarios a desvia,
D'onde o piloto falso a leva e guia.

CI

Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua comettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O Capitão que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas a ilha demandava;
Mas não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

CIII

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia;
Huma cidade nella situada,
Que na fronte do mar apparecia,
De nobres edificios fabricada
Como pór fóra ao longe descobria,
Regida por hum Rei da antigua idade;
Mombaça é o nome da ilha e da cidade (85).

---

(84) Vid. nota (44). (85) Vid. nota (60).

CIV

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptisado,
Como o falso piloto lhe dissera,
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que ja sabia a gente que era;
Que Baccho muito de antes o avisara,
Na forma d'outro Mouro, que tomara.

CV

O recado que trazem é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
O' grandes e gravissimos perigos!
O' caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno?

ARGUMENTO

CANTO II

	Estancias
Traiçoeiro convite do rei de Mombaça para que entre a armada no porto	1-6
Manda o capitão com os Mouros a terra dois condemnados para tomar informações; volta dos Mouros	7-16
Traição dos Mouros contra a armada, que é salva por Venus auxiliada das Nereidas . .	17-24
Fugida dos Mouros e do piloto de Moçambique	25-28
Exclamações e supplica do Gama	29-32
Venus invoca o patrocinio de Jupiter em favor dos portugueses	33-41
Caricias de Jupiter á filha e resposta favoravel, vaticinando os gloriosos feitos dos portugueses	42-55
Jupiter manda á terra Mercurio para dispor os animos em Melinde a favor dos portugueses	56-59
Apparece em sonhos ao Gama intimando-lhe que deixe Mombaça e demande o porto amigo de Melinde	60-63
Partida da armada; encontro de dois navios e informação de Melinde dada por um Mouro aprisionado	64-71
Chegada a Melinde; hospitaleira recepção do rei e do povo, que envia refrescos e os convida a desembarcar.	72-77

Estancias

Embaixada do capitão, falla d'este e resposta do rei 78-88
Festejos de noite na armada correspondidos de terra 89-91
Visita do rei á armada e mutuas práticas de amisade do rei e capitão 92-108
O rei pede ao Gama conte a historia do seu país e a sua navegação 109-113

CANTO SEGUNDO

I

Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo (1),
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo (2),
Quando as infidas gentes se chegaram
A's náos, que pouco havia que ancoraram.

II

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia :
« Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via,
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada ;
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil e cansada,
Diz que na terra podes reformá-la,
Que a natureza obriga a desejá-la.

---

(1) Foi ao pôr do sol do dia sete de abril de 1498 que os Portuguêses chegaram a Moçambique. (2) Este deos nocturno, segundo a mythologia, era *Erebo* casado com a *Noite* e porteiro do Sol quando este se recolhia depois de feito o seu curso em casa de Thetis, que é o mar.

IV

E se buscando vás mercadoria
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera e prestante,
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo. »

V

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo,
E diz que, porque o Sol no mar se esconde
Não entra para dentro, obedecendo;
Porém que como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia.
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

VII

E de alguns que trazia condemnados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida e nefanda
Das náos se despedia e o mar cortava;
Foram com gestos ledos e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E despois que ao Rei apresentaram
C'o recado os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquillo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam;
Que onde reina a malicia está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X

Mas aquelle que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis; que urdia a falsidade (3)
Por ver o navegante destruido,
Estava n'huma casa da cidade,
Com rosto humano e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

XI

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto e Santo Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada
Sobre a unica Fenix Virgem pura.
A companhia sancta está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahiram
De fogo, varias linguas referiram (4).

XII

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Põem em terra os giolhos e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava (5)
O Thyoneu; e assi por derradeiro (6)
O falso Deos adora o verdadeiro.

---

(3) Para os antigos Bacho tinha um duplo nascimento: faziam-no filho de Jupiter e Semele (vid. I, n. **(36)**) mas, apesar disso, faziam-no tambem nascido da coixa de Jupiter. **(4)** Quadro perfeitamente christão. Allude o Poeta ao Espirito-Santo e á Virgem Nossa Senhora comparando-a á *Fenix*, ave symbolica que, segundo os antigos, era unica na sua especie, vivia muitos seculos e renascia sempre das suas proprias cinzas. Os *doze*, são os Apostolos, alludindo á scena do Pentecostes descripta nos *Actos*, II. **(5)** *Panchaia*, parte da *Arabia Feliz*, muito célebre entre os antigos povos pela quantidade de perfumes que produzia. Ordinariamente colloca-se na Sabéa, a N. E. da Arabia, no golpho persico. Ha quem queira que fôsse uma ilha proxima da Arabia e ha mesmo quem duvide da sua existencia. **(6)** *Thyoneu* — vid. I, n. **(63)**.

XIII

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e n'hum momento
Appareceo no rubido horisonte
Da moça de Titão a roxa fronte (7);

XIV

Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo;
E sendo o Portugues certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras e sacerdote sancto;
Que ali se agasalharam e dormiram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'huma mostra tão clara e tão perfeita.

XVI

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam,
Que levemente hum animo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A náo da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

---

(7) Isto é — a Aurora, filha de *Titão* e da *Terra*.

XVII

Na terra cautamente apparelhavam
Armas e munições, que como vissem
Que no Rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem;
E nesta traição determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem (8),
E que incautos pagassem, deste geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando (9)
Andava sempre a gente assignalada,
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Voa do Ceo ao Mar como huma setta.

XIX

Convoca as alvas filhas de Nereo (10),
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo (11),
Das aguas o poder lhe obedecia;
E propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

XX

Já na agua erguendo vão, com grande pressa,
Co'as argenteas caudas branca espuma;
Doto c'o peito corta e atravessa (12)
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nise; Nerine se arremessa (13)
Por cima da agua crespa em força summa;
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereides apressadas (14).

---

(8) Vid. I, n. **(48)**. **(9)** Um dos nomes de Venus — vid. I, n. **(42)**. **(10)** Vid. I, n. **(82)**. **(11)** Alguns faziam Venus nascida das espumas do mar. **(12)** *Doto* era uma das nereidas — vid. I, n. **(82)**. Este verso é uma reminiscencia de Vergilio:

Mortalem eripiam formam, magnique jubebo
Aequoris esse deas: quales Nereïa Doto
Et Galatea secant spumantem pectore pontum.

(13) *Nise, Nerine,* nomes de Nereidas; vid. I, n. **(82)**. **(14)** Vid. I, n. **(82)**.

XXI

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso (15),
Vai a linda Dione furiosa (16);
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa.
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa;
Repartem-se e rodeam nesse instante
As náos ligeiras, que iam por diante.

XXII

Põe-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando;
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte náo forçando;
Outras em derredor levando-a estavam
E da barra inimiga a desviavam.

XXIII

Quaes para a cova as próvidas formigas
Levando o peso grande accommodado,
As forças excitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado,
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas estorvando
A' gente portuguesa o fim nefando.

XXIV

Torna para detraz a náo forçada,
Apesar dos que leva, que gritando
Maream velas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo e a outro atravessando
O Mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a náo lhe mette medo.

---

(15) *Tritão*, deus marinho, filho de Neptuno e de Amphitrite; cavalgava montado em cavallos marinhos. (16) Vid. I, n. (42).

XXV

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha.
Não sabem a razão de furia tanta;
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI

Ei-los subitamente se lançavam
A seus bateis veloces, que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua, a nado se acolhiam.
De hum bordo e doutro subito saltavam,
Que o medo os compellia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII

Assi como em selvatica alagoa
As rãs, no tempo antiguo Lycia gente (17),
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
Daqui e dali saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Só as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as náos guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto
Onde percam a vida doce e cara,
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

---

(17) *Lycia*, antiga região da Asia Menor, ao S. da Phrygia, entre a Caria e a Pamphylia, celebre pelo oraculo de Apollo. A mythologia dizia que os seus habitantes foram convertidos em rãs por terem recusado agua a Latona, mãe de Apollo.

XXIX

Vendo o Gama, attentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O Piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
E vendo sem contraste e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a náo passar avante não podia,
Havendo-o por milagre assi dizia:

XXX

O' caso grande, estranho e não cuidado!
O' milagre clarissimo e evidente!
O' descoberto engano inopinado!
O' perfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

XXXI

Bem nos mostra a divina Providencia
D'estes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança;
Mas pois saber humano, nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança,
O' tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

XXXII

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas perfida e malina,
Nalgum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos (18),
Pois só por teu serviço navegamos.

---

(18) A terra que os portuguêses procuravam era a India.

XXXIII

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione, e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram d'esta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas,
Já na terceira esphera recebida
Avante passa ; e, lá no sexto Ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo (19).

XXXIV

E como ia afrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava
Que as estrellas e o ceo e o ar vizinho,
E tudo quanto a via namorava ;
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho (20),
Huns espiritos vivos inspirava
Com que os polos gelados acendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

XXXV

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e cara,
Se lh'apresenta assi, como ao Troiano
Na selva Idêa já se apresentara (21).
Se a vira o caçador que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram (22).

XXXVI

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia ;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava e não se via ;
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o Menino as almas acendia ;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

---

(19) Para os antigos a *Lua* era o primeiro planeta, o segundo *Mercurio, Venus* o terceiro, o *Sol* o quarto, *Marte* o quinto, *Jupiter* o sexto, *Saturno* o setimo. E' escusado notar quanto estas idéas se afastam da realidade. **(20)** O filho de Venus é Cupido, o deus do amor. *Dos olhos, onde... faz o ninho,* diz o Poeta com Propercio — *oculi sunt in amore duces* e com Virgilio *Ut vidi, ut perii.* **(21)** *Selva Idêa,* uma do monte Ida, junto a Troia, onde Páris deu o seu juizo no pleito entre Juno, Pallas e Venus Tratava-se de saber a quem competia a maçã que a *Discordia* apresentava com este distico — *Pulchriori detur!* **(22)** *Acteon* metamorphoseado em veado por Diana, que assim se quis vingar d'elle a ter surprehendido no banho. Foi logo despedaçado pelos cães.

XXXVII

C'hum delgado cendal ás partes cobre
De quem vergonha é natural reparo :
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O veo, dos roxos lirios pouco avaro ;
Mas para que o desejo accenda e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no Ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII

E mostrando no angelico semblante
Co'o riso huma tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa, a se ri n'hum mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla (23) :

XXXIX

« Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil e amoroso,
Posto que a algum contrario lhe pezasse ;
Mas pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que t'o merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina :
Assentarei em fim que fui mofina.

XL

Este povo que é meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo.
Por elle a ti rogando choro e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo,
Ora pois, porque o amo é mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

---

(23) Imitação de Virgilio na *En.*, I, v. 233 e seg., onde Venus intercede junto de Jupiter por Eneas.

XLI

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... » E nisto, de mimosa, (24),
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa;
Calada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedosa;
Torna a seguí-la; e indo por diante
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

XLII

E destas brandas mostras commovido,
Que moveram de hum tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual do Ceo subido
Torna sereno e claro o ar escuro (25),
As lagrimas lhe alimpa, e acendido
Na face a beija, e abraça o colo puro;
De modo que d'ali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

XLIII

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga, o choro lhe acrescenta,
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta;
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV

« Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem commigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

---

(24) Emprega-se aqui a figura *Aposiopesis* ou *reticencia*, á semelhança dos *Quos ego...* de Vergilio na *Eneida*, I, v. 139. **(25)** « *Vultu quo coelum tempestatesque serenat* » *(En.*, I).

XLV

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo (26),
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos e a fonte de Timavo (27);
E se o piedoso Eneas navegou
De Scyla e de Charybidis o mar bravo (28),
Os vossos, mores cousas atentanto,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XCVI

Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos e duros
Delles sempre vereis desbaratados;
Os Reis da India, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente subjugados,
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhóres.

XLVII

Vereis este, que agora pressuroso,
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando:
O' caso nunca visto e milagroso
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte e de altos pensamentos,
Que tambem d'ella hão medo os elementos (29)!

---

(26) *Ulysses*, o principal heroe nas luctas com os Troianos; o Poeta allude nesta passagem á lenda que narra que Ulysses aportando a Ogygia, ilha que ficava nas costas da Italia, ali foi recebido pela rainha Calipso, de tal fórma, que eternamente lá ficara se não se lhe opposesse Jupiter, a requerimento de Pallas. **(27)** *Antenor*, troiano que vendeu sua patria aos Gregos. Queimada e destruida Troia recolheu-se a Italia, onde edificou a cidade de Padua. *Timavo*, hoje *Timao*, pequena ribeira dos Estados austriacos (Trieste); tem a sua foz no Adriatico, depois d'um percurso de cinco kil. sómente, mas sempre navegavel. Camões imitou Vergilio:

Antenor potuit...
Illyricos penetrare sinus, atque intima tutus
Regna Liburnorum, et fontem superare Timavi. (*En.*, I.)

(28) Scylla, cabo celebre da Italia, no mar Tyrrheno, no extremo S do reino de Napoles, e á entrada do estreito de Messina. Ficava em frente Charybdes. O perigo desta passagem para os navegantes ficou celebre na historia e por isso se diz — estar entre Scylla e Charybde. Hoje esse perigo quasi não existe devido a convulsões vulcanicas, que mudaram o aspecto dos logares. **(29)** Referencia ao facto que se deu durante a segunda viagem do Gama, em 1524. Os marinheiros vendo inopinadamente revolver-se e agitar-se o mar, foram tomados de horror. O Gama tranquilisou-os dizendo: Amigos, prazer e alegria, que o mar treme de nós! (Vid. Barros, *Decada 3.ª*, l. 9.º, c. 1.º). O phenomeno era certamente devido a um tremor de terra sub-marino.

XLVIII

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As náos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX

E vereis o mar Roxo tão famoso (30)
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso (31)
Duas vezes tomado e subjugado;
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas settas traspassado;
Que quem vai contra os vossos claro veja
Que, se resiste, contra si peleja.

L

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo (32);
Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo;
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero e horrendo;
Do Mouro ali verão, que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.

---

(30) Mar Vermelho ou Golfo Arabico *(Arabicus sinus)*, situado entre o Egypto e a Abyssinia a O., e a Arabia a E. e ao N., separado do Mediterraneo pelo canal de Suez e ligado ao S. pelo estreito de Bab-el-Mandeb ao Mar das Indias. Comp. 2.600 k., larg. média 240 k. Foi a grande via maritima e commercial dos antigos. **(31)** *Ormus*, cidade e porto da Asia á entrada do golpho Persico; foi tomada pelos portuguêses em 1507. Era afamada pela pesca das perolas que se fazia nas suas proximidades. **(32)** *Diu*, ilha do Mar das Indias, ao sul da peninsula de Gudjerat. A capital era uma cidade do mesmo nome. Soffreu dos portuguêses dois cercos que ficaram memoraveis na nossa historia d'Além-mar: o 1.º em 1538, sendo viso-rei D. Garcia de Noronha e capitão D. Antonio da Silveira; o 2.º em 1547 sendo governador D. João de Castro e capitão D. João de Mascarenhas.

LI

Goa vereis aos Mouros ser tomada (33),
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora :
Ali soberba, altiva e exalçada,
Ao gentio, que os idolos adora
Duro freio porá, e a toda a terra,
Que cuidar fazer aos vossos guerra.

LII

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente (34) ;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente (35) ;
E vereis em Cochim assignalar-se
Tanto hum peito soberbo e insolente (36),
Que cithara jámais cantou victoria
Que assi mereça eterno nome e gloria.

LIII

Nunca com Marte instructo e furioso
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O Capitão venceo Romano injusto,
Que dos povos da Aurora e do famoso
Nilo e do Bactra Scythico e robusto,
A victoria trazia e presa rica,
Preso da Egypcia linda e não pudica ; (37)

---

(33) *Goa*, capital das possessões portuguêsas da India. Foi tomada por Aff. de Albuquerque em 1570. **(34)** Cidade da India inglêsa, no tempo das descobertas portuguêsas capital dum reino independente. O Poeta refere-se ao cerco de 1507 quando era viso-rei da India D. Francisco d'Almeida e capitão da fortaleza D. Lourenço de Brito. **(35)** Cidade tambem hoje dos inglêses, capital da antiga provincia do Malabar e hoje do districto de Calecut. Vasco da Gama abordou lá em 1498 ; foi tomada e destruida em 1509 primeiro anno do governo de Aff. de Albuquerque. **(36)** Tambem da India inglêsa, na costa do Malabar, fundada em 1503 por Albuquerque. Com os reis de Cochim tiveram sempre os portuguêses boa amizade. O *peito que se distinguiu* é Duarte Pacheco. **(37)** Camões allude á celebre batalha naval de *Actium* (31 A. C) ganha por Octaviano contra Marco Antonio e Cleopatra, ferida junto do promontorio de *Actium*, proximo do qual ficava *Leucate*. *Bactra*, rio da Asia, na região Bactriana, hoje Turkestan. A Egypcia é Cleopatra.

LIV

Como vereis o mar fervendo acceso
Co'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando;
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso (38),
Até o loginquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano (39),
Nem das Boreaes ondas ao Estreito (40),
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Posto que em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados. »

LVI

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha (41)
Hum pacifico porto e socegado,
Para onde sem receio a frota venha;
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse

LVII

Já pelo ar o Cylinêo voava;
Com as azas nos pés á terra desce;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Do Inferno, e o vento lhe obedece (42);
Na cabeça o galero costumado:
E desta arte a Melinde foi chegado.

---

(38) Nome que os Gregos davam a quatro peninsulas: 1 — *C. da Thracia* h. penins. dos Dardanelos ou de Gallipolli; *C. Taurico* h. Criméa; *C. Cimbrica* h. Jutland; *C. de ouro* h. Malaca. Esta era muito rica. Pertenceu-nos de 1511 a 1641. **(39)** Do Oriente ao Occidente. Gangetico do rio Ganges e Gaditano de Gades, h. Cadis. **(40)** Do Norte ao Sul. Boreaes ondas ou Mar do Norte *Estreito que mostrou*... é o Estreito de Magalhães, descoberto em 1520 pelo português Magalhães, então ao serviço da Espanha. **(41)** Mercurio por ser filho de Maia. Vid 1, n. **(27)**. **(42)** Nome dado a Mercurio, por ser venerado em Cyllene, monte da Arcadia.

LVIII

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro;
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem amado e caro.
Desta arte vai fazendo a gente amiga
Co'o rumor famosissimo e preclaro.
Já Melinde em desejos arde todo (43)
De ver da gente forte o gesto e modo.

LIX

D'ali para Mombaça logo parte,
Aonde as náos estavam temerosas,
Para que a gente mande que se aparte
Da barra imiga e terras suspeitosas;
Porque mui pouco val esforço e arte
Contra infernaes vontades enganosas;
Pouco val coração, astucia e siso,
Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

LX

Meio caminho a noite tinha andado,
E as estrellas no ceo co'a luz alheia
Tinham o largo mundo alumiado,
E só co'o somno a gente se recrea.
O Capitão illustre, já cançado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso então aos olhos dava;
A outra gente a quartos vigiava;

LXI

Quando Mercurio em sonhos lhe aparece
Dizendo: « Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo dano;
Fuge, que o vento e o Ceo te favorece;
Sereno o tempo tens e o Oceano,
E outro Rei mais amigo n'outra parte
Onde podes seguro agasalhar-te.

---

(43) *Melinde*, cidade da costa de Africa a pouca distancia de Mombaça — I, n. **(60)**.

LXII

Não tens aqui senão apparelhado
O hospicio que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava (44);
As aras de Busiris infamado (45),
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas;
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quasi junto donde o sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade (46).
Ali, tua frota alegre recebendo,
Hum rei, com muitas obras de amisade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e sabia guia. »

LXIV

Isto Mercurio disse, e o somno leva (47)
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De huma subita luz e raio santo;
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo espirito ao mestre seu mandava,
Que as velas désse ao vento que assoprava.

LXV

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor dos nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros; de huma e outra banda
Levam, gritando, as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

---

(44) *Diomedes*, fabuloso rei da Thracia, celebre pela sua crueldade. Nutria os seus cavallos com a carne dos hospedes que agasalhava. Hercules venceu-o e fê-lo devorar pelos seus proprios cavallos. **(45)** *Busiris*, outro rei fabuloso do Egypto, morto por Hercules, que elle queria immolar. **(46)** Melinde, a 5º lat. S. **(47)** Vid. I, **(27)**.

LXVI

Neste tempo que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa, destruidos;
Mas com vista de linces vigiavam (48)
Os Portugueses, sempre apercebidos.
Elles como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII

Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias humidas de argento;
Assopra-lhe galerno o vento e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII

Tinha huma volta dado o Sol ardente (49)
E noutra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram;
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para elles arribando, as velas viram;
Hum de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX

Não é o outro que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
Sem rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano (50);
Que como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia, e se a tivera
Mais damno, resistindo, recebera.

---

(48) Animaes a que se attribue desde toda a antiguidade uma vista agudissima. **(49)** Havia passado um dia desde que tinham deixado Mombaça: era manhã quando avistaram os dous barcos dos Mouros. **(50)** Sem resistencia. Cfr. I, **(7)** e **(80)**.

LXX

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India, que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse,
Mas não lhe succedeo como cuidava;
Que nenhum delles ha que lhe ensinasse
A que parte dos ceos a India estava;
Porém dizem-lhe todos que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

LXXI

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitão o assella por verdade,
Porque já lhe dissera deste geito
O Cylinêo em sonhos; e partia (51)
Para onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea,
Quando hum e outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea;
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o Ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello pos a quanto tinha feito (52);

LXXIII

Quando chegava a frota áquella parte
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia;
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpurea ao longe apparecia;
Soam os atambores e pandeiros;
E assi entravam ledos e guerreiros.

---

(51) Vid. II, **(42)**. **(52)** Periphrase significando o dia em que a armada portuguêsa avistou Melinde — Domigo de Paschoa em 5 de abril de 1498. Eis a explicação dos termos mythologicos empregados por Camões: *Europa*, filha de Aganor, rei da Phenicia, foi roubada por Jupiter metamorphoseado em touro; este ficou designando um dos signos do Zodiaco; *Flora*, é a deusa das flôres e dos jardins, amada do Zephiro e mãe da Primavera; *Amalthea*, cabra que amamentou a Jupiter; um dos seus cornos tornou-se o corno da abundancia, a que se chama cornucopia.

LXXIV

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente, que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira e mais humana
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana;
Pega no fundo a ancora pesada;
Mandam fóra hum dos Mouros, que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV

O Rei que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza
Quanto a gente fortissima merece;
E com verdadeiro animo e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito, que saissem
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI

São offerecimentos verdadeiros
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros
E gallinhas domesticas cevadas,
Com as fructas, que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das aguas molle cresce,
E como é fóra dellas, se endurece (53).

---

(53) O *coral* é uma especie de polipeiro, que nasce debaixo d'agua, como diz o Poeta. Fallaram muito d'elle os antigos poetas, como Ovidio, que faz menção da fabula que a seu respeito foi inventada. Vid. *Metam.*, lib. IV.

LXXVIII

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sair naquelle instante
De suas náos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo que Palas lhe ensinava (54),
Estas palavras taes fallando orava :

LXXIX

« Sublime Rei, a quem o Olympo puro
Foi da Summa Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado que temido,
Como porto mui forte e mui seguro
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando
P'ra roubar-lhe as fazendas cobiçadas ;
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto e sublimado (55).

LXXXI

Que geração tão dura ha hi de gente,
Que barbaro costume e usança fea,
Que não vedem os portos tão somente,
Mas inda o hospicio da deserta area (56) ?
Que má tenção, que peito em nós se sente ?
Que de tão pouca gente se arrecea,
Que com laços armados tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos ?

---

(54) Um dos nomes de Minerva. Commumente *Pallas* designa a guerra e *Minerva* a sabedoria e bellas-artes ; mas os dois nomes empregam-se indifferentemente. **(55)** D. Manuel. **(56)** Imitação de Virgilio :

Quod genus hoc hominum ? quaeve hunc tam barbara morem
Permittit patria ? hospitio prohibemur arenae. (*En.*, I, 543-544).

LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperamos
Que teve o perdido Ithaco em Alcino (57);
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do interprete divino;
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano e raro.

LXXXIII

E não cuides, ó Rei, que não saisse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto ou praia.

LXXXIV

E porque é de vassalos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça;
Mas as mercês e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça,
Em tudo aquillo que elle e os seus poderem,
Em quanto os rios para o mar correrem. »

LXXXV

Assi dizia; e todos juntamente
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavam muito o estomago da gente
Que tantos Ceos e mares vai passando;
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portugueses na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei, que é tão longe obedecido.

---

(57) *Alcino,* rei dos Theaceanos, na ilha de Corcyro (h. Corfú), acolheu Ulysses á sua volta de Troia. Tinha bellos jardins que Homero cantou na *Ulyssea.*

LXXXVI

E com risonha vista e ledo aspeito,
Responde ao embaixador, que tanto estima :
« Toda a suspeita má tirai do peito ;
Nenhum frio temor em vós se imprima ;
Que vosso preço e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima ;
E quem vos fez modesto tratamento
Não pode ter subido pensamento.

LXXXVII

De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Ainda que me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia ;
Mas se lh'o o regimento não consente,
Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII

Porém, como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias (58)
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias ;
E se vier do mar desbaratada
Do furioso vento e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições e mantimentos. »

LXXXIX

Isto disse ; e nas aguas se escondia
O filho de Latona : e o mensageiro (59)
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra, que buscavam ;
E assi ledos a noite festejavam.

---

(58) Especie de barco usado nas costas de Africa. **(59)** Apollo, filho de Jupiter e Latona. Aqui toma-se pelo sol. Era o deus da medicina, da poesia, das artes, dos rebanhos, do dia e do sol e nesta ultima qualidade se chamava *Phebo*. A mythologia fazia-o nascido em Delos. Tinha em Delphos um templo riquissimo. Todos os annos se celebravam em sua honra os *jogos Apollinarios*.

XC

Não faltam ali os raios de artificio
Os tremulos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra e as ondas atroando;
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio (60)
Nas bombas que de fogo estão queimando;
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zunido;
Anda em giros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se alevanta ao ceo, da gente;
O mar se via em fogos acendido,
E não menos a terra; e assi festeja
Hum ou outro, á maneira de peleja.

XCII

Mas já o Ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E já a mãe de Memnon a luz trazendo (61),
Ao somno longo punha certo atalho;
Iam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

XCIII

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias (62),
Lustram os panos da tecida seda;
Em lugar de guerreiras azagaias (63)
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.

---

(60) Gigantes monstruosos, tendo um só olho ao meio da fronte e que no Etna forjavam, sob as ordens de Vulcano, os raios de Jupiter. **(61)** *Memnon,* fabuloso rei do Oriente, a que dão por mãi a *Aurora.* **(62)** *Cabaia* — especie de vestidura estreita e junta ao corpo. **(63)** Pequena lança de que se serviam os Mouros.

XCIV

Hum batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça huma fota guarnecida (64)
De ouro e de seda, e de algodão tecida.

XCV

Cabaia de damasco rico e dino,
Da Tyria cor, entre elles estimada;
Hum colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra é superada;
C'hum resplendor reluze adamantino;
Na cinta a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

XCVI

Com hum redondo amparo alto de seda,
N'huma alta e dourada hastea enxerido,
Hum ministro a solar quentura veda
Que não offenda e queime o Rei subido.
Musica traz na proa, estranha e leda,
De aspero som, horrissimo ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza (65),
Carmesi, cor que a gente tanto preza.

---

(64) *Fota*, especie de touca de várias côres, de que usavam os Mouros. **(65)** Cidade da Italia, edificada sobre as aguas do Adriatico, antiga capital da republica de Veneza, hoje capital da provincia do seu nome. Tem numerosos monumentos.

XCVIII

De botões douro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Italico modo a aurea espada;
Pluma na gorra, hum pouco declinada (66)

XCIX

Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o murice excellente (67)
A varia cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente;
Tal o formoso esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nimpha filha de Thaumante (68).

C

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres, resoando;
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os toldos pelas aguas arrojando.
As bombardas horrisonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando,
Amiudam-se os brados accendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;
Elle co'a cortezia que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
C'humas mostras de espanto e admiração,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em muito grande estima tinha
Gente, que de tão longe á India vinha.

---

(66) Cobertura da cabeça, redonda e sem abas. **(67)** *Murice*, um mollusco gasteropodo; refere-se o Poeta á cor purpura ou vermelha. **(68)** Deusa Iris ou Arco-iris.

CII

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse;
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse lh'o pedisse;
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que já ouvio dizer, que noutra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII

E como por toda a Africa se soa,
Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a coroa
Do reino, onde as Hesperidas viveram (69).
E com muitas palavras apregoa
O menos, que os de Luso mereceram,
E o mais, que pela fama o Rei sabia;
Mas desta sorte o Gama respondia:

CIV

« Oh! tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria e adversidade,
Dos mares exp'rimenta a furia insana;
Aquella alta e divina Eternidade,
Que o ceo revolve, e rege a gente humana;
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV

Tu só, de todos quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos horridos de Eolo (70)
Refugio achamos bom, fido e jucundo.
Em quanto apascentar do largo Polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
Viverão teus louvores em memoria. »

---

(69) Filhas de Atlas e de Hesperis; eram tres — Egle, Arethusa, Hyperethusa. Possuiam um jardim, onde havia arvores com fructos de oiro e que era guardado por um dragão de cem cabeças. Hercules entrou nesse jardim e matou o dragão, o que foi uma das suas proezas. Questiona-se sobre o logar que habitavam estes seres mythologicos; uns querem que fosse nas Canarias, outros na Mauritania, ao pé de Atlas, etc. Camões refere-se a Fez e Marrocos, onde os portuguêses alcançaram grandes victorias. **(70)** *Eolo* — deus dos ventos, filho de Jupiter; era quem desencadeava as tempestades.

CVI

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as náos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note e veja.
Mas para o ceo Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o festeja;
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

CVII

Mas despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava (71),
Mandava estar quieto e ancorado
N'agua o batel ligeiro, que os levava,
Por fallar de vagar co'o forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia e fama.

CVIII

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes
C'o povo havidas que a Mafoma adora;
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora (72);
Agora pelos povos seus vizinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

CIX

« Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde morais, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente,
Co'os successos das guerras do começo,
Que, sem sabê-las, sei que são de preço.

---

(71) A artilharia, cousa nova e estranha para os habitantes d'aquellas regiões. **(72)** *Hesperia* — Espanha. Os Gregos deram primeiramente este nome á Italia por a julgarem o paiz mais occidental (*Hesperia*, palavra grega que significa *o poente*); quando depois se alargaram os seus conhecimentos geographicos estenderam esse nome á Espanha.

CX

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros, alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta ; que agora vem co'os aureos freios
Os cavallos que o carro marchetado
Do novo sol, da fria Aurora trazem :
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

CXI

E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares,
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras portuguesas singulares ?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.

CXII

Commetteram soberbos os Gigantes
Com guerra vã o Olympo claro e puro (73) ;
Tentou Piritho e Theseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro (74).
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos he trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno e ceo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII

Queimou o sagrado templo de Diana
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato por ser da gente humana (75)
Conhecido no mundo e nomeado.
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantajado,
Mais razão ha, que queira eterna gloria
Quem faz obras tão dignas de memoria. »

---

(73) Filhos de Titan e da Terra, foram tres — Briareo, Encellado e Adamastor. Quiseram escalar o ceo e expulsar de lá Jupiter. **(74)** Piritho e Theseu tentaram descer ao inferno para roubar Proserpina, mulher de Plutão. **(75)** Erostrato, ephesio obscuro que, querendo tornar-se immortal, incendiou o templo de Diana, em Epheso, que era uma das sete maravilhas do mundo. Os habitantes de Epheso, indignados, prohibiram, por um decreto, que se lhe pronunciasse o nome.

ARGUMENTO

CANTO III

	Estancias
Invocação a Caliope	1-2
Preambulo da narração do Gama	3-5
Descripção geographica da Europa	6-21
Historia antiga de Portugal	22
Conde D. Henrique — D. Affonso Henriques .	23-28
Luctas de D. Affonso Henriques com sua mãi.	29-33
Cerco de Guimarães. Egas Moniz	34-41
Batalha de Ourique	42-52
Origem das armas de Portugal	53-54
Conquistas aos Mouros	55-67
Cerco de Badajoz	68-69
Guerra com o rei de Leão	70-73
D. Sancho I; successos do seu reinado. . .	75-89
D. Sancho II	91-93
D. Affonso III	94-95
D. Dinís	96-99
A Rainha de Castella supplíca a intervenção de seu pai.	100-117
Episodio de D. Ignês de Castro	118-135
Severidade de D. Pedro	136-137
D. Fernando.	138-143

CANTO TERCEIRO

I

Agora tu, Calliope, me ensina (1)
O que contou ao Rei o illustre Gama;
Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina (2),
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana (3);
Deixa as flores de Pindo, que já vejo (4)
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi que tens algum receio
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria,
Quando, despois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
« Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

---

(1) Musa que presidia á epopea. Eram nove as musas: *Calliope, Clio* (historia); *Erato* (poesia amorosa); *Melpomene* (tragedia); *Thalia* (comedia); *Terpsichore* (dansa); *Euterpe* (musica); *Polymnia* (ode); *Urania* (astronomia). (2) *Apollo*, que houve de Calliope a Orpheo e que tambem foi affeiçoado a Daphne, Clycie e Leucothoe, que o Poeta nomeia. (3) Fonte do monte Helicon, na Beocia, que fazia poetas os que d'ella bebiam. (4) Monte da Macedonia consagrado a Apollo.

IV

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja;
Mas pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

V

Além disso, o que a tudo emfim me obriga
E' não poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer.
Mas, porque nisto a ordem leve e siga
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

VI

Entre a zona que o Cancro senhorea (5),
Meta septentrional do Sol luzente,
E aquella que por fria se arrecea,
Tanto como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterrano.

VII

Da parte donde o dia vem nascendo
Com Asia se avizinha; mas o rio
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o iradō senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante (6).

(5) Camões descreve a situação geographica da Europa, limitada ao N. *(Arcturo)* pelo mar Glacial, a O. pelo Atlantico, a S. (parte *Austral)* pelo Mediterraneo, e a E. pelo mar Caspio, montes Urais e rio Ural. Para comprehensão da estancia é preciso lembrar que o tropico *Cancro* e o *circulo polar arctico* limitam a *zona temperada boreal;* o tropico *Capricornio* e o *circulo polar antarctico* a *zona temperada austral;* entre os tropicos, e cortada ao meio pelo *Equador,* fica a *zona torrida.*
(6) *M. Rhipheios* ou *Hyperboreos,* cadeia de montanhas que os antigos diziam situadas nas regiões septentrionaes e que successivamente corresponderam ao Tchardag, Balkans e Carpathos. O *rio* que d'elles corre é o *Tanaïs* (hoje *Don)* que se precipita na *alagoa Meotis,* i. é, no mar de Azof (antig. *Palus Mœotis).* O *mar que fero,* etc. é o do *Archipelago.*

VIII

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo
E co'o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes (7).

IX

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram sobre a humana antiguidade
Co'os que tinham então a Egypcia terra (8).
Mas quem tão fóra estava da verdade
(Já que o juizo humano tanto erra),
Para que do mais certo se informara
Ao campo Damasceno o perguntara (9).

X

Agora nestas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noroega,
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias, que Italia não lhe nega;
Aqui, emquanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio e frio Dano (10).

XI

Entre este mar e o Tanais vive estranha (11)
Gente, Ruthenos, Moscos e Livonios (12),
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna os Marcomanos são Polonios (13).
Sujeitos ao Imperio de Alemanha
São Saxones, Bohemios e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amasis e Albis rio (14).

---

(7) Vid. n. anterior. **(8)** Os Scythas e os Egypcios discutiram muito entre si sobre qual d'elles teria maior antiguidade. **(9)** Por *Campo Damasceno* entende o Poeta a região asiatica onde ficava collocado o Paraiso terrestre e fôra creado o primeiro homem. **(10)** Lappia = Laponia. A Escandinavia é uma *peninsula*, que confinava com a região a que os antigos davam o nome vago de *Sarmacia*. Pelo mar, que a banhava, navegavam os Brussios (hoje Prussianos), Suecos e Danos (hoje Dinamarquêses). **(11)** *Tanaïs*, vid. III, **(6)**. **(12)** *Ruthenos*, povo slavo, espalhado pela Galicia, Lithuania e Hungria. *Moscos* ou *Moscovitas*. **(13)** *Hercyna* (hoje *Erzegebirge)*, estendia-se, com a floresta do mesmo nome, por toda a Germania. **(14)** *Amasis* hoje *Ems;* Albis hoje *Elbo*.

XII

Entre o remoto Istro e o claro estreito (15),
Aonde Helle deixou co'o nome a vida (16),
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida (17),
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito (18)
Do Othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indino :
Boa injuria do grande Constantino (19) !

XIII

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria (20),
E vós tambem, ó terras excellentes (21)
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas que por letras.

XIV

Logo os Dalmatas vivem ; e no seio (22)
Onde Antenor já muros levantou
A soberba Veneza está no meio (23)
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar que, cheio
De esforço, nações varias sujeitou :
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada (24) !

---

(15) *Istro* é o actual *Danubio*. **(16)** *Helle* é a filha de Athamante, rei da Beocia. Fugindo com seu irmão Phrixo e indo a atravessar o Ponto no carneiro de ouro, que seu pai lhe dera, afogou-se, *deixando com o nome a vida — Hellesponto*. **(17)** Os antigos faziam Marte nascido na Thracia, povo aguerrido e valente. **(18)** *Hemo* e *Rhodope*, montes da Thracia. **(19)** *Byzancio*, hoje Constantinopla. **(20)** *Macedonia*, região ao N. da Grecia engrandecida por Philippe e Alexandre Magno, reduzida a prov. romana em 168 a. C. Pertence hoje á Turquia. E' atravessada pelo Axio, hoje *Vardari*. **(21)** Designa o Poeta as outras partes da Grecia. **(22)** *Dalmatas*, povos ao S. da Illyria, depois chamada Dalmacia, hoje no imperio da Austria, ao longo do Adriatico. Cap. — *Zara*. *Seio onde*... designa o Adriatico, onde Antenor edificou a cidade de Padua *(En.*, I). Cfr. II, **(27)**. **(23)** *Veneza* está edificada sobre as lagôas do Adriatico. **(24)** Refere-se Camões nesta e na estancia seguinte á Italia, marcando-lhe os limites.

XV

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co'os muros naturaes, por outra parte,
Pelo meio o divide o Apennino
Que tão illustre fez o patrio Marte;
Mas despois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio e bellica arte:
Pobre está já da antigua potestade:
Tanto Deos se contenta da humildade!

XVI

Gallia ali se verá, que nomeada
Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequana e Rhodano é regada,
E do Garuna frio e Rheno fundo;
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram (25).

XVII

Eis aqui se descobre a nobre Hespanha (26),
Como cabeça ali da Europa toda;
Em cujo senhorio e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;
Mas nunca poderá com força ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha não tire o esforço e ousadia
Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII

Com Tingitania entesta, e ali parece (27)
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano (28).
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que é melhor.

---

(25) Descripção da Gallia, regada pelo Sequana (Sena), Rhodano, Garuna (Garonne) e Rheno. *Montes da nympha*... sam os Pyrineos. Segundo a myth. Pyrene, filha do rei Bebrice, fôra morta pelas feras nuns montes onde Hercules a abandonara; do nome d'ella proveio o dos montes Pyreneus. **(26)** Nas oit. XVII-XIX faz a descripção de Espanha. **(27)** Defronta com a Tingitania, cuja capital era Tingis (hoje Tanger). **(28)** Allude Camões ao estreito de Gibraltar e á fabula de Hercules, o *Thebano*, que separou as montanhas de Calpe e Abyla as quaes depois se chamaram as *Columnas de Hercules*.

XIX

Tem o Tarragones, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta (29);
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa;
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha e senhor d'ella,
Betis, Leão, Granada com Castella (30).

XX

Eis-aqui, quasi cume da cabeça (31)
De Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quis o Ceo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI

Esta é a ditosa patria minha amada,
A' qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros
E nella então os incolas primeiros (32).

XXII

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve (33).
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve (34),
Veio a fazer no mundo tanta parte
Creando-a reino illustre, e foi desta arte:

---

(29) *Tarragonés* indica aqui o habitante de Aragão, porque foi D. Affonso de Aragão quem sujeitou Napoles, chamada pelos antigos, como aqui, Partenope. **(30)** Entre as diversas regiões de Espanha nomeia *Betis* ou seja a Andaluzia, assim chamada por ser banhada pelo Guadalquivir, que os antigos denominavam Betis. **(31)** Principia a descripção de Portugal. **(32)** Vid. 1, **(48)**. **(33)** Vê-se que o Poeta filia a origem do nome Viriatho no latim *vir* homem valente e corajoso. Semelhante opinião é bastante duvidosa. Vid. Dr. A. de Vasconcellos — *Viriatho,* 1894, pg. 21, nota 1. **(34)** Saturno, que devorava os seus proprios filhos, symbolisa o tempo.

XXIII

Hum Rei, por nome Affonso, foi na Hespanha (35),
Que fez aos Sarracenos tanta guerra
Que por armas sanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe á Caspia serra (36),
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle e á morte offerecer-se.

XXIV

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares.
Despois que em feitos altos e subidos,
Se mostraram nas armas singulares,
Quis o famoso Affonso que obras taes
Levassem premio digno e dões iguaes.

XXV

Destes Henrique, dizem que segundo (37)
Filho de hum Rei de Hungria exp'rimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre nem prezado;
E para mais sinal d'amor profundo,
Quis o Rei Castelhano que casado
Com Teresa, sua filha, o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI

Este, despois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve (38),
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em premio destes feitos excellentes
Deo-lhe o supremo Deos em tempo breve
Hum filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano (39).

---

(35) Affonso VI de Castella em cujo reinado viveu Rodrigo Dias Bivar, mais conhecido pelo nome de Cid (1065 1109). **(36)** *Calpe,* uma das columnas de Hercules, antigo nome do promontorio sobre o qual foi construida Gibraltar, na extremidade da Andaluzia. *Herculano,* de Hercules. *Caspia serra,* a banhada pelo Caspio, mar interior entre a Europa e a Asia. **(37)** Camões segue a opinião de que o conde D. Henrique era descendente d'um rei da Hungria; a maioria dos auctores fá-lo oriundo do tronco dos duques de Burgonha. E' o pai do nosso primeiro rei, D. Affonso Henriques (1195). (Cfr. C. da Rocha, *Ensaio,* etc., 6.ª ed., § 55, nota 1.ª). **(38)** Vid. I, **(59)**. **(39)** Nota **(37)**.

XXVII

Já tinha vindo Henrique da conquista (40)
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista (41),
Despois de ter Judea subjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudaram
Para seus senhorios se tornaram;

XXVIII

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Hungaro estremado (42),
Forçado da fatal necessidade,
O esp'rito deu a quem lh'o tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai tal filho se esperava.

XXIX

Mas o velho rumor, não sei se errado (43),
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta que a mãi, tomando todo o Estado,
Do segundo hymeneo não se despreza.
O filho orphão deixava desherdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pai lh'as dera.

XXX

Mas o principe Affonso, que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãi com seu marido as manda e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome;
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

---

(40) A viagem a Jerusalem do conde D. Henrique foi em 1103. **(41)** Godofredo de Bulhão, duque da Lorrena, chefe da primeira cruzada e primeiro rei de Jerusalem (1058-1100). **(42)** Acima, nota **(37)**. **(43)** As segundas nupcias de D. Theresa com Fernando Perez, conde de Trava e Transtamara, a guerra entre ella e seu filho, a fuga do conde para Espanha e a prisão de D. Theresa no Castello de Lanhoso, sam contestados por muitos historiadores.

XXXI

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com elle posta em campo já se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o sensual era maior.

XXXII

Oh Progne crua! oh magica Medea (44)!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea,
São as causas deste erro principais:
Scylla por uma mata o velho pai (45),
Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padrasto e da iniqua mãi levava;
Já lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava,
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros asperos atava,
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos pais se deve (46)!

---

(44) *Progne*, filha de Pandion, rei de Athenas e irmã de Philomela. Para se vingarem de Tereu mataram-lhe o filho e deram-lho a comer. Escapando ao furor d'elle foram convertidas aquella em andorinha e esta em rouxinol. *Medea*, filha d'um rei da Colchida, fugiu com Jason, chefe dos Argonautas; abandonada, vingou-se degolando os filhos que d'elle tinha tido. **(45)** *Scylla*, filha de Niso, rei dos Megarenses, que foi causa da morte de seu pai por amor do rei Minos, a quem ella muito queria. **(46)** Allude ao que teria succedido, como castigo, a D. Affonso, que, saindo por uma porta da cidade de Badajoz, quebrou uma perna, e foi preso por D. Fernando de Aragão.

XXXIV

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo afugenta (47).

XXXV

Não passa muito tempo, quando o forte (48)
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder, que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado.
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz; mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava
Que o Principe, a seu mando submettido,
Lhe desse a obediencia que esperava;
Vendo Egas que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

---

(47) Refere-se á batalha dos *Arcos de Valdevez* em que foi derrotado D. Affonso VII de Castella. (48) Estando D. Affonso Henriques em Guimarães cercado pelo exercito castelhano, Egas Moniz dirigiu-se secretamente ao rei de Leão propondo-lhe, em nome do rei de Portugal, a paz. Não concordando com isso D. Affonso, Egas offereceu-se á morte, com todos os seus, apresentando-se ao rei de Leão com uma corda ao pescoço. E' o que o Poeta narra nas est. XXXV-XLI.

XXXVIII

E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança,
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança :
« Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado e da consorte ;
Se a peitos generosos e excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte ;
Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes ;
Nellas sós exp'rimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis e do touro de Perillo (49). »

XL

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tão temido :
Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo offerecido ;
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim, que a ira, a piedade.

---

(49) *Scinis*, famoso ladrão que devastava a Attica. Suppliciava os que lhe caiam nas mãos atando-os aos ramos de arvores, que tinha dobrado e abaixado até ao chão. Estas endireitavam-se depois subitamente fazendo pedaços os corpos dos desgraçados Matou-o Theseu pelo mesmo supplicio. *Perillo*, atheniense, inventou um genero de supplicio que consistia em metter os homens no interior d'um touro de metal accendendo depois fogo por debaixo. Os gritos dos miseraveis seriam o mugido dos touros. Foi elle o primeiro que experimentou o horrivel engenho, por ordem do tyranno Phalaris.

XLI

Oh grão fidelidade portuguesa
De vassallo, que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empresa
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo, suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara
Que vinte Babylonias que tomara (50).

XLII

Mas já o principe Affonso apparelhava (51)
O Lusitano exercito ditoso
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'alem do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força e gente tão pequeno;

XLIII

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos, que o Ceo regia,
Que tão pouco era o povo baptizado
Que para hum só cem mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia
Commetter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos exp'rimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a famosa e forte dama (52),
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram (53).

---

(50) *Zopyro*, satrapa persa, célebre pela sua dedicação para com Dario I. Para facilitar a este a tomada de Babylonia, mutilou o rosto e obteve entrar na cidade lamentando-se da crueldade do seu rei. Ganha a confiança dos sitiados, entregaram-lhe estes o governo da cidade, cujas portas depois abriu a Dario. **(51)** Segue-se a descripção da batalha do campo de Ourique, que se deu a 25 de julho de 1139. **(52)** Penthesiléa, rainha das fabulosas Amazonas. **(53)** Rio do Ponto, nas margens do qual a tradição faz viver as Amazonas.

XLV

A matutina luz serena e fria
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso, o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na fé todo inflammado, assi gritava :
« Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis ! »

XLVI

Com tal milagre os animos da gente
Portuguesa inflammados, levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam ;
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o ceo tocavam,
Dizendo em alta voz : « Real, Real,
Por Affonso, alto Rei de Portugal ! »

XLVII

Qual, co'os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso (54)
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso ;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta :

XLVIII

Tal do Rei novo o estomago accendido
Por Deos e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido
Co'o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

---

(54) *Moloso,* cão de fila, assim chamado de Molossida, região do Epiro.

XLIX

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos (assoprando
O sibilante Boreas), animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando ;
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato e foge para a aldea :

L

Dest'arte o Mouro attonito e torvado
Toma sem tento as armas mui depressa ;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portugues o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa ;
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão (55).

LI

Ali se vêm encontros temerosos
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra (56).
Golpes se dão medonhos e forçosos,
Por toda a parte andava accesa a guerra,
Mas o de Luso, arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

LII

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando ;
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.

---

(55) *Alcorão* ou *Corão*, palavra arabe que significa *o livro*. E' o codigo religioso dos musulmanos, redigido por Mahomet e attribuido pelo propheta ao proprio Deus. **(56)** Ferindo a terra com o seu tridente Neptuno fez brotar d'ella cavallos, que sam os animaes a que se refere Camões.

LIII

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos e presa rica.
Desbaratado e roto o Mouro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deos fora vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV

Passado já algum tempo que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches subjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno (57)
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI

A estas nobres villas submettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas
Subjuga a fria Sintra o duro braço;
Sintra, onde as Naiades escondidas (58)
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

---

(57) *Scalabicastro* = Santarem. Foi tomada aos Mouros a 8 de maio de 1147. (58) Vid. I, (82).

LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa (59);
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portuguesa,
Ajudada tambem da forte armada
Que das Boreaes partes foi mandada (60).

LVIII

Lá do Germanico Albis e do Rheno (61),
E da fria Bretanha conduzidos (62)
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos (63).

LIX

Cinco vezes a Lua se escondera (64)
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX

Desta arte em fim tomada, se rendeo
Aquella que nos tempos já passados
A' grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados (65),
Cujo poder a tanto se estendeo
Que o Ibero o vio e o Tejo amedrontados (66);
E em fim co'o Betis tanto alguns poderam (67)
Que á terra de Vandalia nome deram (68).

---

(59) Aproveita o Poeta a lenda da fundação de Lisboa por Ulysses, o heroe mais afamado da guerra de Troia. **(60)** Partes do norte. Vid. I, **(46)**. **(61)** Albis = Elbo. **(62)** Antigamente á Gran Bretanha dava-se simplesmente o nome de Bretanha. **(63)** Lisboa, cfr. a n. **(59)**. **(64)** Periphrase para indicar a duração do cêrco, que foi de cinco mêses. **(65)** Cfr. I, **(66)**. **(66)** *Ibero*, antigo nome do Ebro, que nasce nos montes Cantabros e desagôa no Mediterraneo, depois d'um precurso de 800 k. **(67)** *Betis*, é o Guadalquivir — nota **(30)**. **(68)** Antes de passarem a Africa, os Vandalos habitaram na região que se chamou *Vandalitia*, d'onde derivou depois, com o tempo, o nome de Andaluzia.

LXI

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente cuja fama tanto voa ?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lavam, e Torres-Vedras.

LXII

E vós tambem, oh terras Transtaganas (69),
Affamadas co'o dom da flava Ceres (70),
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes ;
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres ;
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
E Alcaçare do Sal estão rendidas.

LXIII

Eis a nobre cidade, certo assento (71)
Do rebelde Sertorio antiguamente,
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceo por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia (72).

LXIV

Já na cidade Beja vai tomar (73)
Vingança de Trancoso destruida
Affonso, que não sabe socegar
Por estender co'a fama a curta vida.
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade ; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

---

(69) Terras do Alemtejo. **(70)** *Ceres,* filha de Saturno e Cybelle, deusa da agricultura. **(71)** Evora, onde residiu *Sertorio,* o general romano vencedor de Metello e Pompeu, assassinado em Espanha por Marco Perpena, um dos seus companheiros de armas (73 a. C.). **(72)** Giraldo, foi cognominado *Sem-Pavor* pela sua ousadia e bravura. Attribue-se-lhe a tomada de Evora aos Mouros em 1166. **(73)** Quando D. Affonso cercava Beja, cercavam e destruiam em seguida os Mouros a villa de Trancoso. Assigna-se á tomada de Beja o anno de 1162.

LXV

Com estas subjugada foi Palmella
E a piscosa Cezimbra, e juntamente (74),
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata um exercito potente,
Sentiu-o a villa e vio-o o senhor della
Que a soccorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.

LXVI

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas qual no mes de Maio o bravo touro
Co'os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente, o bruto e cego amante
Saltea o descuidado caminhante :

LXVII

Dest'arte Affonso, subito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura ;
Fere, mata, derriba, denodado ;
Foge o Rei Mouro e só da vida cura.
D'hum panico terror todo assombrado,
Só de seguí-lo o exercito procura ;
Sendo estes que fizeram tanto abalo
Não mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

---

(74) Cezimbra, situada na costa, a 6 l. da capital, foi sempre afamada pela abundancia de peixe.

LXIX

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo d'aquelle que o merece,
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que o homem não conhece,
Se até aqui sempre o forte rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãi, que estava presa.

LXX

Que estando na cidade que cercara (75),
Cercado nella foi dos Leoneses,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portugueses.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes;
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
A' batalha, onde foi vencido e preso.

LXXI

Oh famoso Pompeio, não te pene (76)
De teus feitos illustres a ruina,
Nem ver que a justa Nemesis ordene (77)
Ter teu sogro de ti victoria dina,
Postoque o frio Phasis ou Syene (78-79),
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado e a Linha ardente (80-81)
Temessem o teu nome geralmente;

---

(75) Badajoz. **(76)** *Pompeu Magno* (106-48 a. C.), general de Sylla, foi enviado como proconsul á Espanha no anno 76, em 71 elevado ao consulado com Crasso, em 66 substituiu Lucullo na guerra com Mithridates, em 60 constituiu o primeiro triumvirato com Cesar e Crasso, em 54 principiam as suas rivalidades com Cesar, acabando, depois de luctas terriveis, por ser vencido na Pharsalia. Foi assassinado no Egypto, onde se havia refugiado, por ordem de Ptolomeu XII. **(77)** *Nemesis*, deusa da vingança. **(78)** *Phasis*, rio da antiga Colchida, que desce do Caucaso e tem a sua foz no Ponto-Euxino. **(79)** *Syena*, cidade antiga do Egypto, nos confins da Ethiopia, h. *Assouan*. **(80)** *Bootes*, constellação septentrional, por outro nome *Sete-Estrello*. Toma-se pelas partes do norte. **(81)** *Linha*... refere-se aos habitantes do Equador.

LXXII

Postoque a rica Arabia e que os feroces (82)
Heniochos e Colchos, cuja fama (83-84)
O veo dourado estende, e os Cappadoces (85),
E Judea, que hum Deos adora e ama,
E que os molles Sophenes e os atroces (86)
Silicios com a Armenia, que derrama (87-88)
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto e sancto monte ;

LXXIII

E posto em fim que desde o mar de Atlante (89)
Até o Scythico Tauro, monte erguido (90),
Já vencedor te vissem ; não te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido (91),
Porque Affonso verás, soberbo e ovante,
Tudo render e ser despois rendido :
Assi o quis o Conselho alto, celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este (92).

LXXIV

Tornado o rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente
Em vão dos Sarracenos foi cercado,
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado
Do sacro promontorio conhecido (93)
A' cidade Ulyssea foi trazido ;

---

(82) *Arabia,* região a O. da Asia meridional. Cap. *Meca.* **(83)** *Heniochos* ou *Eniochos,* povo da Asia Menor, no reino de Ponto, a E., perto do mar. **(84)** *Colchos,* antigo país da Asia, a E. do Ponto-Euxino e ao S. do Caucaso, onde os Argonautas, segundo a tradição grega, foram conquistar o vellocino ou vello de oiro. **(85)** *Cappadocia,* antigo país da Asia Menor. **(86)** *Sophenes,* região da Armenia, a S. O., uma das provincias adquiridas no Oriente pelos Romanos, no sec. III ; no dizer de Lucano eram os seus habitantes molles e effeminados. **(87)** *Cilicia,* antigo país da Asia Menor, na região do Taurus ; uma das principaes cidades era *Tarso.* **(88)** *Armenia,* região da Asia occidental, outr'ora independente, hoje dividida entre a Turquia, Russia e Persia. **(89)** Occeano Atlantico. **(90)** *Scythico Taurus,* cadea de montanhas na Asia Menor. **(91)** Região da Macedonia, por outro nome — Thessalia ou Emonia, onde Pompeu foi vencido por Cesar, seu sogro. **(92)** D. Fernando, rei de Leão e genro de D. Aff. Henriques venceu este em Badajoz. **(93)** Cabo de S. Vicente.

LXXV

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo,
Com gente e co'o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço e d'animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio, que Sevilha vai regando (94),
Co'o sangue Mauro, barbaro e nefando.

LXXVI

E com esta victoria cubiçoso,
Já não descansa o moço, até que veja
Outro estrago, como este temeroso,
No barbaro, que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim d'aquillo, que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança (95).

LXXVII

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa (96)
O corpo fez perder, que teve o ceo;
Já vem do promontorio de Ampelusa (97),
E do Tinge, que assento foi de Anteo (98);
O morador de Abyla não se escusa (99),
Que tambem com suas armas se moveo,
Ao som da Mauritana e ronca tuba,
Todo o reino, que foi do nobre Juba (100).

---

(94) Guadalquivir. **(95)** A tomada de Beja foi em 18 de abril de 1179. **(96)** *Medusa,* uma das tres Gorgonas; era de extraordinaria formusura, mas Minerva, irritada, mudou-lhe os cabellos em serpentes e deu-lhe aos olhos o poder de tudo transformarem em pedra. Perseu cortou-lhe a cabeça, que levou em todas as suas expedições servindo-se d'ella para petrificar os seus inimigos. Atlante, rei da Africa, que, segundo a mythologia, sustentava nos seus hombros o mundo, foi convertido por elle no monte do mesmo nome. **(97)** Promontorio entre Tanger e Ceuta, hoje *Cabo Espartel.* **(98)** *Tinge* ou *Tanger,* fundada, dizia-se, por Anteo. **(99)** *Abyla,* antigo nome de Ceuta. **(100)** *Juba,* rei da Mauritania, m. em 18 a. C.

LXXVIII

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal (101);
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro imperial;
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso;
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada de esforço e acordo generoso,
Tudo provê com animo e prudencia,
Que em toda a parte ha esforço e resistencia.

LXXX

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade,
Que não perde a presteza co'a idade (102).

LXXXI

E co'a famosa gente á guerra usada
Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
A Portuguesa furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados (103),
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

---

(101) *Mir-almuminin*, do arabe = emîr-almuminin = chefe dos crentes. Dozy — *Glossario*, etc., *verb. cit.* **(102)** D. Aff. Henriques partiu de Coimbra para Santarem em soccorro do filho. **(103)** *Marlota*, especie de vestimenta curta usada pelos arabes. Dozy — *Glossario*, etc., *verb. cit.* Em Portugal, diz Fr. Domingos Vieira *(Dicc., verb. cit.)*, dava-se este nome a uma capa mourisca curta, que se usava nas festas de cannas, nas cavalhadas e argolinhas.

LXXXII

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida;
O Mir-almuminin só não fugio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittio
Dão louvores e graças sem medida;
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII

De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava
Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus annos deste geito
A' triste Libitina seu direito (104).

LXXXIV

Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagáram,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
« Affonso, Affonso » os eccos : mas em vão.

LXXXV

Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exp'rimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia (105),
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes de seu braço em si provaram;

---

(104) *Libitina*, deusa dos sepulcros; toma-se pela morte. D. Aff. Henriques morreu a 6 de dezembro de 1185. **(105)** Vid. n. **(67)**.

LXXXVI

Despois que foi por rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judéa já perdida (106).

LXXXVII

Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da cidade, onde Christo padeceo;
Quando Guido, co'a gente em sede accesa,
Ao grande Saladino se rendeo
No lugar, onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam (107).

LXXXVIII

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do sancto Marte (108).
Assi como a seu pai acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado Sylves toma,
E o bravo morador destrue e doma.

LXXXIX

E se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leones não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte (109);
Até que na cerviz seu jugo metta
Da soberba Tui, que a mesma sorte
Veio ter a muitas villas suas vizinhas,
Que por armas, tu, Sancho, humildes tinhas.

---

(106) Na tomada de Silves, por 1190, D. Sancho foi auxiliado por uma armada de cruzados que se dirigia á Terra Santa. **(107)** *Guido* é Gui De Lusignan, ultimo rei de Jerusalem, vencido por Saladino na batalha de Tiberiade. O exercito mahometano occupou um campo, abundante de aguas, que Guido ardentemente procurou alcançar. Frederico, cognominado o *Barba-Roxa,* foi imperador de Allemanha. Em 1147 foi numa expedição á Terra Santa: em 1189 partiu contra Saladino, morrendo no anno seguinte em Tarso, quando se banhava no rio *Cydno,* o actual Selef. **(108)** Santa guerra. **(109)** D. Sancho tomou a D. Affonso de Leão a cidade de Tui e outras da Galliza, que conservou sob o seu poder emquanto vivo.

XC

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Affonso e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal por derradeiro,
Porque dantes os Mouros o tomaram,
Mas agora destruidos o pagaram.

XCI

Morto depois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quem mandava era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que um moço recebia (110)
Por mulher, e despois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia;
Nem tão cruel ás gentes e molesto,
Que a cidade queimasse, onde vivia;
Nem tão máo como foi Heliogabalo (111),
Nem como o molle Rei Sardanapalo (112).

XCIII

Nem era o povo seu tyrannisado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos (113);
Nem tinha, como Phalaris, achado (114)
Genero de tormentos inhumanos.
Mas o reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A rei não obedece nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

---

(110) *Nero*, imperador romano, de 54 a 68, filho de Domitio Ahenobarbo e de Aggripina. Succedeu a Claudio. **(111)** *Heliogabalo*, outro imperador romano, de 218 a 222. **(112)** *Sardanapalo*, segundo a tradição, foi rei da Assyria, ultimo descendente da famosa Semiramis, que governou de 836 a 817 a. C. **(113)** *Sicilia* foi afamada pelos seus tyrannos. **(114)** *Phalaris*, tyranno de Agrigento na Sicilia, que passava o tempo a inventar novos generos de tormentos. Vid. a n. **(49)**.

XCIV

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhes, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Affonso o bravo se chamou,
Despois de ter o reino segurado,
Em dilatá-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fóra
O mouro, mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania com força e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

XCVI

Eis despois vem Dinis, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina (115).
Com este o reino prospero florece
(Alcançada já a paz aurea divina),
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla, claros lumes.

XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valioso officio de Minerva (116);
E de Helicona as Musas fez passar-se (117)
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto pode de Athenas desejar-se
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva;
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccharo e do sempre verde louro (118).

---

(115) Vid. I, **(3)**. **(116)** A fundação da Universidade data do anno 1290. **(117)** *Helicon,* monte da Grecia (Beocia) consagrado ás Musas, muitas vezes tomado como synonimo de *Pindo* e *Parnaso.* E' hoje *Palaeovuno.* **(118)** O *baccharo,* do grego *Bacchos* (festim) e *caris* (alegria), planta muito conhecida dos antigos; era muito odorifera e empregava-se bastante para tecer corôas, etc.

XCVIII

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros.
Mas despois que a dura Atropos cortou (119)
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso, mas forte e excellente.

XCIX

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno;
Porque não é das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porem, quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno (120)
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrê-la.

C

Nunca com Semiramis gente tanta (121)
Veio os campos Hydaspicos enchendo (122).
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo (123),
Gothica gente trouxe tanta quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartesios ajuntada (124).

CI

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte (125),
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a carissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle a cujo reino foi mandada.

---

(119) Vid. I, **(45)**. **(120)** Hesperico terreno = Espanha. Cfr. II, n. **(66)**. **(121)** *Semiramis*, rainha fabulosa da Assyria, a quem a tradição attribuiu a fundação de Babylonia e dos seus jardins suspensos. **(122)** Vid. I, **(62)**. **(123)** *Attila*, rei dos Hunos, cognominado o *flagello de Deus*, venceu os imperadores do Oriente e do Occidente; devastou a Gallia de que só poupou Lutecia (Paris) a pedido de Santa Genoveva. Derrotado em *Chalons-sur-Marne* (451) retirou-se para as margens do Danubio, onde morreu (453). **(124)** *Tartesso*, cidade afamada entre os antigos pelas suas riquezas, que uns dizem ser o primeiro nome de *Gades* (Cadix), outros de *Carteia* (talvez Algesiras, ou Gibraltar ou Rocadillo); ficava situada na embocadura do Guadalquivir. **(125)** No tempo de Rodrigo, ultimo rei dos Godos (711).

CII

Entrava a formosissima Maria (126)
Pelos paternaes paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados ;
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados ;
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha :

CIII

« Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera, estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha.
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha ;
Trazem ferocidade e furor tanto
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada ;
E se não for comtigo soccorrido,
Vêr-me-has delle e do reino ser privada ;
Viuva e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino e sem ventura.

CV

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca se congela (127),
Rompe toda a tardança, acude cedo
A' miseranda gente de Castella.
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude e corre, pai, que, se não corres,
Pode ser que não aches quem soccorres. »

---

(126) D. Maria, filha de D. Affonso IV, *o Bravo*, rei de Portugal, casada com D. Affonso de Castella. **(127)** *Muluca, Malva, Molokath,* ribeira da Africa do norte, a O., descia do Atlas e vinha desaguar ao Mediterraneo.

CVI

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede (128).

CVII

Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
Lustra c'o Sol o arnez, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos jaesados.
A canora trombeta embandeirada
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado;
E somente co'o gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado,
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça e claro veja
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

---

(128) Allusão ao episodio narrado na *En.*, I, v. 230 e seg.

CX

Estão de Agar os netos quasi rindo (129)
Do poder dos Christãos, fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo
Antemão entre o exercito Agareno,
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno (130);
Assi tambem com falsa conta e nua,
A' nobre terra alheia chamam sua.

CXI

Qual o membrudo e barbaro Gigante
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas e arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a fé, que a força humana (131):

CXII

Dest'arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza
A quem o inferno horrifico se rende.
Com ella o Castelhano e com destreza
De Marrocos o Rei commette e offende;
O Portugues, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII

Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arnezes (bravo estrago!)
Chamam, segundo as leis que ali seguiam,
Huns Mafamede e os outros Sanct-Iago.
Os feridos com grita o ceo feriam,
Fazendo do seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

---

(129) Cfr. I, n. **(59)**. **(130)** *Sarracenos*, synonimo de Musulmanos, nos historiadores christãos da Edade-Media. O poder dos Sarracenos foi derribado pelos Turcos, com os quaes não devem ser confundidos. **(131)** Lucta entre o gigante philisteu Goliath e David. Cfr. o *Liv. I Reg.*, c. 17.

CXIV

Com esforço tamanho estrue e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza ou peito d'aço.
De alcançar tal victoria tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV

Já se ia o sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado (132)
Para o ponente o vespero trazendo (133),
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mario
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento (134);
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma (135).

---

(132) Vid. I, **(23)**. **(133)** *Vesper*, estrella da tarde — planeta Venus. **(134)** *Mario* (156-86 a. C.), general romano, rival de Sylla, contra o qual obteve o commando da guerra contra Mithridates. Foi o chefe do partido popular e obteve geraes sympathias com as victorias ganhas aos Teutões em Aix (102 a. C.) e aos Cimbros em Verceil (101). Em 88 foi expulso de Roma; refugiou-se depois em Africa donde em 87 voltou com Cinna exercendo terriveis vindictas sobre os partidarios de Sylla. O Poeta allude á batalha ferida contra os Cimbros, em que os soldados romanos atormentados pela sede só conseguiram matá-la á custa de muito sangue derramado. **(135)** O *Peno* é Annibal, general carthaginês famosissimo, inimigo terrivel dos Romanos, aos quaes ganhou a celebre victoria de Cannas (216). A tradição diz que o numero dos mortos nesta batalha foi extraordinario, d'ahi o v. 8 d'esta est. para indicar a percentagem dos nobres, naturalmente os que só usariam anneis.

CXVII

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto (136),
Quando a sancta cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antiguo rito;
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito (137),
Que assi dos vates foi prophetisado,
E despois por Jesu certificado.

CXVIII

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e dino de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceu da misera e mesquinha,
Que despois de ser morta foi Rainha.

CXIX

Tu só, tu, puro Amor, com força crua
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga.
Se dizem, fero amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
E porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX

Estavas, linda Ignes, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

---

(136) *Cocyto*, rio dos Infernos. **(137)** Tito, filho de Vespasiano, imperador romano (79-81) destruiu e arruinou Jerusalem no anno 70.

CXXI

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quanto em fim cuidava e quanto via
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas senhoras e Princezas
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria,

CXXIII

Tirar Ignes ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso;
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido á piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade;
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava;

CXXV

Para o céo cristallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos;
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI

« Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas creanças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram (139)
E co'os irmãos que Roma edificaram (140);

CXXVII

Oh tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella,
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la)
A estas creancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della :
Mova-te a piedade, sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez erro;
Mas, se t'o assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente (141),
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei.
Alli, co'o amor intrinseco e vontade
N'aquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãi triste. »

---

(139) *Nino,* rei lendario da Assyria. Sua mãe foi Semiramis, que se dizia ter sido creada por pombas. **(140)** *Romulo* e *Remo,* duas personagens mythicas, que a tradição dizia serem filhos da vestal Rhea Sylvia e de Marte. Abandonados junto do Tibre uma loba vinha amamentá-los. **(141)** Vid. I, **(66)**. *Libya,* nome grego de Africa, sobretudo dos países a O. do Egypto.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli apregoam.
Contra huma dama, oh peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavalleiros ?

CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena (142),
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha;
Mas ella os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece :

CXXXII

Taes contra Ignes os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando e as brancas flores
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII

Bem puderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia (143) !
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da bocca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes
Por muito grande espaço repetistes !

---

(142) *Policena*, filha de Priamo, rei de Troia, sacrificada sobre a sepultura de Achilles por Pyrrho, seu filho. **(143)** *Atreu*, irmão de Thyestes, irritado pelo adulterio que este commettia com Esope sua mulher, deu-lhe a comer em um festim o filho adultero.

CXXXIV

Assi como a bonina que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cor murchada :
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram ;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que inda dura,
Dos amores de Ignes que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua e o nome amores !

CXXXVI

Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas ;
Que em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas.
Do outro Pedro cruissimo os alcança (144) ;
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido e Antonio fez Augusto (145).

CXXXVII

Este, castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes e adulterios ;
Fazer nos máos cruezas, fero e iroso
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando justiçoso
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides ou Theseo (146).

---

(144) Ao tempo governava em Espanha um soberano com o mesmo nome do de Portugal ; a ambos a Historia deu o mesmo titulo de *Crú*, quando, com mais razão, os deveria appellidar de *Justiceiros*. Os dois reis estipularam mandar entregar reciprocamente os vassalos de qualquer d'elles que se refugiassem no paiz do outro. **(145)** Antonio, Augusto (Octavio) e Lepido formaram um triumvirato contra Bruto e Cassino. Estipularam, para se vingarem dos seus inimigos, que cada um havia de entregar o que tivesse em seu exercito. D'ahi resultou ter Antonio de entregar um tio, Lepido um irmão e Octavio a Cicero, seu amigo intimo. **(146)** *Alcides* = Hercules, cujos prodigios são celebrados por toda a antiguidade e aos quaes se chamou — *trabalhos de Hercules*, um dos quaes fica lembrado no canto III, **(28)**.

CXXXVIII

Do justo e duro Pedro nasce o brando
(Vede da natureza o desconcerto !)
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino pos em muito aperto ;
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente ;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido (147)
E casar-se com ella, de enlevado
N'hum falso parecer mal entendido,
Ou foi que o coração sujeito e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez e fraco ; e bem parece
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL

Do peccado tiveram sempre a pena (148)
Muitos, que Deos o quis e permittio ;
Os que foram roubar a bella Helena ;
E com Apio tambem Tarquino o vio.
Pois por quem David sancto se condemna ?
Ou quem o tribu illustre destruio
De Benjamin ? Bem claro no-lo ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

---

(147) D. Fernando, apaixonando-se por D. Leonor Telles, casada com João Lourenço da Cunha, tomou-a a este, e casou com ella. **(148)** Para comprovar o v. 1.º d'esta oitava cita o Poeta os exemplos seguintes: 1.º) Troia foi destruida por Páris, filho de Priamo, rei d'aquella cidade, ter raptado Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta. 2.º) *Apio* foi aprisionado por querer tirar Virginia a seu marido. 3.º) *Tarquinio* (sexto), filho de Tarquinio Soberbo, deu causa á queda da realeza em Roma (509 a. C.) por causa do ultrage a Lucrecia. 4.º) *David* foi castigado pelo seu adulterio com Betsabéa, mulher de Urias. 5.º) Os moradores de Guibá, da tribu de Benjamin, foram mortos pela sua deshonestidade com uma mulher da tribu de Levi. 6.º) *Pharaó,* rei do Egypto, é castigado por ordenar que lhe levem Sara, mulher de Abraham. 7.º) *Sichem,* por tomar Diana a Jacob, foi morto com todos os seus.

CXLI

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado (149).
De Marco Antonio a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado (150).
Tu tambem, Pœno prospero, o sentiste
Despois que huma moça vil na Apulia viste (151).

CXLII

Mas quem pode livrar-se por ventura
Dos laços, que amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem de huma peregrina formosura,
De hum vulto de Medusa propriamente (152),
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo acceso?

CXLIII

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Huma suave e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem de amor experiencia;
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

---

(149) *Omphale,* rainha da Lydia, esposou Hercules (filho de Alcmena), depois de o ter obrigado a fiar a seus pés como uma mulher. **(150)** *Cleopatra,* é uma das mulheres mais extraordinarias de que nos falla a antiguidade. Rainha do Egypto, foi a causa da perda de Marco Antonio. Depois da derrota na batalha de Actium (30 a. C.) fez-se morder por uma vibora, do que morreu. **(151)** *Pœno* = Annibal, depois da batalha de Cannas, affeiçoou-se a uma mulher da Apulia, o que foi causa da sua perdição. **(152)** Vid. III, **(96)**.

ARGUMENTO

CANTO IV

	Estancias
Alterações no reino por morte de D. Fernando e assassinato do conde de Andeiro . . .	1-5
D. Leonor faz que os Castelhanos intervenham em defesa dos direitos de D. Beatriz, sua filha, casada com o rei Castelhano. Resenha do exercito	6-11
D. João aconselha-se com os principaes do reino	12-13
Lealdade e falla energica do Condestavel aos timoratos	14-19
Enthusiasmo e preparativos da guerra . . .	20-22
Marcha o exercito de Santarem e ordem de batalha	23-29
Batalha de Aljubarrota	30-44
O Condestavel passa ao Alemtejo e Andaluzia	45-46
Paz entre os dois reinos	47
Expedição de Ceuta e morte de D. João I .	48-50
Reinado de D. Duarte e captiveiro do irmão .	51-53
D. Affonso V; conquista de Africa; guerra contra Aragão	54-59
D. João II emprehende a descoberta da India e manda exploradores por terra	60-65
D. Manuel colhe os fructos dos trabalhos do seu antecessor	66

Estancias

O Indo e o Ganges apparecem em sonhos a D. Manuel 67-75
Conselho e commettimento da empresa a D. Vasco da Gama 76-77
Pratica do rei e resposta do Gama 78-80
Prepara-se a armada para sair ; despedidas . 81-93
Falla do velho na praia do Restello . . . 94-104

69-74
28-44

CANTO QUARTO

I

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo (1).

II

Porque se muito os nossos desejaram
Quem os damnos e offensas vá vingando,
Naquelles que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne, sempre illustre, alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

III

Ser isto ordenação dos Ceos divina
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma menina,
Ante tempo fallando o nomeou;
E como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
« Portugal! Portugal! alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo Dom João! » (2)

---

(1) D. Fernando falleceu em Lisboa a 20 de outubro de 1383 succedendo-lhe D. João I, que foi acclamado rei em 1385. (2) A lenda, a que se refere o Poeta, dizia que a menina tinha apenas oito mêses e era filha de um tal Estevão Anes.

IV

Alteradas então do reino as gentes
Co'o odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos e parentes
Do adultero Conde e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta (3).

V

Mas elle em fim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima e corre (4):
Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre (5),
A quem ordens, nem aras, nem respeito,
Quem nu por ruas e em pedaços feito.

VI

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes que Roma vio,
Feitas do feroz Mario e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio (6).
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

---

(3) João Fernandes Andeiro era conde de Ourem e fidalgo da Galliza. D. Fernando estava decrepito e enfermo. A *incontinencia deshonesta* era publica; conheciam-na os nobres; não a ignorava o povo; só D. Fernando, cego pela ternura e acabrunhado de enfermidades prematuras, não via nem os soffrimentos dos seus subditos, nem a conducta de sua mulher, nem a decadencia do seu paiz. Vid. *Os Judeus em Portugal*, pg. 164 e seg. **(4)** Andeiro foi assassinado no paço pelo infante D. João, mestre de Aviz. **(5)** Da torre da Sé os revoltosos arremessáram á rua o bispo D. Martinho com mais dous homens que o acompanhavam. *Astianax*, filho de Heitor e Andromaca, quando os Gregos penetraram em Troia foi por elles arremessado de uma torre. **(6)** Vid. III, **(134)**.

VII

Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhano está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regiões e varias terras (7).

VIII

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo (8)
(Se foi) já teve o nome derivado,
Das terras que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tyranno e Mauro estado (9).
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos Leoneses, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excellente.

IX

Os Vandalos, na antigua valentia (10)
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia (11)
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando (12).
A vós outros tambem não tolhe o medo,
O' sordidos Gallegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armastes
A'quelles cujos golpes já provastes (13).

---

(7) D. João I, de Castella, era casado com D. Beatriz, filha do nosso D. Fernando e a esse titulo aspirava ao throno português. **(8)** Segundo auctores antigos teria sido Brigo o primeiro rei de Castella, d'elle proviera o nome de Burgos. **(9)** *D. Fernando*, filho de D. Sancho, rei de Navarra; e Rodrigo Diaz de Bivar, o famoso *Cid*, que tanto se illustrou nas luctas contra os Mouros. Morreu em 1099. **(10)** Os Andaluzes. Vid. III, **(68)**. **(11)** *Cadix* — cfr. III, **(124)**. **(12)** *Toledo*, cap. da provincia do mesmo nome, banhada pelo Tejo, que nasce na *Sierra-de-Albaracin*, sendo a primeira das provincias espanholas, que atravessa, a de *Cuenca*. **(13)** D. Sancho; cfr. III, **(109)**.

XI

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscua e das Asturias (14),
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsão Hebreo da guedelha (15),
Posto que tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha;
E não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha;
Mas só por ver das gentes as sentenças;
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em que o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei e a patria; e, se convem,
Negarão (como Pedro) o Deos que tem (16).

---

(14) *Biscainhos,* hab. de *Biscaia,* prov. espanh., cuja capital é *Bilbao; Guipuzcoa,* outra prov. espanh., cuja capital é *San-Sebastian; Asturias,* tambem prov. hespanh., cap. — *Oviedo.* **(15)** *Sansão,* um dos ultimos juizes de Israel. Possuia uma força extraordinaria que Dalila fez desapparecer cortando-lhe os cabellos. Vid. sobre a sua historia *Juizes,* XIII-XVI. **(16)** *S. Pedro,* o primeiro dos Apostolos, nascido em Bethsaida. Apesar da promessa feita a Jesus Christo de nunca o abandonar, renegou entretanto tres vezes o divino Mestre *(Math.,* XXVI, 69). Soffreu o martyrio em Roma. A Igreja celebra a sua festa a 29 de junho.

XIV

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares, mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse (17),
Reprovando as vontades inconstantes,
A'quellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo :

XV

« Como ? da gente illustre Portuguesa
Ha de haver quem refuse o patrio Marte ?
Como, desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Hade sahir quem negue ter defesa,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portugues, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito ?

XVI

Como ? Não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Venceram esta gente tão guerreira ?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram (18) ?

XVII

Com quem foram continuo sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Dinis e seu filho, sublimados (19),
Senão com os vossos fortes pais e avós ?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pos (20),
Torne-vos vossas forças o Rei novo (21) ;
Se é certo que co'o Rei se muda o povo.

---

(17) D. Nuno Alvares Pereira, o *Condestavel,* é uma das figuras mais sympathicas da epopéa portuguêsa. Combateu contra os Castelhanos, cobrindo-se de gloria em Aljubarrota, Atoleiros e Valverde. Dous irmãos d'elle bandearam-se com o inimigo. **(18)** Allusão a D. Aff. Henriques e á celebre batalha dos *Arcos de Valdevez ;* nella foram os espanhoes derrotados com perdas enormes, no campo conhecido pelo nome de *Campo da matança.* Vid. III, **(47)**. **(19)** D. Dinis e D. Affonso IV. **(20)** Vid. o canto III, Est. CXXXVIII. **(21)** D. João I.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes;
E se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX

Eu só com meus vassallos, e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada;
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei, não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios. »

XX

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
A' fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Na sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida (22):

XXI

Dest'arte a gente fórça e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno (23),
Brandindo e volteando arremessões,
Vão correndo e gritando á boca aberta:
« Viva o famoso Rei, que nos liberta! »

---

(22) Depois do desastre de Cannas (III, **(135)**) muitos Romanos refugiaram-se a um logar proximo chamado Canusio (Canossa). Desanimados e já resolvidos a entregar-se a Annibal, demoveu-os d'esse proposito P. Cornelio Scipião fazendo-os jurar que defenderiam até á morte as aguias romanas. Conta-o Tito-Livio, *Dec. III*, l. 2.º, c. 8.º.
(23) Cavallos — III, **(56)**.

XXII

Das gentes populares, huns approvam
A guerra, com quem a patria se sustinha;
Huns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.

XXIII

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sahe da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes (24)
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto (25).

XXIV

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Huno o foi primeiro (26)
Para Franceses, para Italianos.
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandá-los e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos (27).

XXV

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que despois foi de Abranches nobre Conde;
Das gentes vai regendo a sestra mão,
Logo na retaguarda não se enconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne, Rei forte em toda a parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte (28).

---

(24) D. Nuno Alvares Pereira. **(25)** *Xerxes*, rei da Persia de 485 a 465 a. C., filho de Dario I. Submetteu o Egypto, invadiu a Attica e arruinou Athenas, mas vencido em Salamina, teve de regressar á Asia. Xerxes passou o Hellesponto (hoje *Estreito de Dardanellos)* numa ponte de barcas. **(26)** Este huno é Attila, o *flagello de Deus* — III, **(123)**. **(27)** Mem Rodrigo de Vasconcellos foi fidalgo muito valoroso no tempo de D. João I. **(28)** Alguns auctores apresentam outro nome, como tendo sido o do que commandou esta ala.

XXVI

Estavam pelos muros, temerosas,
E de um alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãs, damas e esposas,
Promettendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

XXVII

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes e atambores,
Alferezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no secco tempo que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores,
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto (29),
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII

Deo signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouvio-o o monte Artabro, e Guadiana (30)
Atraz tornou as ondas de medroso;
Ouvio-o o Douro e a terra Transtagana (31);
Correo ao mar o Tejo duvidoso;
E as mãis, que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

---

(29) Precisa o Poeta a epoca em que se feriu a batalha — o mês das colheitas, da maturação das uvas e da entrada do sol no signo do Zodiaco, chamado *Virgem* — o mês de Agosto (de 1385). *Astrea*, deusa da justiça, habitou a terra na edade de ouro, mas os crimes dos homens nas edades de bronze e ferro fizeram-na subir ao ceo. No Zodiaco é o signo chamado *Virgem*, em que o sol entra a 23 de Agosto. Fixa-se á batalha o dia 14, havendo assim uma pequena differença com o que diz Camões, differença que elle decerto conheceu, mas que deixou ficar, usando da liberdade poetica. **(30)** *Artabro*, hoje *Cabo Finisterra*. *Guadiana*, rio que nasce em Espanha proximo de Ciudad Real e desagôa no Atlantico entre Castromarim e Ayamonte. Percurso — 660 k. **(31)** *Douro*, rio importante, nasce em Espanha e desagôa, depois d'um percurso de 850 k., no Atlantico, junto do Porto. *Transtagano* = Alemtejo.

XXIX

Quantos rostos ali se vêm sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
E' maior muitas vezes que o perigo,
E se o não é, parece-o; que o furor,
De offender ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas as partes se move a primeira ala;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhá-la;
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala;
Derriba e encontra e a terra emfim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra; os valles soam;
Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam.
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII

Eis alli seus irmãos contra elle vão;
(Caso feo e cruel!) mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria se alevanta;
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes; (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno (32).

---

(32) *Julio* = Julio Cesar; *Magno* = Pompeu. Sam os dois que o Poeta menciona e não um só. Deve advertir-se que no ultimo verso Camões escreveu *Manho*, conforme usaram todos os nossos antigos escriptores, rimando assim perfeitamente com *estranho*.

XXXIII

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano (33),
Catilina, e vós outros dos antigos (34),
Que contra vossas patrias, com profano
Coração vos fizestes inimigos,
Se lá no reino escuro de Sumano (35)
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portugueses
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão;
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão (36),
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correndo de Tetuão (37):
Perseguem-no co'as lanças; e elle iroso,
Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV

Com torva vista os vê; mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio; alli perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria e via e a todos dava
Com presença e palavras coração.
Qual parida leôa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lhos furtara (38):

---

(33) *Sertorio* — vid. I, **(33)**. *Coriolano,* general romano, m. em 488 a. C. Depois de ter prestado muitos serviços á sua patria foi condemnado ao exilio. Refugiou-se então entre os Volscos, e com elles caminhou contra Roma, onde não entrou vencido pelas supplicas de sua mãi Veturia e de sua mulher Volumnia. **(34)** *Catilina,* patricio romano, celebre pela *conjuração* do seu nome, descoberta por Cicero em 63. **(35)** Sobrenome de Plutão, deus dos infernos. **(36)** *Ceuta,* cidade de Africa, ao N. de Marrocos; porto sobre o Mediterraneo, em frente de Gibraltar. **(37)** *Tetuão,* cidade e porto de Marrocos, sobre o Mediterraneo. **(38)** *Massylia,* parte oriental da Numidia. Está aqui tomada a parte pelo todo; o Poeta quis dizer — o caçador de Africa.

XXXVII

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa e abala (39) :
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala :
« O' fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras ; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e settas e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro.
Pelejai, verdadeiros Portugueses. »
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

XXXIX

Porque eis os seus accesos novamente
D'huma nobre vergonha e honroso fogo
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo.
Porfiam ; tinge o ferro o fogo ardente ;
Rompem malhas primeiro e peitos logo ;
Assi recebem junto e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL

A muitos mandam ver o Estygio lago (40),
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava ;
O Mestre morre alli de Sanct'Iago (41),
Que fortissimamente pelejava ;
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava ;
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo e os fados (42).

---

(39) O nome d'estas montanhas, existentes na região apontada na nota antecedente, derivou, segundo os geographos antigos, do numero d'ellas e da semelhança que umas tinham com as outras. **(40)** Rio do inferno, que tornava invulneraveis os que nelle se banhavam e onde Thetis, mãi de Achilles, banhou o moço heroe, segurando-o pelo calcanhar. O Estygio ou Styx dava sete vezes volta aos infernos. **(41)** Era D. Pedro Moniz que, segundo Faria, teria morrido não nesta, mas na batalha de Valverde. **(42)** D. Pedro Alvares Pereira, irmão de D. Nuno, era um d'estes, o que o Poeta no v. 6.º chama o *Mestre de Calatrava;* o outro era D. Diogo Pereira.

XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão e tambem dos nobres ao profundo,
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas, que passam deste mundo (43) ;
E porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas :
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da propia cor mudadas.
Já as costas dão e as vidas ; já fallece
O furor e sobejam as lançadas ;
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê e de seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida ;
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas asas, á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo,

XLIV

Alguns vão maldizendo e blasphemando
O primeiro, que guerra fez no mundo ;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo,
Deixando tantas mãis, tantas esposas
Sem filhos, sem marido, desditosas.

---

(43) Este cão trifauce é *Cerbero*, o guarda do inferno, segundo a Myth.

XLV

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo em grande gloria ;
Com offertas despois e romarias
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas (44).

XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento ;
Porque a terra dos Vandalos fronteira (45)
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira (46)
E de varios senhores, n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,
Obrigados da força Portuguesa.

XLVII

Destas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Despois que quis o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
A's duas illustrissimas Inglesas,
Gentis, formosas, inclitas Princesas (47).

XLVIII

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano ;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este é o primeiro Rei que se desterra (48)
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

---

(44) Depois da batalha de Aljubarrota, D. João I recolheu a Santarem seguindo, depois de alguns dias de descanso, em romaria a N. S. da Oliveira, em Guimarães. O *Condestavel* partiu para o Alemtejo, passando por Elvas, Badajoz, e ferindo depois em *Valverde* a batalha d'este nome, que gloriosamente ganhou aos Castelhanos. **(45)** *Terra dos V.* — Andaluzia — III, **(68)**. **(46)** *Betica b.* — band. de Sevilha, porque o Guadalquivir ou Betis passa por ella. **(47)** Eram as duas filhas do Duque de Lencastre, uma D. Philippa, casada com o nosso monarcha D. João I, e a outra D. Catharina, casada com D. Henrique, rei de Castella. **(48)** Foi D. João o primeiro monarcha português, que tomou aos Mouros terras em Africa. A primeira conquista foi *Ceuta* (1415).

XLIX

Eis mil nadantes aves, pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta (49),
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Para onde Alcides pos a extrema meta (50).
O monte Abyla e o nobre fundamento (51)
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra, e segura toda Hespanha
Da Juliana, má e desleal manha (52).

L

Não consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal; mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quis que povoasse;
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou, quem o levou, quem governasse
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclita geração, altos Infantes (53).

LI

Não foi do Rei Duarte tão ditoso (54)
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem viu sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois ainda neste reino e neste Rei
Não usou ella tanto desta lei.

---

(49) *Thetis*, deusa do mar, aqui o proprio mar. **(50)** Sobrenome de Hercules. **(51)** Vid. III, **(99)**. **(52)** O Conde Julião, governador da Andaluzia, para se vingar do rei Rodrigo, abriu aos Mouros a entrada de Espanha em 714. **(53)** D. João I morreu em 1443 e foi sepultado na Batalha, que em memoria de Aljubarrota mandara construir. A *inclita geração* foi: 1) D. Duarte, que lhe succedeu; 2) D. Pedro, Duque de Coimbra, regente na menoridade de D. Affonso V seu sobrinho; 3) D. Henrique, o *Navegador*; e 4) D. Fernando, o *Santo*. **(54)** D. Duarte, II.º rei de Portugal, foi proclamado a 15 de Agosto de 1433. Governou apenas cinco annos, vindo a fallecer em 1438, da peste que então assolava o país.

LII

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas empresas aspirava,
Que, por salvar o povo miserando,
Cercado ao Sarraceno s'entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita;
Mais o publico bem que o seu respeita (55).

LIII

Codro, porque o inimigo não vencesse (56),
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curcio, ouvidos por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV

Mas Affonso do reino unico herdeiro (57),
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia (58),
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fora por certo invicto cavalleiro,
Se não quisera ir ver a terra Iberia (59);
Mas Africa dirá ser impossibil
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

---

(55) A expedição a Tanger trouxe como consequencia o captiveiro do Infante Santo. Para se não entregar Ceuta, D. Fernando afrontou as miserias do exilio e da reclusão. **(56)** Cita o Poeta varios exemplos de amor da patria: 1.º o de *Codro*, ultimo rei de Athenas, que segundo a lenda, se sacrificou voluntariamente para assegurar a victoria ao seu povo e a derrota dos Dorios, em 1132 a. C.; 2.º) o de *Regulo*, consul em 267 e 256 a. C., que sendo enviado pelos Carthaginêses a Roma a aconselhar a paz dissuadiu os seus compatriotas d'esse proposito, voltando em seguida a Carthago, onde soffreu horriveis supplicios; 3.º) o de *Curcio* de quem se conta que tendo um tremor de terra aberto uma enorme garganta no Forum que no dizer dos oraculos, só poderia fechar-se pelo thesouro mais precioso de Roma, elle, vendo que a força de Roma consistia nas armas e no valor, se precipitou nella, armado e a cavallo; 4.º) o dos *Decios*, tres Romanos, que se offereceram aos deuses infernaes para salvar a patria; o pae sacrificou-se a Veseris (340 a. C.); o filho a Sentino (295) e o neto a Asculo (279). **(57)** D. Affonso V, o *Africano*. **(58)** Vid. III, **(72)**. **(59)** Espanha; Ibero ou Ebro, rio de Espanha.

LV

Este pôde colher as maçãs de ouro,
Que sómente o Tyrinthio colher pode (60);
Do jugo, que lhe pos o bravo Mouro,
A cerviz inda agora não sacode;
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso e a dura Arzilla.

LVI

Porém ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
A's Portuguesas forças costumadas
A derribarem quanto acham diante:
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros nesta empresa,
Mais afinando a fama Portuguesa.

LVII

Porém despois tocado de ambição
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragão (61)
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Cadiz ao alto Pyreneo (62),
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

---

(60) *Tyrinthio,* sobrenome de Hercules, sendo uma das suas façanhas aquella a que allude Camões — de ter morto o Dragão, que guardava o jardim das Hesperides, d'onde depois roubou as maçãs de oiro, que lá havia. **(61)** Esta guerra com Castella foi motivada pela princêsa D. Joanna, *a excellente senhora.* Esta princesa era filha de Henrique IV de Castella e de D. Joanna, irmã de D. Affonso V. D. Affonso casou com sua sobrinha e reclamou o reino de Castella como herança de sua esposa. O rei de Aragão, D. Fernando, que havia casado com D. Isabel, irmã de Henrique IV, oppôs-se ás pretensões de D. Affonso, allegando a illegitimidade do nascimento de D. Joanna. D'aqui a guerra, desastrosamente terminada, na batalha de *Toro,* para as armas portuguêsas. **(62)** *Cadiz,* cidade ao sul da Espanha, porto sobre o Atlantico; *Pyrineus,* cadeia de montanhas, que separa a França da Espanha.

LVIII

Não quis ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne ; e logo ordena (63)
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Sahio-se em fim do trance perigoso,
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento (64) ;
Mas ficou duvidoso o vencimento ;

LIX

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles que Cesár mataram
Nos Philippicos campos se vingaram (65).

LX

Porém despois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo e Rei trezeno (66).
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno,
Tentou ; que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora (67).

---

(63) O principe D. João, filho de D. Affonso V, acompanhou o pae nesta jornada. **(64)** Vid. acima n. **(61)**. **(65)** *Philippes*, cidade da Macedonia, nos confins da Thracia, onde Antonio e Octavio venceram Bruto e Cassio no anno 42 a. C. **(66)** D. Affonso V falleceu em 1481 succedendo-lhe no reinado D. João II. **(67)** Os terminos do Oriente, que os portuguêses procuravam alcançar e que sam tambem um dos objectivos da descripção do Poeta.

LXI

Manda seus mensageiros, que passaram (68)
Hespanha, França, Italia celebrada,
E lá no illustre porto se embarcaram
Onde já foi Parthenope enterrada (69),
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes subjugada;
Pola illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclitos Hispanos.

LXII

Pelo mar alto Siculo navegam (70);
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas (71),
E dalli ás ribeiras altas chegam,
Que co'a morte de Magno são famosas (72),
Vão a Memphis e ás terras, que se regam (73)
Das enchentes Niloticas undosas (74);
Sobem á Ethiopia sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito (75).

---

(68) Para continuar as conquistas iniciadas nos reinados anteriores mandou D. João II de Lisboa uma armada commandada por *D Diogo de Azambuja*, que fundou o castello de S. Jorge da Mina; *Diogo do Cão*, que descobriu o Congo; *Bartholomeu Dias*, que passou o cabo da Boa Esperança; *Pero da Covilhã*, que fez a viagem á India, por terra; e outros ainda. **(69)** *Parthenope*, nome antigo de Napoles, onde embarcaram em 1487, os dous mensageiros Affonso de Paiva e Pero da Covilhã. **(70)** Mar da Sicilia. **(71)** *Rhodes*, cidade celebre na antiguidade, cap. da ilha do mesmo nome no mar do Archipelago, na costa S.-O. da Anatolia. Foi residencia dos cavalleiros de S. João. E' hoje da Turquia. **(72)** Allude Camões a Alexandria, a celebre cidade antiga, porto tambem notavel, junto do qual foi assassinado Pompeu *Magno*. **(73)** *Memphis*, cidade do antigo Egypto, fundada nas margens do Nilo por Menés. Não restam hoje senão vestigios da poderosa cidade, que foi durante algum tempo capital do Egypto. No seu logar levanta-se hoje a aldeia de *Mit-Rahineh*. **(74)** Terras regadas pelo Nilo, o grande rio da Africa oriental, tam celebre na historia do Egypto, que lhe deve afinal, a sua civilisação inteira. Nasce no lago Victoria e desagôa no Mediterraneo, depois de formar o *Delta* no Cairo. Percurso — 6.470 k. **(75)** *Ethiopia* era a região ao S. do Egypto e o mesmo nome serve ainda hoje para designar as regiões do Alto-Nilo. O christianismo foi conhecido lá desde o IV sec.

LXIII

Passam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem náo passou (76);
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou (77);
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou (78),
Cercam, com toda a Arabia descoberta,
Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta (79).

LXIV

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria (80):
Alli co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria (81).
Dalli vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveo passar Trajano (82).

---

(76) Os antigos deram o nome de Erythreu primeiramente ao mar das Indias, depois sómente ao mar Vermelho. Na historia dos Israelitas é notavel a *passagem do mar Vermelho,* como se lê no *Ex.*, XIII. **(77)** Os antigos chamavam *Nabatheanas* as tribus arabes (1, **(59)**) do deserto da Syria. **(78)** Costas sabeanas ou da Arabia *cheirosas*, porque entre outros perfumes, como o incenso, o aloés, etc., tinham a Myrrha, que era a mãi de Adonis e que, segundo a Myth., fora convertida na planta do seu nome. **(79)** A *Arabia*, vasta região na Asia occidental, é dividida em tres partes; 1 — *Arabia Petrea* a N. O.; 2 — *Arabia Deserta* ao centro; e 3 — *Arabia Feliz* ao S. O. **(80)** O golfo Persico, entre a Persia e a Arabia, no mar das Indias, era pelos antigos designado ás vezes *Mar Verde, Persicus sinus, Mare Erythraeum* ou *Mare Babylonium.* A torre de *Babel* foi construida em Babylonia e mesmo nos livros santos Babel designa Babylonia. **(81)** No golfo Persico desagôam, já confundidos, os rios Tigre e Euphrates, que, segundo a tradição, nasciam no Paraiso. **(82)** O *Indus* ou *Sind* banha a India num percurso de 2.900 k. indo lançar-se no mar de Oman. Trajano, como dissemos já (1, **(3)**) não chegou a India. A narração de Camões não é rigorosamente historica. Quando chegaram a Adem Affonso de Paiva e Pero da Covilhã separaram-se, aquelle seguindo o caminho da Ethiopia, vindo a morrer no Cairo, e este dirigindo-se a India, mas morrendo em breve (Vid. Sr. Conde de Ficalho, *Pero da Covilhã*, Lisboa, 1898).

LXV

Viram gentes incognitas e estranhas
Da India, da Carmania e Gedrosia (83),
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria;
Mas de yias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia;
Lá morreram em fim e lá ficaram,
Que á desejada patria não tornaram.

LXVI

Parece que guardava o claro Ceo
A Manuel e seus merecimentos (84)
Esta empresa tão ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos:
Manuel, que a Joanne succedeo
No reino e nos altivos pensamentos,
Logo, como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara),
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado: no tempo que a luz clara
Foge e as estrellas nitidas que sahem,
A repouso convidam quando cahem:

LXVIII

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito
De seu officio e sangue a obrigação;
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece (85).

---

(83) *India*, vastissima região da Asia meridional dividida pelo Ganges nas duas grandes peninsulas — *I. cisgangetica* ou *Industão* e *I. transgangetica* ou *Indo-China*. Pertence quasi inteiramente á Inglaterra. *Carmania* (hoje *Laristan*, *Kerman*, e parte S. O. do *Kabul*), prov. da Asia antiga entre o golfo Persico ao S., a Parthia ao N., a Persida a O., e a Aria a E. *Gedrosia* (hoje *Mekran*), prov. do antigo imperio dos Persas, situada junto a Carmania. **(84)** D. Manuel foi acclamado rei a 27 de outubro de 1495. **(85)** *Morpheu*, deus do sonho, filho da Noite e do Somno.

LXIX

Aqui se lhe apresenta, que subia
Tão alto, que tocava á prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha e fera;
E lá bem junto donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos, longinquos e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes (86).

LXX

Aves agrestes, feras e alimarias
Pelo monte selvatico habitavam;
Mil arvores silvestres e hervas varias
O passo e o trato ás gentes atalhavam;
Estas duras montanhas, adversarias
De mais conversação, por si mostravam
Que desque Adão peccou aos nossos annos,
Não a romperam nunca pés humanos.

LXXI

Das aguas se lhe antolha, que sahiam
Par'elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando;
Das pontas dos cabellos lhes sahiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça e denegrida,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha;
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha;
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que doutra parte vinha:
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa (87).

---

(86) O *Indo* e o *Ganges* apparecem em sonho a D. Manuel. Esta ficção poetica é d'uma belleza descriptiva incomparavel. **(87)** O lindo mytho de Alpheu e Arethusa é o seguinte: Arethusa, nympha e companheira de Diana, fôra banhar-se nas aguas de Alpheu, rio divinisado da Elida, o maior da antiga Peloponeso (hoje *Roufia)*. Apaixonou-se o deus por ella e perseguiu-a até á ilha de Ortygia, junto a Syracusa. Para se livrar do seu perseguidor Arethusa implora o soccorro de Diana, que a converteu na fonte do seu nome. Alpheu foi então por debaixo da terra para misturar as suas ás aguas d'ella, mas não o conseguiu porque, embora correndo juntas, as aguas não se misturaram nunca.

LXXIII

Este, que era o mais grave na pessoa,
Dest'arte para o Rei de longe brada :
« O' tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos, que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro (88) ;
Est'outro é o Indo, Rei, que nesta serra (89)
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra,
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio. »

LXXV

Não disse mais o rio illustre e sancto,
Mas ambos desparecem n'hum momento ;
Acorda Manuel, c'hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto (90)
Pelo escuro hemispherio somnolento :
Veio a manhã no ceo pintando as côres
De pudibunda rosa e roxas flores.

LXXVI

Chama o Rei os senhores a conselho
E propõe-lhe as figuras da visão ;
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

---

(88) O *Ganges* nasce no Hymalaia, tem um percurso de 3.100 k. e lança-se, por um vasto delta, no golfo de Bengala. **(89)** Vid. a n **(82)**. **(90)** Vid. I, **(63)**.

LXXVII

Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se posesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia (91),
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom signal que em mi se via,
Me põe o inclito Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande e grave.

LXXVIII

E com rogo e palavras amorosas,
Que é hum mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse : « As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga ;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga ;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empresa, qual a vós se deve ;
Trabalho illustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve. »
Não soffri mais, mas logo : « O' Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
E' tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

---

(91) Pensamento de Vergilio na *En.*, IX, 186 :

Aut pugnam, aut aliquid jam dudum invadere magnum
Mens agitat mihi ; nec placida contenta quiete est.

LXXX

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava (92),
O leão Cleonæo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava,
Descer em fim ás sombras vãs e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vós, ó Rei, o espirito e carne é pronta. »

LXXXI

Com mercês sumptuosas me agradece
E com razões me louva esta vontade:
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor e d'amizade,
Não menos cubiçoso de honra e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII

Mais se me ajunta Nicolao Coelho (93),
De trabalhos mui grande soffredor:
Ambos são de valia e de conselho,
D'experiencia em armas e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor,
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

---

(92) *Eurystheo* foi um tyrano de Mycenas que, a instigações de Juno, mandava Hercules a várias empresas para vêr se assim o inutilisavam. O Poeta menciona: 1 — a morte do *leão Cleoneo,* assim chamado da aldeia Cleone, entre Argos e Corintho, tambem chamado o leão de Nemea; 2 — a morte das *Harpias,* monstros alados, com rosto de mulher e corpo de abutres, notaveis pela sua voracidade; 3 — a morte do *porco de Erymantho;* esta era uma montanha da Arcadia, que era devastada por aquelle monstro; 4 — A *Hydra de Lerna,* serpente de sete cabeças, que renasciam á medida que se cortavam. Era preciso abatê-las d'um só golpe, e foi isso o que fez Hercules; 5. — *Dite,* irmão de Jupiter e Neptuno, é o mesmo que Plutão, deus dos infernos; a Estygie é o nome da lagôa que os banhava (III, **(40)**). Hercules desceu ao Inferno para libertar de lá o seu amigo Theseu. **(93)** *Paulo da Gama* e *Nicolau Coelho* acompanharam Vasco da Gama á India, cada um como capitão de seu navio.

LXXXIII

Foram de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem
Na fatidica náo, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira (94).

LXXXIV

E já no porto da inclita Ulyssea (95),
C'hum alvoroço nobre e c'hum desejo
(Onde o licor mistura e branca area
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo) (96)
As náos prestes estão ; e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo ;
Porque a gente maritima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV

Pelas praias vestidos os soldados
De varias cores vem e varias artes,
E não menos de esforço apparelhados,
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes náos os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes :
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos (97).

LXXXVI

Despois de apparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda ;
Para o summo Poder, que a etherea corte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

---

(94) A' Colchida, antigo país da Asia a E. do Ponto-Euxino (Mar Negro) e a S. do Caucaso, foram os *Minias*, povos da Thessalia, chamados os Argonautas, procurar o vello de oiro. Os Argonautas sairam da Grecia sob as ordens d'um chefe — Jason, e tiraram o seu nome da nau em que embarcaram — *Argos*. **(95)** Vid. III, **(59)**. **(96)** *Neptuno*, deus do mar, filho de Saturno, irmão de Jupiter e de Plutão. Tinha o seu palacio no fundo do mar e de lá saía no seu carro, puxado por cavallos de crinas de oiro. Era casado com Amphitrite. **(97)** A nau *Argos* (acima, n. **(93)**) foi, em memoria, collocada no ceu, onde forma uma constellação.

LXXXVII

Partimos-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo
Donde Deos foi em carne ao mundo dado (98).
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de duvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII

A gente da cidade aquelle dia,
(Huns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente), concorria,
Saudosos na vista e descontentes ;
E nós, co'a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deus orando,
Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c'hum choro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam ;
Mãis, esposas, irmãs (que o temeroso
Amor mais desconfia) accrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC

Qual vai dizendo : « ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Porque me deixas, misera e mesquinha ?
Porque de mi te vás, ó filho charo,
A fazer o funereo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento ? »

---

(98) De Belem, a O. de Lisboa, sita no logar outr'ora chamado Restello, saíram as naus portuguêsas. Em Belem, cidade da tribu de Judá, ao S. de Jerusalem, nasceu Jesus Christo.

XCI

Qual em cabello : « ó doce e amado esposo,
Sem quem não quis amor que viver possa,
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha, e não é vossa ?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão doce nossa ?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento ? »

XCII

Nestas e outras palavras, que diziam,
De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade ;
A branca area as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado,
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, postoque é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV

Mas hum velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito :

XCV

« O' gloria de mandar ! O' vã cubiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama !
O' fraudulento gosto, que se atiça
C'huma aura popular, que honra se chama !
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama !
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exp'rimentas !

XCVI

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de imperios;
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo nescio engana!

XCVII

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

XCVIII

Mas, ó tu, geração daquelle insano (99),
Cujo peccado e desobediencia
Não sómente do reino soberano
Te pos neste desterro e triste ausencia,
Mas inda d'outro estado, mais que humano,
Da quieta e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou (100):

XCIX

Já que nesta gostosa vaïdade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Já que á bruta crueza e feridade
Poseste nome, esforço e valentia;
Já que presas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeo tanto perdê-la quem a dá:

---

(99) *Adão*, nome do primeiro homem, pae do genero humano, cuja historia é feita no *Gen.*, II, 7 e seg. **(100)** Os antigos distinguiam quatro edades no mundo: 1 — de *ouro*, em que a felicidade e a innocencia reinaram entre os homens e a doçura e a bondade dominavam todas as suas acções; 2 — de *prata*, em que começa a decadencia; 3 — de *bronze*; e 4 — de *ferro*, em que os males dominam e a virtude se torna rara.

C

Não tens junto comtigo o Ismaelita (101),
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riquezas mais desejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI

Deixas crear ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovce o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
Buscas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia?

CII

Oh! maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas velas pos em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho!
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas comtigo se acabe o nome e a gloria!

CIII

Trouxe o filho de Japeto do ceo (102)
O fogo, que ajuntou ao peito humano,
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras (grande engano!)
Quanto melhor nos fora, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

---

(101) Vid. I, **(59)**. **(102)** O filho de Japeto é Prometheu que depois de ter formado o homem do barro, para lhe insuflar a vida roubou o fogo do ceu, pelo que Jupiter o pregou sobre o Caucaso onde um abutre lhe devorava o figado.

CIV

Não commettera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio (103)
O grande architector, co'o filho, dando (104)
Hum nome ao mar, e o outro fama ao rio;
Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! estranha condição! »

(103) E' *Phaeton,* vid. I, **(53)**. Phaeton foi precipitado no Eridano (hoje rio Pó). **(104)** O grande architector é *Dedalo,* que foi o constructor do labyrintho de Creta, no qual foi encerrado o Minotauro. Foi tambem elle proprio lá encerrado, mas conseguiu fugir fabricando umas asas com pennas e cera. *Icaro,* seu filho, fugiu com elle pelo mesmo processo, mas approximando-se muito do sol, desfizeram-se lhe as asas e foi precipitado no mar Egeu, perto da ilha, que depois se chamou *Icaria* (hoje *Nikaria).*

ARGUMENTO

CANTO V

	Estancias
Partida da armada	1-3
Ilha da Madeira; costa da Barbaria, Azenegues	4-6
Senegal; Cabo-Verde	7
Ilha de S. Thiago; etc.	9-13
Tromba maritima	14-23
Desembarque	24-27
Encontro d'um Ethiope	28-30
Aventura de Velloso	30-36
Adamastor	37-60
A armada dá fundo na aguada de S. Brás	61-64
Continuação da derrota	65-69
Encarecimento da lealdade portuguêsa	70-73
Continua a derrota	74-85
O Gama engrandece a sua navegação	86-89
Sequencia da narração do Gama	92-100

CANTO QUINTO

I

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos ;
E como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo : « Boa viagem » ; logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemæo truculento (1),
E o mundo, que co'o tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo e lento (2) :
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia (3).

III

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavam ;
Ficava o charo Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nella os olhos se alongavam ;
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam ;
E já, despois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar e ceo.

---

(1) O signo de *Leão*. A *Nemea* era uma pequena região da Argolida onde, segundo a myth., Hercules matou o Leão, que a devastava. **(2)** Alguns auctores dividem a historia do mundo nos seguintes periodos : 1 — da creação ao diluvio ; 2 — do diluvio a Abraham ; 3 — d'este a David ; 4 — de David á destruição de Jerusalem ; 5 — d'aqui ao nascimento de Jesus Christo ; 6 — dura até nossos dias. Ha grande divergencia entre os auctores a este respeito. **(3)** Foi effectivamente em 1497 que a armada saíu de Lisboa a caminho da India.

IV

Assi fomos abrindo aquelles mares,
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio (4) :
De Mauritania os montes e lugares,
Terra que Antheo n'hum tempo possuio,
Deixando á mão esquerda, que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita (5).

V

Passámos a grande ilha da Madeira (6),
Que do muito arvoredo assi se chama,
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome que por fama ;
Mas nem por ser do mundo a derradeira,
Se lhe avantajam quantas Venus ama ;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Guido, Paphos e Cythera (7).

VI

Deixámos de Massylia a esteril costa (8),
Onde seu gado os Azenegues pastam,
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam,
A terra a nenhum fructo em fim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

---

(4) D. Henrique (1394-1460), o *Navegador*, filho de D. João I, foi o instigador das descobertas e conquistas com que nós os portuguêses depois assombrámos o mundo. **(5)** *Anteo*, gigante filho de Neptuno e da Terra, morto por Hercules. Tendo o heroe visto, quando luctava com o monstro, que elle readquiria novas forças todas as vezes que tocava a terra, levantou-o, tirando-lhe assim a vida. A Myth. dizia que Anteo habitava na *Mauritania*, que era uma antiga região da Africa septentrional, comprehendendo a Tunisia, Argelia e Marrocos. **(5)** A India ficava á esquerda dos que então a ella se dirigiam. Ao tempo em que o Poeta escrevia não havia para o lado direito terras conhecidas. **(6)** *Madeira*, ilha do Atlantico, descoberta pelos portuguêses João Gonçalves e Tristão Vaz em 1420. Cap. *Funchal*. **(7)** *Chipre*, do Mediterraneo, cedida pela Turquia á Inglaterra em 1878 ; *Guido*, *Gnido* ou *Cuido*, antiga cidade da Caria, colonia lacedemonia consagrada a Venus, onde tinha um templo famoso. *Paphos*, cidade antiga da ilha de Chipre, celebre pelo culto de Venus ; *Cythera* (hoje *Cerigo*), ilha do mar de Creta, onde Venus tinha um templo. **(8)** Vid. iv, **(38)**. Os povos *Azenegues* habitavam a costa septentrional da Guiné superior, costa arida e seca, como diz o Poeta.

VII

Passámos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos a quem nega
O filho de Clymene a cor do dia (9);
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria (10),
Onde o cabo Arsinario o nome perde (11),
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas (12),
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas (13),
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas;
Alli tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX

A'quella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct-Iago,
Santo que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago (14).
Daqui, tanto que Boreas nos ventou (15),
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assi deixámos
A terra, onde o refresco doce achámos.

---

(9) O filho de Climene é Phaeton (I, **(46)**). **(10)** Os antigos chamavam *Azana* ou *Sanagá* ao rio hoje conhecido pelo Senegal e *Azenegues* (acima, n. **(8)**) aos povos nomadas, que habitavam as margens d'aquelle rio. **(11)** Os antigos davam a Cabo-Verde o nome de *Arsenarium Promontorium*. **(12)** *Canarias*, grupo de treze ilhas do Atlantico a N. O do Sahará, que os antigos denominavam *Afortunadas*. **(13)** *Hesperidas*, ilhas do Atlantico; Camões refere-se aqui as ilhas do Cabo-Verde, mas ha muitas duvidas a este respeito. **(14)** Santiago de Cabo-Verde, a maior das ilhas do grupo. **(15)** Vid. I, **(46)**.

X

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A provincia Jalofo, que reparte (16)
Por diversas nações a negra gente,
A mui grande Mandinga, por cuja arte (17)
Lográmos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambêa as aguas bebe (18),
As quaes o largo Atlantico recebe.

XI

As Dórcadas passámos, povoadas (19)
Das irmãs que outro tempo alli viviam,
Que de vista total sendo privadas
Todas tres d'hum só olho se serviam :
Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais fea,
De viboras encheste a ardente area.

XII

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo golfão nos mettemos (20),
Deixando a serra asperrima Leoa (21),
Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos (22) ;
O Grande rio, onde batendo soa (23)
O mar nas praias notas que alli temos,
Ficou, co'a ilha illustre que tomou
O nome d'hum, que o lado a Deos tocou (24).

---

(16) *Jalofo,* na Nigricia, desde a embocadura do Senegal, para o sul, até sete leguas de Cabo-Verde, o que dá de N. a S. uma extensão de quarenta leguas de costa maritima e de L. a O. 100 leguas para o interior. **(17)** *Mandinga,* prov. na Africa Occid., comprehendendo os povos situados nas margens do Niger, Senegal e Gambia. Com esta região havia outr'ora grande commercio de oiro. **(18)** *Gambêa,* rio, talvez o Niger. **(19)** *Dorcadas* ou *Gorgadas,* sam as ilhas de S. Thomé e Principe, outr'ora habitadas pelas Gorgonas, filhas de Phorco, a mais notavel das quaes era Medusa, cujos cabellos Minerva transformou em serpentes. **(20)** *Golphão* — o mar ; os portuguêses continuam a sua navegação para o sul. **(21)** *Serra Leoa,* dá o nome a um cabo, na Guiné. **(22)** *Cabo das Palmas,* cabo das ilhas Baleares, na costa S. O. de Maiorca. **(23)** O *Zaire* sobre o qual vid. abaixo n. **(26)**. **(24)** S. Thomé foi um dos doze Apostolos, que ficou célebre pela sua incredulidade a respeito de Jesus Christo resuscitado. A ilha de S. Thomé, no golfo da Guiné, foi descoberta por um português chamado Vasconcellos em 1471 num dia de S. Thomé, d'onde o seu nome.

XIII

Alli o mui grande reino está do Congo (25),
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo (26),
Rio pelos antiguos nunca visto;
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido polo de Callisto (27),
Tendo o termino ardente já passado,
Onde o meio do mundo é limitado (28).

XIV

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella (29),
Não vista d'outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della.
Vimos a parte menos rutilante
E por falta de estrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda se não sabe,
Que outra terra comece ou mar acabe.

XV

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo (30),
Dous invernos fazendo e dous verões,
Em quanto corre d'hum ao outro polo,
Por calmas, por tormentas e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo (31),
Vimos as Ursas, apesar de Juno
Banharem-se nas aguas de Neptuno (32).

XVI

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

---

(25) Região da Africa, entre o Atlantico a O., o Loango a N., Angola ao S., descoberta por Diogo Cam em 1487. **(26)** *Zaire*, rio immenso da Africa central que desagôa no Atlantico. Percurso, 3.000 k. **(27)** Polo Norte — I, **(57)**. **(28)** Tinham passado o termino ardente ou linha Equinoxial e porque divide o *mundo* pelo *meio*, diz que este alli *é limitado*. **(29)** A constellação da Cruz, que ajuda os marinheiros a conhecerem o polo Sul. **(30)** *Apollo* = o Sol (II, **(59)**). **(31)** *Eolo* = deus dos ventos (II, **(70)**). **(32)** Segundo a Myth. Juno conseguiu de Thetis e do Oceano, senhores do mar, que nunca as *Ursas* se banhassem no mar, como as demais estrellas e planetas faziam.

XVII

Os casos vi que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia,
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por sciencia
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII

Vi claramente visto o lume vivo (33),
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporzinho e subtil fumo (34)
E do vento trazido, rodear-se;
De aqui levado hum cano ao polo summo
Se via, tão delgado que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

XX

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita; aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava;
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima delle huma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

---

(33) Descreve o phenomeno que os marinheiros commummente designam pelo nome de *Fogo de San-Telmo*. (34) Descreve outro phenomeno tambem observado pelos marinheiros e que é a *Tromba* maritima.

XXI

Qual roxa sanguesuga se veria (35)
Nos beiços da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente :
Chupando mais e mais se engrossa e cria ;
Alli se enche e se alarga grandemente :
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e a nuvem negra que sustenta.

XXII

Mas despois, que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo ceo chovendo em fim voou ;
Porque co'a agua a jacente agua molhe :
A's ondas torna as ondas, que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura !

XXIII

Se os antiguos philosophos, que andaram
Tantas terras por ver segredo dellas,
As maravilhas que eu passei passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escripturas, que deixaram !
Que influição de signos e de estrellas !
Que estranhezas ! que grandes qualidades !
E tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV

Mas já o planeta que no ceo primeiro (36)
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, em quanto o mar cortava a armada,
Quando da etherea gavea hum marinheiro
Prompto co'a vista : « Terra, Terra » brada ;
Salta no bordo alvoraçada a gente,
Co'os olhos no horisonte do Oriente.

---

(35) Os antigos conheciam muito bem a avidez das sanguesugas para o sangue do homem e dos animaes. **(36)** A lua. No circumloquio de que usa o Poeta refere-se ao primeiro dia em que os portuguêses avistaram terra, que foi a 4 de Novembro, num sabbado ás 9 horas da manhã.

XXV

A' maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As ancoras pesadas se adereçam;
As velas já chegados amainamos;
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do astrolabio (37)
Invenção de subtil juizo e sabio,

XXVI

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra, que outro povo não pisou;
Porém eu co'os pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura
E compassar a universal pintura (38).

XXVII

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta (39),
Estando entre elle e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

---

(37) O *astrolabio,* instrumento que serve para medir a altura dos astros, foi inventado no reinado de D. João II, em 1480, pelo allemão Martim Behaim, ao serviço de Portugal, e pelos dois judeus portuguêses mestre Rodrigo e mestre José, ambos medicos do monarcha português. Vid. o meu trabalho *Os Judeus em Portugal*, 1895, pg. 246. **(38)** Tomava-se a altura do Sol pelo astrolabio e apontava-se na *carta de marear*. **(39)** Estavam além do tropico de Capricornio, decimo signal do Zodiaco em que o sol entra no solsticio de inverno.

XXVIII

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo (40).
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo (41),
A prata fina, a quente especiaria;
A nada disto o bruto se movia.

XXIX

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos (42),
Hum barrete vermelho, côr contente:
Vi logo por signaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente;
Mando-o soltar com tudo, e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus e da cor da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva:
Domesticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato (43),
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI

E' Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora vinha.

---

(40) O mais celebre dos Cyclopes, filho de Neptuno; tinha um só olho, que Ulysses lhe vasou por ter sido encerrado por elle com os seus companheiros num antro, junto ao Etna, onde o monstro habitava. **(41)** O oiro. *Rica pelle de Colchos* allude ao celebre *velo* ou *velocino* (IV, **(94)**) de Colchos, onde estava um carneiro com lã de oiro. **(42)** *Cascaveis,* eram pequenos globos de metal, ocos, com uma bola dentro, que se usavam como adornos ou enfeites nos animaes e nas pessoas. Veja a nossa ed. do *Fidalgo Aprendiz* de D. Francisco Manoel de Mello, 1898, pg. 62, n. 26. **(43)** Marinheiro, a quem o Poeta se refere mais vezes, sempre com sympathia.

XXXII

O batel de Coelho foi depressa (44)
Pelo tomar; mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa (45)
A elle, porque não se lhe escapasse;
Outro e outro lhe sahem; vê-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse:
Acudo eu logo; e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII

Da espessa nuvem settas e pedradas.
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu d'alli ferida;
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes se suspeita,
Que a cor vermelha levam desta feita.

XXXIV

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia feia e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudémos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della;
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV

Disse então a Velloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
« Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
E' melhor de descer que de subir. »
« Si, é, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim
Por me lembrar que estaveis cá sem mim. »

---

(44) Era o capitão da *Berrio*. (45) Ethiope aqui é tomado não no sentido geographico, mas como synonymo de preto.

XXXVI

Contou então, que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, alli matá-lo;
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque sahindo nós para tomá-lo,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII

Porem já cinco Soes eram passados (46)
Que d'alli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece (47).

XXXVIII

Tão temerosa vinha e carregada
Que pos nos corações hum grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada
Como se désse em vão n'algum rochedo.
« O' Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta? »

XXXIX

Não acabava, quando huma figura
Se mostra no ar robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

---

(46) Cinco dias. (47) Começa o episodio do Adamastor, que é, com o de Ignês de Castro, o mais notavel dos Lusiadas.

XL

Tão grande era de membros que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo collosso (48),
Que hum dos sete milagres foi do mundo.
C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mim e a todos, só de ouví-lo e vê-lo.

XLI

E disse: « O' gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas;
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho;

XLII

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos,
De nobre ou de immortal merecimento,
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pela terra,
Que inda has de sojugar com dura guerra.

XLIII

Sabe que quantas náos esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas;
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno que o perigo.

---

(48) *Colosso*, estatua de bronze que estava á entrada do porto de Rhodes e que representava Apollo ou o Sol. Tinha pouco mais ou menos 33m. Dizia-se que por debaixo d'ella passavam os navios. Era obra de Charés de Lindo e de Lachés (300-288) e foi derribada por um tremor de terra ao fim de 56 annos.

XLIV

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio summa vingança (49);
E não se acabará só nisto o dano
Da vossa pertinace confiança:
Antes em vossas náos vereis cada anno,
Se é verdade o que meu juizo alcança,
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV

E do primeiro illustre que a ventura (50)
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova sepultura
Por juizos incognitos de Deos.
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos:
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça (51).

XLVI

Outro tambem virá de honrada fama (52),
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

---

(49) A segunda frota que D. Manuel enviou ás Indias foi commandada pelo descobridor do Brazil — Pedro Alvares Cabral. Esta viagem custou a vida a Bartholomeu Dias, o primeiro que descobriu o famoso Cabo das Tormentas. Depois d'uma horrivel tempestade, que durou vinte e dous dias, os portuguèses tiveram que retroceder. **(50)** D. Francisco de Almeida, 1.º viso-rei das Indias, saiu do reino a 25 de março de 1505. Morreu num combate contra os cafres. **(51)** Vid. I, **(60)**. **(52)** Manuel de Sousa de Sepulveda voltando da India com sua mulher D. Leonor naufragou junto ao Cabo da Boa-Esperança. Os horrores que passaram, resumidos tam laconica mas tam admiravelmente por Camões nestas tres estancias XLVI-XLVIII, forneceram a Corte-Real o assumpto d'um longo poema em 17 cantos intitulado o *Naufragio de Sepulveda*.

XLVII

Verão morrer de fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres, asperos e avaros,
Tirar á linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e preclaros
A' calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Despois de ter pisada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacavel espessura.
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magua pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão » (53).

XLIX

Mais hia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: « Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado! »
A bocca e os olhos negros retorcendo
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:

(53) Do naufragio escaparam apenas oito portuguêses e alguns escravos, que vinham na companhia de Sepulveda e D. Leonor.

L

« Eu sou aquelle occulto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentorio (54),
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio (55).
Aqui toda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o Polo Antartico se estende;
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo e o Centimano (56);
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano (57):
Não que posesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII

Amores da alta esposa de Peleo (58)
Me fizeram tomar tamanha empresa:
Todas as Deosas desprezei do ceo
Só por amar das aguas a Princeza.
Hum dia a vi, co'as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia, e logo presa
A vontade senti, de tal maneira
Que inda não sinto cousa, que mais queira.

---

(54) Foi Bartholomeu Dias quem lhe pôs o nome de *Cabo das Tormentas*, que D. João II depois mudou em — *de Boa-Esperança*. B. Dias passou além do Cabo 140 leguas. **(55)** Auctores celebres: 1.º) *Ptolomeu*, do Egypto (II sec. dep. de C.), conhecido pelo seu systema que consistia em collocar a terra no centro do mundo e fazer d'ella um corpo fixo, e que depois foi substituido pelo de Copernico; 2.º) *Pomponio (Mela)*, geographo latino que viveu em Espanha no tempo de Tiberio e Claudio; escreveu no anno 43 um tratado em 3 liv. — *De situ orbis*, fonte preciosa da geographia antiga; 3.º) *Estrabo* ou *Strabão*, geographo grego, nascido em Amuseu na Cappadocia, no tempo de Tiberio, auctor d'uma *Geographia* em 17 liv.; 4.º) *Plinio* é Caio-Secondo, *o Velho*, para o distinguir de seu sobrinho *Plinio o Moço*, conhecido pelos 37 liv. da sua *Naturalis Historia*, dos quaes o 2.º é sobre cosmographia e o 3.º e 4.º sobre geographia, hist. e politica. **(56)** *Encelado*, *Egeu* ou *Briareu*, o *Centimano* porque segundo a fabula tinha cem mãos e *Adamastor* eram gigantes (II, **(73)**). **(57)** Jupiter vibrava os raios que Vulcano, seu filho, forjava. **(58)** *Thetis*, mulher de Peleu, rei da Thessalia, e mãi de Achilles.

LIII

Como fosse impossibil alcançá-la,
Pela grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la,
E a Doris este caso manifesto (59).
De medo a Deosa então por mi lhe falla;
Mas ella, c'hum formoso riso honesto
Respondeo: « Qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d'hum gigante?

LIV

Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o dano ».
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças.

LV

Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis, unica, despida.
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

LVI

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'hum duro monte,
De aspero mato e de espessura brava.
Estando c'hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,
E junto d'hum penedo outro penedo.

---

(59) Mulher de Nereu e mãi das Nereidas (I, (82)).

LVII

O' nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
Daqui me parto irado e quasi insano
Da magoa e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos e em miseria extrema postos;
E por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos (60):
E como contra o ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado inimigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros, que vês e esta figura,
Por estas longas aguas se estenderam;
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deoses; e por mais dobradas magoas
Me anda Thetis cercando destas agoas ».

LX

Assi contava, e c'hum medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'hum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

(60) Para escalar o ceo os Gigantes haviam collocado montes uns sobre outros. Jupiter soterrou-os. A fabula vem em Ovidio, 8.ª *Met.*

LXI

Já Phlegon e Pyrois vinham tirando (61)
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos (62).

LXII

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiopes eram (63),
Mais humana no trato parecia,
Que os outros que tão mal nos receberam (64).
Com bailes e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As mulheres comsigo e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado.

LXIII

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas;
Animaes que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas;
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam concertadas
Co'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas (65).

LXIV

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas e carneiros,
A troco doutras peças que levaram;
Mas como nunca emfim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que désse algum signal do que buscamos,
As velas dando, as ancoras levamos.

---

(61) A myth. dava aos cavallos que puchavam o carro do sol os nomes de Phlegon, Pyrois, Eoo e Ethon. **(62)** Num domingo, dia de S. Catharina, em 1497. **(63)** Ethiopes ou negros, como atrás na est. XXXII. **(64)** Os da bahia de Santa-Helena. **(65)** Como as cantigas pastoris, acompanhadas com o toque das avenas ou flautas rudes do pastor Tytyro, conforme no-lo narra Vergilio na *Egloga I.*

LXV

Já aqui tinhamos dado um grão rodeio
A' costa negra da Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o polo Antarctico ficava ;
Aquelle ilheo deixámos onde veio (66)
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo, e descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI

Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças.
Co'o mar hum tempo andamos em porfias,
Que como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento que assoprava.
Injuriado Noto da porfia (67)
Em que co'o mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII

Trazia o Sol o dia celebrado
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buscar um Rei de pouco nado (68),
No qual Rei outros tres ha juntamente ;
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
N'hum largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.

---

(66) *Ilheu da Cruz* descoberto por Bartholomeu Dias, quinze leguas antes de chegar ao rio, a que pôs o nome de Infante. **(67)** Noto ou Sul — 1, **(34)**. **(68)** Allusão á viagem dos Reis Magos, que do Oriente vieram a Belem adorar Jesus Christo recemnascido.

LXIX

Desta gente refresco algum tomámos
E do rio fresca agua; mas com tudo (69)
Nenhum signal aqui da India achámos
No povo, com nós outros quasi mudo,
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem sahir nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem signal
Da desejada parte Oriental!

LXX

Ora imagina agora quão coitados
Andariàmos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos,
E do esperar comprido tão cansados
Quanto a desesperar já compellidos,
Por ceos não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade!

LXXI

Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoso e máo ao fraco corpo humano,
E alem disso nenhum contentamento,
Que sequer da esperança fosse engano.
Crês tu, que se este nosso ajuntamento
De soldados não fora Lusitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei e a seu regente?

LXXII

Crês tu que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portuguesa alta excellencia
De lealdade firme e obediencia.

---

(69) A armada portuguêsa passava pela costa do Natal a 25 de Dezembro.

LXXIII

Deixando o porto em fim do doce rio
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pego toda a armada;
Porque, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda (70).

LXXIV

Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolao (71),
Para onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina d'huma e d'outra náo:
Quando indo o coração que espera e teme,
E que tanto fiou d'hum fraco pao,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'huma novidade alvoroçado.

LXXV

E foi, que estando já da costa perto
Onde as praias e valles bem se viam,
N'hum rio que alli sahe ao mar aberto,
Bateis á vela entravam e sahiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas que sabíam
Navegar; porque entr'ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI

Ethiopes são todos, mas parece (72)
Que com gente melhor communicavam;
Palavra alguma arabia se conhece
Entre a linguagem sua que fallavam;
E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

---

(70) *Sofala*, região da Africa, ao S. da embocadura do Zambez e Paiz muito abundante de oiro, cfr. I, **(60)**. **(71)** S. Nicolau é o patrono dos navegantes. **(72)** Atrás nota **(45)**.

LXXVII

Pela arabica lingua, que mal fallam,
E que Fernão Martins mui bem entende (73),
Dizem que por náos, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende;
Mas que, lá donde sahe o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende
E do Sul para o Sol, terra onde havia
Gente assi como nós da cor do dia.

LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais.
Pelos signaes que neste rio achámos
O nome lhe ficou dos Bons Signaes,
Hum padrão nesta terra alevantámos
Que para assignalar lugares tais
Traziam alguns: o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello (74).

LXXIX

Aqui de limos, cascas e d'ostrinhos
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpámos as náos, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas e immundas,
Dos hospedes que tinhamos vizinhos,
Com mostras aprázíveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX

Mas não foi da esperança grande e immensa,
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura (75).
Assi no Ceo sereno se dispensa;
Com esta condição pesada e dura
Nascemos: o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

---

(73) I, **(68)**. **(74)** O Archanjo S. Raphael acompanhou Tobias que guardava certa quantia de *Gabelo*, um pobre homem de Ragés, cidade dos Medas. *Tobias*, I, 16-17; IV-21; V-8; IX, X-2. **(75)** *Rhamnusia* assim chamada de Rhamnus, cidade da Attica onde tinha um templo, o mesmo que *Nemesis*, era a deusa da vingança, a inimiga da soberba e da altivez. O Poeta quer significar que a alegria que haviam tido, depressa a desventura a fez esquecer com o que vae em seguida narrar. E' o que Barros nas *Decadas* (I, liv. IV, cap. III) diz «... por este prazer não ir puro sem algum desconto de trabalhos... adoeceu muita gente, de que morreu alguma».

LXXXI

E foi que de doença crua e feia (76),
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tão disformemente alli lhe incharam
As gingivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII

Apodrecia c'hum fetido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava
Não tinhamos alli medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava;
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fora morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII

Em fim que nesta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros;
Que em tal caminho e em tanta desventura
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quão facil é ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como os nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

LXXXIV

Assi que deste porto nos partimos,
Com maior esperança e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza;
Na dura Moçambique em fim surgimos (77),
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça, pouco humanos.

---

(76) A doença descripta por Camões é o escorbuto. (77) A 24 de Fev. de 1498 saiam os portuguêses do rio dos *Bons Signaes*, a 23 k. distante de Quelimane. No 1.º de Março de 1498 avistaram Moçambique. Esta provincia comprehende todo o territorio, na Africa Oriental, do cabo Delgado no parallelo 26º,52', S., num comprimento de 2.300 k. Estes limites foram fixados pelo tratado de 11 de Junho de 1891. Actualmente o dominio português tem uma superficie de 780.000 k. quadrados e uma população de 3.120.000 habitantes.

LXXXV

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saude a hum vivo e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste ; e vês aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI

Julgas agora, Rei, que houve no mundo
Gentes que taes caminhos commettessem ?
Crês tu que tanto Eneas e o facundo (78)
Ulysses pelo mundo se estendessem (79) ?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte ?

LXXXVII

Esse que bebeo tanto da agua Aonia (80),
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo e Salamina ;
Ess'outro que esclarece toda Ausonia (81),
A cuja voz altisona e divina,
Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tybre co'o som se ensoberbece :

---

(78) *Eneas,* principe troiano, de quem Vergilio fez o heroe da sua *Eneida,* depois da victoria dos gregos e da destruição de Troia aportou á Italia, no Latium, sendo assim o tronco dos Romanos. **(79)** *Ulysses,* rei de Ithaco, filho de Laerto, pae de Telemaco e esposo de Penelope, é o principal dos heroes gregos, que Homero cantou na *Odyssea.* **(80)** *Aonia,* fonte da Beocia, que fazia poetas os que d'ella bebiam. Refere-se a Homero, sendo os versos 3-4 d'esta estancia uma traducção litteral d'este distico, citado por Aulo Gelio :

Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri :
Smyrna, Rhodes, Colophon, Salamin, Chios, Argos, Athenae.

(81) 1) *Ausonia,* nome d'uma parte da Italia e pelos poetas applicado a toda a Italia. Refere-se, pois, a Vergilio, nascido na aldeia de Andes, ao pé de Mantua (a 15 de Out. de 70). Junto a Mantua e indo desaguar no Pó passa o rio 2) *Mincio,* depois d'um percurso de 80 k. 3) O *Tibre* banha Roma e tem a sua foz no mar Tyrreno ; percurso 300 k.

LXXXVIII

Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus semideoses e encareçam,
Fingindo Magas, Circes, Polyphemos (82),
Sirenas, que co'o canto os adormeçam;
Dem-lhe mais navegar á vela e remos,
Os Cicones e a terra onde se esqueçam (83)
Os companheiros, em gostando o loto (84);
Dem-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX

Ventos soltos lhe finjam e imaginem (85)
Dos odres e Calypsos namoradas (86),
Harpyas, que o manjar lhe contaminem (87),
Descer ás sombras nuas já passadas;
Que por muito, e por muito que se afinem
Nestas fabulas vãas tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto nua e pura,
Vence toda grandiloqua escriptura ».

XC

Da boca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis, em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade d'animo e nobreza.

---

(82) 1) *Magas,* mulheres que praticavam a magia, pretendida arte de operar effeitos maravilhosos por meios extra-naturaes. 2) *Circes,* feiticeiras como Circe, celebre magica, que desempenha um importante papel na *Odyssea* de Homero. Tendo abordado á sua ilha, deu a Ulysses e seus companheiros uma bebida, que os transformou em porcos. 3) *Polyphemo,* gigante, v, **(40)**. 4) *Sirenas,* monstros meio homens, meio peixes, que habitavam nas costas de Italia; pelo seu canto attraíam os viajantes aos escolhos do mar da Sicilia. Ulysses insensivel, fez com que ellas se lançassem no mar. **(83)** *Cicones,* povos da Thracia, que tiveram muitas guerras com Ulysses, depois do cerco de Troia. **(84)** *Loto:* o Poeta refere-se a uma arvore, talvez a *Zizyphus Lotus,* cultivada nas costas da Africa septentrional, onde o seu fructo é o principal alimento. Dizia a fabula que o gosto deste fructo era tam delicioso, que os estrangeiros, depois de o terem comido, esqueciam totalmente a sua patria. **(85)** *Eolo,* deus dos ventos, encerrou-os num odre quando Ulysses passou ás ilhas Eolidas para depois os largar quando quisesse. **(86)** *Calipso,* nimpha, rainha da ilha Ogygia, no mar Jonio, foi quem acolheu a Ulysses e a seus companheiros depois do seu naufragio e os reteve durante sete annos. **(87)** Vid. IV, **(92)**.

XCI

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou;
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira (88),
Que o irmão de Lampecia mal guiou (89),
Por vir a descansar nos Thetios braços,
E El-Rei se vai do mar aos nobres paços.

XCII

Quão doce é o louvor e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalho que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

XCIII

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles Alexandro na peleja (90),
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Milciades famosos
Themistocles despertam só de inveja (91);
E diz que nada tanto o deleitava
Como a voz, que seus feitos celebrava.

XCIV

Trabalha por mostrar Vasco da Gama,
Que essas navegações que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria e fama
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
Si; mas aquelle heroe que estima e ama
Com dões, mercês, favores e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas, e a Romana gloria voe (92).

---

(88) *Delio* é o Sol, da ilha de Delos, onde o faziam nascido. **(89)** *Lampecia*, irmã de Phaetonte, filha do Sol e de Neeva (1, **(53)**; sobre Thetis — 1, **(23)**. **(90)** *Alexandre*, o grande conquistador (1, **(3)**) invejava a Achilles o ter tido um cantor como Homero. Conta Cicero no discurso *Pro Archia Poeta* que Alexandre dissera em frente do tumulo de Achilles: — *O' fortunate adolescens, qui tuae virtutis praeconem inveneris Homerum.* **(91)** *Milciades*, general atheniense, vencedor dos Persas em Marathona (490 a. C.). Conta-se que Themistocles, outro general atheniense, respondera aos seus amigos que inquiriam da sua tristeza depois da acção de Marathona — *os tropheos de Milciades não me deixam repousar.* **(92)** Vid. atrás a nota **(78)**.

XCV

Dá a terra Lusitana Scipiões
Cesares, Alexandros e dá Augustos (93)
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões
Cuja falta os faz duros e robustos:
Octavio entre as maiores oppressões
Compunha versos doutos e venustos;
Não dirá Fulvia certo, que é mentira (94),
Quando a deixava Antonio por Glaphyra (95).

XCVI

Vai Cesar subjugando toda França (96),
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'huma mão a penna e n'outra a lança
Igualava de Cicero a eloquencia.
O que de Scipião se sabe e alcança (97)
E' nas comedias grande experiencia;
Lia Alexandro a Homero, de maneira
Que sempre se lhe sabe á cabeceira (98).

XCVII

Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega ou barbara nação (99),
Senão da Portuguesa tamsómente.
Sem vergonha o não digo; que a razão
D'algum não ser por versos excellente
E' não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe a arte não na estima.

---

(93) 1) *Scipião,* nome duma familia illustre da antiga Roma, os mais notaveis dos quaes foram; 2) *Scipião o Africano,* vencedor de Annibal em 202 a. C.; e *Scipião Emiliano,* o destruidor de Carthago em 146 a. C.; 3) *Cesar* — 1, **(17)**; 4) *Alexandre* — 1, **(3)**; 5) *Augusto,* o imperador romano, tam celebre e tam illustre, que deu á historia de Roma o maior brilho. Foi o seu reinado na politica e nas lettras egualmente notavel. O *seculo de Augusto* é o periodo aureo da Litteratura, para sempre immortalisado por Vergilio, Tito-Livio, Sallustio, Ovidio, Horacio, etc. **(94)** *Fulvia,* mulher de Marco Antonio, que sendo degollado Cicero, fez vir á sua presença a cabeça d'elle para lhe atravessar a lingua com um alfinete de oiro. **(95)** *Glaphira,* era mulher de Archelau, sacerdote magno do templo de Bellona em Comana, na Capadocia, seduziu Antonio pela sua belleza e espirito. **(96)** *Cesar,* grande conquistador (1, **(17)**) é tambem o auctor dos Commentarios *De Bello Gallico* e *De Bello Civili.* **(97)** *Scipião, o Africano* (atrás, n. **(93)**, 2), depois das suas conquistas retirou-se á inactividade, consagrando-se muito ás lettras. Foi amigo de Ennio, o auctor dos *Annaes.* **(98)** Alexandre é tido como um enthusiasta admirador de Homero. **(99)** *Lacia* ou Latina.

XCVIII

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Vergilios nem Homeros,
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros.
Mas o peor de tudo é que a ventura
Tão asperos os fez e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada d'isso.

XCIX

A's Musas agradeça o nosso Gama (100)
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome e fama
De toda a illustre e bellica fadiga;
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga (101),
Nem as filhas do Tejo que deixassem
As telas d'ouro fino e que o cantassem.

C

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, é sómente o presupposto
Das Tagides gentis e seu respeito (102);
Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta ou por outra qualquer via
Não perderá seu preço e sua valia.

---

(100) III, **(1)**. **(101)** *Calliope*, uma das musas. **(102)** I, **(4)**.

ARGUMENTO

CANTO VI

	Estancias
Festejos e banquetes do rei de Melinde . .	1-5
Navegação para a India ; odio de Baccho . .	5-15
Congresso dos deuses maritimos ; falla de Baccho	16-34
Eolo solta os ventos	35-37
Navega a armada socegada ; propõe-se contar historias	38-42
Episodio dos 12 de Inglaterra	43-69
Descripção da tormenta	70-79
Oração de Vasco da Gama	80-83
Auxilio de Venus	84-91
Avista-se Calecut	92-94
Reflexões do Poeta	95-99

CANTO SEXTO

I

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes (1),
Para que as amizades alcançasse
Do Rei christão, das gentes tão possantes;
Pesa-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho
Donde Hercules ao mar abrio o caminho (2).

II

Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra e engana (3),
Este famoso Rei todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes e pescados.

III

Mas vendo o Capitão que se destinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

---

(1) O rei de Melinde, a quem Vasco da Gama acabava de fazer a historia portuguêsa, nos tres cantos atrás. (2) Pelo estreito de Gibraltar (III, (28)). (3) Cleopatra, a quem o Poeta chama *Lageia* de *Lagus*, tronco dos primeiros reis egypcios, da dynastia dos Ptolomeus.

IV

Pede-lhe mais que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado,
Que nenhum outro bem maior deseja
Que dar a taes barões seu reino e estado,
E que em quanto o seu corpo o espirito reja,
Estará de continuo apparelhado
A pôr a vida e reino totalmente
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando.
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI

As ondas navegavam do Oriente,
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol que nasce ardente (4);
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o máo de Thyoneo, que na alma sente (5)
As venturas que então se apparelhavam
A' gente Lusitana della dina,
Arde, morre, blasphema e desatina.

VII

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma (6):
Não no póde estorvar que destinado
Está d'outro poder que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado;
Novo remedio em terra busca e toma:
Entra no reino humido e vai-se á corte
Daquelle a quem o mar cahiu em sorte (7).

---

(4) Partes do oriente. (5) Baccho (1, (36)). (6) Lisboa pelas conquistas e navegações das portuguêses alcançaria para si a fama, que outr'ora Roma teve. (7) *Neptuno*, deus do mar.

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora e moram as jocundas
Nereidas e outros deoses do mar, onde (8)
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX

Descobre o fundo nunca descoberto
As areas alli de prata fina;
Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa cristallina;
Quando se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se é cristal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X

As portas d'ouro fino e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace (9),
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho Chaos a tão confusa face (10);
Vêm-se os quatro elementos trasladados (11)
Em diversos officios occupados.

XI

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sustinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha (12);
Logo após elle leve se sublima
O invisivel Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

---

(8) I, **(82)**. **(9)** Aljofar, pequena perola; forma-se no interior de certas conchas. **(10)** O *Chaos* era a massa informe e grosseira em que todos os elementos estavam confundidos antes da creação. **(11)** Os quatro elementos, que na opinião dos antigos, compunham e entravam na formação dos corpos eram o Fogo, o Ar, a Agua e a Terra, que o Poeta descreve admiravelmente nas estancias seguintes. **(12)** Prometheu roubou o fogo do ceu (IV, **(102)**).

XII

Estava a Terra em montes, revestida
De verdes hervas e arvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
A's alimarias nella produzidas;
A clara forma alli estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII

N'outra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deoses co'os gigantes:
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes (13);
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
Delle o cavallo houveram, e a primeira (14)
De Minerva pacifica oliveira (15).

XIV

Pouca tardança faz Lyeo irado (16)
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
A's portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando
De ver, que commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

XV

« O' Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes,
Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quiseres;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal que toca a todos. »

---

(13) Por ser um dos Gigantes que combateu contra Jupiter, este acorrentou-o ao Etna. **(14-15)** Neptuno batendo com o seu tridente na terra fez rebentar d'ella o cavallo; fazendo o mesmo com a sua lança Minerva fez surgir a oliveira, symbolo da paz. **(16)** Baccho (1, **(55)**).

XVI

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão que chame os deoses da agua fria (17),
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda :
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.

XVII

Os cabellos da barba e os que descem
Da cabeça nos hombros todos eram
Huns limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram ;
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram ;
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII

O corpo nu e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento ;
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos, cento e cento :
Camarões e cangrejos e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento (18) ;
Ostras e briguigões do musgo sujos,
A's costas com a casca os caramujos.

XIX

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava.
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania (19),
Destruidos depois da Grega insania.

---

(17) *Tritão* era filho de Neptuno e da nympha Salacia. **(18)** *Phebe* é a Lua. **(19)** Neptuno e Apollo, a pedido de Laomedonte, reconstruiram os muros de Troia, chamada *Dardania* de Dardano, seu rei e fundador.

XX

Vinha o padre Oceano acompanhado (20)
Dos filhos e das filhas que gerara;
Vem Nereo, que com Doris foi casado (21),
Que todo o mar de nymphas povoara;
O propheta Protêo deixando o gado (22)
Maritimo pascer pela agua amara,
Alli veio tambem; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria (23).

XXI

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Cælo e Vesta filha (24),
Grave e leda no gesto, e tão formosa
Que se amansava o mar de maravilha:
Vestida uma camisa preciosa
Trazia de delgada baetilha,
Que o corpo cristallino deixa ver-se,
Que tanto bem não é para esconder-se.

XXII

Amphitrite, formosa como as flores (25),
Neste caso não quis que fallecesse:
O Delphim traz comsigo, que aos amores (26)
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
C'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão, igual partido,
Pois ambas são esposas d'hum marido.

---

(20) O *Oceano* esposado com Tethys, sua irmã, deu origem ás Oceanidas, nymphas do mar. **(21)** I, **(82)**. **(22)** I, **(25)**. **(23)** I, **(55)**. **(24)** *Tethys*, filha de Celo e de Vesta, era esposa do Oceano e não de Neptuno, como aqui indica Camões. E' preciso tambem não confundir *Tethys* com Thetis, de que se falla no c. v. Os nomes como os attributos sam differentes. **(25)** *Amphitrite*, filha do Oceano, outra esposa de Neptuno, e deusa do mar. **(26)** Peixe, a quem a myth. attribuia sentimentos elevados e nobres.

XXIII

Aquella, que das furias de Athamante (27)
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoses relatado :
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, e ás vezes pela area
No collo o toma a bella Panopea (28).

XXIV

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano (29)
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feo engano
Que Circe tinha usado co'a formosa (30)
Scylla, que elle ama, desta sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de cristal,
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co'o Thebano tinha assento igual (31).
De fumos enche a casa a rica massa,
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa (32).

---

(27) *Ino,* mulher de Athamas, rei de Thebas, tendo concebido uma paixão incestuosa por Phryxus, escapou ao furor do marido com seu filho *Melicerto, o bello infante,* para se ir lançar no Hellesponto. Os deuses compadecidos, mudaram-nos em divindades marinhas. **(28)** *Panopea,* uma das nymphas, filha de Nereo (I, **(82)**). **(29)** *Glauco,* filho de Neptuno e da nympha *Naïs,* foi o celebre pescador de Anthedon, na Beocia. Um dia tendo posto peixes sobre certa herva, viu que retomavam as forças e se precipitavam no mar. Quis fazer a experiencia com elle proprio e tanto que comeu da tal herva, lançou-se egualmente ás aguas. O *Oceano* e *Thetys* despojaram-no do que elle tinha de mortal e admittiram-no no numero dos deuses. **(30)** *Circe,* grande feiticeira, envenenou uma fonte aonde Scylla, amada por Glauco, costumava ir banhar-se, do que lhe resultou transformar-se num monstro tão horrivel, que teve de lançar-se no mar. **(31)** Baccho (I, **(71)**). **(32)** A *rica massa* é o ambar, substancia resinosa e aromatica, que *passa em cheiro a Arabia,* isto é, que excede em cheiro o incenso, muito abundante naquella região.

XXVI

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos (33) :
Hum pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte (34)
Co'o ferro alheio, falla desta sorte :

XXVII

« Principe, que de juro senhoreas
D'hum polo ao outro polo o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado,
E tu, padre Oceano, que rodeas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes,
Que dentro vivam só de seus limites ;

XXVIII

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra e ande,
Que descuido foi este em que viveis ?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos,
Contra os humanos, fracos e atrevidos ?

XXIX

Vistes que com grandissima ousadia
Foram já commetter o ceo supremo ;
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela e remo ;
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas e insolencias taes, que temo
Que do mar e do ceo em poucos annos
Venham deoses a ser, e nós humanos.

---

(33) Baccho (I, (36)). (34) Portuguêses (I, (48)).

XXX

Vedes agora a fraca geração,
Que d'hum vassallo meu o nome toma (35),
Com soberbo e altivo coração
A vós e a mim e o mundo todo doma;
Vedes: o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vedes: o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI

Eu vi que contra os Minyas, que primeiro (36)
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistiram;
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? porque a pondes em tardança?

XXXII

E não consinto, deoses, que cuideis
Que por amor de vós do ceo desci,
Nem da magoa da injuria que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras que sabeis,
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente;

XXXIII

Que o grão senhor e fados, que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas móres que nunca determinam
De dar a estes barões no mar profundo.
Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses; que, a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

---

(35) *Luso* era companheiro de Baccho (I, (48)). (36) (IV, (93)).

XXXIV

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares;
Por ver o preço que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares ».
Mais quís dizer, e não passou daqui,
Porque as lagrimas, já correndo a pares,
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV

A ira com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto:
Ao grande Eolo mandam já recado (37)
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI

Bem quisera primeiro alli Proteo (38)
Dizer neste negocio o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia;
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia
Que Tethys indignada lhe bradou (39):
« Neptuno sabe bem o que mandou ».

XXXVII

Já lá o soberbo Hippótades soltava (40)
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

---

(37) II, **(70)**. **(38)** *Proteo*, (I, **(25)**). **(39)** Atrás, n. **(20)**. **(40)** *Eolo*, filho de Jupiter e Sergesta, filha de Hypotas, rei troiano, d'onde do nome do avô o appellido, que lhe dá Camões.

XXXVIII

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota (41);
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

XXXIX

Vencidos vem do somno e mal despertos,
Bocejando a miudo se encostavam
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas, esfregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

XL

« Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar que é tão pesado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado? »
Responde Leonardo, que trazia (42)
Pensamentos de firme namorado:
« Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores? »

XLI

« Não é, disse Velloso, cousa justa (43)
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar que tanto custa
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida e robusta
A nossa historia seja; pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir m'o está dizendo. »

---

(41) *Eoo* de *Eous, a, um,* do Oriente, oriental. (42) *Leonardo Ribeiro* era um dos soldados da armada portuguêsa. (43) *Fernão Velloso,* outro soldado.

XLII

Consentem nisto todos, e encommendam
A Velloso que conte isto, que approva.
« Contarei, disse, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa ou nova ;
E porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava (44),
Despois que socegado e livre o teve
Do vizinho poder, que o molestava (45),
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania (46),
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV

Entre as damas gentis da corte Inglesa
E nobres cortezãos acaso hum dia
Se levantou discordia em ira accesa ;
Ou foi opinião, ou foi porfia :
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em taes damas, não ha para ser damas.

XLV

E que se houver alguem com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso ou estacada,
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouco usada,
Ou nunca a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

---

(44) João, duque de Lencastre, filho de Eduardo III, rei de Inglaterra, cuja filha D. Philippa o nosso D. João I esposou. **(45)** Do poder Castelhano, successivamente subjugado e desfeito em Trancoso, Aljubarrota e Valverde. **(46)** *Erinnyas* ou *Eumenides,* deuses que os Romanos chamaram as *Furias,* causa das discordias do mundo. A myth. apontava tres : — *Tisiphone, Alecto, Megera.*

XLVI

Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas como devem :
Com lagrimas formosas e bastantes
A fazer que em soccorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

XLVII

Era este Inglês potente, e militara (47)
Co'os Portuguêses já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros e benigna estrella ;
Não menos nesta terra exp'rimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma,
Do forte Rei, que por mulher a toma (48).

XLVIII

Este, que soccorrer-lhe não queria
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz : « Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas (49),
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas e polidas
De vosso aggravo os façam sabedores ;
Tambem por vossa parte encarecidas,
Com palavras d'affagos e d'amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro e forte esteio. »

---

(47) Atrás, n. (44). (48) *Ibidem.* (49) Terras de Espanha, de Ibero ou Ebro.

L

Desta arte as aconselha o Duque experto
E logo lhe nomea doze fortes
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sobre elles lancem sortes,
Que ellas só doze são ; e descuberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI

Já chega a Portugal o mensageiro ;
Toda a corte alvoroça a novidade :
Quisera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a regia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser, com fervida vontade ;
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade, donde teve (50)
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas e roupas, de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, lettras e primores,
Cavallos e concertos de mil cores.

LIII

Já do seu Rei tomado tem licença
Para partir do Douro celebrado
Aquelles que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglês exp'rimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro destro ou esforçado ;
Mas hum só, que Magriço se dizia (51),
Desta arte falla á forte companhia :

---

(50) Porto donde, diz-se, derivou o nome de Portugal *(Portus cale)*.
(51) Sobrenome de Alvaro Gonçalves Coutinho, da familia dos Condes de Marialva.

LIV

« Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas que as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis e varias manhas :
Agora que apparelho certo vejo
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas),
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV

E quando caso for que eu, impedido
Por quem das cousas é ultima linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha :
Todos por mi fareis o que é devido ;
Mas se a verdade o espirito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja
Não farão que eu comvosco lá não seja. »

LVI

Assi diz : e abraçados os amigos
E tomada licença, em fim se parte,
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte (52) ;
Navarra co'os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia parte (53) ;
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes (54).

LVII

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias ;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias ;
Do Duque são com festa agasalhados
E das damas servidos e amimados.

---

(52) Allusão ás victorias dos portuguêses no tempo de D. João I. **(53)** III, **(25)**. **(54)** Antigamente Flandres comprehendia os territorios entre Bas-Escaut, o mar de Allemanha, o Artois, Hainaut e Brabant. Neste país distinguiu-se principalmente o *Condado de Flandres*, e neste a *Flandres Francêsa*. annexada á França no tempo de Luís XIV (1668).

LVIII

Chega-se o prazo e dia assignalado
De entrar em campo já co'os doze Ingleses,
Que pelo Rei já tinham segurado;
Armam-se d'elmos, grevas e de arnezes;
Já as damas tem por si fulgente e armado
O Mavorte feroz dos Portugueses;
Vestem-se ellas de cores e de sedas,
De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

LIX

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta empresa;
Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negocio assi na côrte Inglesa
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dous e tres dos seus falleçam.

LX

Já n'hum sublime e publico theatro
Se assenta o Rei Inglês com toda a corte.
Estavam tres e tres e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro (55),
De força, esforço e d'animo mais forte,
Outros doze sahir como os Ingleses
No campo, contra os onze Portugueses.

LXI

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante!
Estava o Sol nas armas rutilando,
Como em cristal ou rigido diamante;
Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
Partido desigual e dissonante,
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

---

(55) *Do Tejo ao Bactro,* rio da Asia (II, **(37)**), isto é, do Poente ao Oriente.

LXII

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra hum cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço;
Ao Rei e ás damas falla, e logo se hia
Para os onze que este era o grão Magriço;
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

LXIII

A dama, como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra e veste alli do animal de Helle (56),
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma;
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

Dos cavallos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavallo voa, que não dece,
Qual co'o cavallo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

LXV

Algum dalli tomou perpetuo sono
E fez da vida ao fim breve intervallo;
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo.
Cahe a soberba inglesa do seu throno,
Que dous ou tres já fóra vão do vallo.
Os que de espada vem fazer batalha
Mais acham já que arnez, escudo e malha.

---

(56) De oiro (III, (16)).

LXVI

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
E' desses gastadores, que sabemos,
Maos do tempo, com fabulas sonhadas.
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas e afamadas
Co'os nossos fica a palma da victoria
E as damas vencedoras e com gloria.

LXVII

Recolhe o Duque os doze vencedores (57)
Nos seus paços com festas e alegria;
Cozinheiros occupa e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce e chara terra.

LXVIII

Mas dizem que com tudo o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes (58);
E como quem não era já noviço
Em todo o trance onde tu, Marte, mandes,
Hum Francês mata em campo; que o destino (59)
Lá teve de Torquato e de Corvino (60).

---

(57) Este lindissimo episodio, tam bellamente narrado pelo grande e inimitavel Epico é mencionado pelos nossos historiadores antigos. Eis os nomes dos doze heroes: 1) Alvaro Gonçalves (Magriço); 2) João Fernandes Pacheco; 3) Alvaro Mendes Cerveira; 4) Alvaro Vaz de Almada, nomeado Conde de Avranches por Carlos VII, Rei de França; 5) João Pereira Agostinho; 6) Lopo Fernandes Pacheco; 7) Luis Gonçalves Malafaia; 8) Martim Lopes de Azevedo; 9) Pedro Homem da Costa; 10) Ruy Gomes da Silva; 11) Ruy Mendes Cerveira; 12) Soeiro da Costa. **(58)** O mais galhardo dos cavalleiros, Magriço, defendeu em Flandres a Condessa Leonor do aleive que um allemão por nome Ranulpho de Colonia lhe levantara, matando-o em duello em Dunquerque. **(59)** Em Orleans tambem Magriço venceu em desafio um tal Lausay, tirando-lhe um collar de oiro do pescoço. **(60)** *Torquato* (Tito Manlio), e *Corvino* (Valerio Messala), Romanos, venceram em desafio cada um seu contendor francês. O nome Corvino vem de, durante o desafio, um corvo lhe pousar sobre o capacete, auxiliando-o no combate.

LXIX

Outro tambem dos doze em Allemanha (61)
Se lança, e teve hum fero desafio
C'hum Germano enganoso, que com manha
Não devida o quís pôr no extremo fio. »
Contando assi Velloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Allemanha em esquecimento.

LXX

Mas neste passo, assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam despertando
Os Marinheiros d'huma e d'outra banda,
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda;
« Alerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuvem negra que apparece. »

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella;
« Amaina, disse o mestre a grandes brados;
Amaina, disse, amaina a grande véla. »
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, e c'hum ruido
Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII

O ceo fere com gritos nisto a gente
Com subito temor e desacordo;
Que no romper da véla a náo pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
« Alija, disse o mestre rijamente;
Alija tudo ao mar; não falte acordo.
Vão outros dar á bomba, não cessando;
A' bomba! que nos imos alagando. »

---

(61) Alvaro Vaz de Almada, o mesmo que commandava a ala esquerda na batalha de Aljubarrota, e que teria ido a Basilea onde teve um desafio com um allemão, o qual, durante o combate, o aggrediu puxando imprevistamente por uma arma qne levava escondida.

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram á náo, n'hum bordo os derribaram.
Tres marinheiros duros e forçosos
A manear o leme não bastaram:
Talhas lhe punham d'huma e d'outra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.

LXXIV

Os ventos eram taes que não poderam
Mostrar mais força d'ímpeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel (62).
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'hum batel,
Mostra possante náo, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV

A náo grande em que vai Paulo da Gama (63)
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada; a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio (64).
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a náo de Coelho, com receio (65),
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou que désse o vento.

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo;
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo:
Noto, Austro, Boreas, Aquillo queriam (66)
Arruinar a machima do mundo;
A noite negra e fea se allumia
C'os raios em que o polo todo ardia.

---

(62) Torre que os filhos de Noé quiseram elevar para attingir o ceo. Deus aniquilou o proposito desvairado confundindo-lhes as linguas, o que faz dar á palavra Babel o significado de *confusão*. **(63)** Irmão de Vasco da Gama. **(64)** Jesus-Christo, o Redemptor da Humanidade. **(65)** Nicolau Coelho, IV, **(93)**. **(66)** Nomes dos ventos.

LXXVII

As Halcyoneas aves triste canto (67)
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se do seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto (68)
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera sóberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou (69)
Do enteado as armas radiantes;
Nem tanto o grão Tonante arremessou (70)
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, donde sós vieram
Os dous que em gente as pedras converteram (71).

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o ceo fossem viradas;
Nem as fundas areas que podessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

LXXX

Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim do seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto e forte
Que o impossibil póde, desta sorte:

---

(67) Segundo a lenda Alcione, filha de Eolo, foi convertida na ave do seu nome. E' o mesmo que o *maçarico*, ave aquatica da ordem das pernaltas *(ardeola marina)*. **(68)** *Delphins*, especie de cetaceos, a que o Poeta chama *namorados* pela inclinação que a lenda lhes attribuia para os homens. **(69)** Vulcano. **(70)** Jupiter. **(71)** Deucalião e Pyrrha. *Deucalião* e um antigo rei de Phthia, na Thessalia, filho de Prometheu e marido de *Pyrrha*. Tendo a terra sido inundada os dois refugiaram-se numa barca, que foi parar ao Parnaso. Salvos assim do diluvio repovoaram o globo lançando pedras para trás das costas, que se convertiam as de Deucalião em homens e as de Pyrrha em mulheres.

LXXXI

« Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar e terra senhoreas;
Tu, que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas Erythreas (72);
Tu, que livraste Paulo e defendeste (73)
Das syrtes arenosas e ondas feas (74)
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo (75);

LXXXII

Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla e Charybdis já passados (76),
Outros syrtes e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados (77);
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII

Oh ditosos aquelles, que poderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta Fé nas terras Mauritanas!
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida, com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras della! »

LXXXIV

Assi dizendo, os ventos que luctavam
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando.
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o céo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

---

(72) Aguas do Mar Roxo, IV, **(76)**. **(73)** S. Paulo, o grande apostolo, indo preso para Roma, soffreu no mar uma grandissima tormenta. **(74)** Bancos de areia muito perigosos para os navegantes. **(75)** Noé, que sobrevivendo ao diluvio, elle e seus filhos, se tornou segundo tronco do genero humano. **(76)** II, **(28)**. **(77)** Cadeia de montanhas do Epiro, hoje *Khimara* ou *Chimœra*.

LXXXV

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar, com leda fronte.
A deosa que nos ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte (78),
Tanto que o mar e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

LXXXVI

« Estas obras de Baccho, são por certo,
Disse; mas não será que avante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve ».
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII

Grinaldas manda pôr de varias cores
Sobre cabellos louros á porfia.
Quem não dirá que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII

Assi foi; porque, tantoque chegaram
A' vista dellas, logo lhe fallecem
As forças com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem,
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos, que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya (79):

---

(78) *Orion*, mensageira da tempestade, foge, diz Camões, deante de *Venus*, mensageira da tranquilidade e da bonança. (79) Nome d'uma das nymphas do mar, amada de Boreas.

LXXXIX

« Não creias, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante.
Se já não pões a tanta insania freio,
Não esperes de mi daqui em diante
Que possa mais amar-te, mas temer-te ;
Que amor comtigo em medo se converte. »

XC

Assi mesmo a formosa Galathea (80)
Dizia ao fero Noto ; que bem sabe
Que dias ha que em vê-la se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe :
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe ;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

XCI

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores ;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores.
Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

XCII

Já a manhã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o piloto Melindano :
« Terra é de Calecut, se não me engano (81).

---

(80) Nympha amada por Polyphemo, que vendo-se preferido por Acis, esmagou este debaixo d'um rochedo. **(81)** II, **(35)**.

XCIII

Esta é por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que apparece;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece. »
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece:
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

XCIV

As graças a Deos dava e razão tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exp'rimentava,
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar apparelhava
O vento duro fervido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos
As honras immortaes e gráos maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres dos seus antecessores,
Não nos leitos dourados entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos (82),

XCVI

Não co'os manjares, novos e exquisitos,
Não co'os passeios moles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos,
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude;

(82) Na Moscovia ou Russia encontra-se o zebelo ou zebelina, especie de marta, cuja pelle é estimadissima.

XCVII

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras que elle chame proprias suas,
Vigiando e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios, no regaço
Do Sul e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'hum arduo soffrimento;

XCVIII

E com forçar o rosto que se enfia
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou e não virtude justa e dura.

XCIX

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

ARGUMENTO

CANTO VII

	Estancias
Chegada da armada á barra de Calecut . .	1
Elogio da nação portuguêsa e invectiva contra as outras nações, que deixam o Santo Sepulcro em poder dos infieis	2-15
Entra a armada em Calecut	16
Descripção da India	17-22
Manda o Capitão participar a chegada ao rei.	23
Encontro do mensageiro com Monçaide e hospedagem que recebe	24-27
Vem Monçaide ás náus e descripção que faz do Malabar	28-41
Salta em terra o Gama e com os seus dirige-se ao rei	42-56
Como o rei recebe o Gama	57-58
Embaixada do Gama, resposta do rei e aposentadoria que lhe manda dar.	56-66
Informação que toma o Catual do Monçaide acêrca dos portuguêses	67-72
Ida do Catual á capitaina e pedido que faz a Paulo da Gama para que lhe explique as figuras, que vê desenhadas nas bandeiras .	73-76
Começa Paulo da Gama, mas a narração é interrompida por considerações pessoaes do Poeta	78-87

CANTO SETIMO

I

Já se viam chegados junto á terra
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra (1)
E o Ganges que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II

A vós, ó geração de Luso, digo (2),
Que tão pequena parte sois do mundo,
Não digo inda do mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o cêo rotundo;
Vós, a quem não sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas nem cubiça ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia (3);

III

Vós, Portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do Ceo deitadas são as sortes,
Que vós por muito poucos que sejais
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

---

(1) Terra encerrada entre o Indo e o Ganges, os dous grandes rios asiaticos, de que fallamos, IV, (82) e (88). Mora o Ganges no *ceo terreno*, porque os antigos faziam-no nascido no Paraiso terrestre. (2) I, (48). (3) A Igreja catholica.

IV

Vede-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta
Do successor de Pedro rebellado;
Novo pastor e nova seita inventa (4):
Vede-lo em feas guerras occupado
(Que inda co'o cego error se não contenta)
Não contra o superbissimo Othomano (5),
Mas por sahir do jugo soberano.

V

Vede-lo duro Inglês, que se nomea
Rei da velha e sanctissima Cidade (6)
Que o torpe Ismaelita senhorea
(Quem vio honra tão longe da verdade?)
Entre as Boreaes neves se recrea;
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra, que era sua.

VI

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terreste,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi (7)?
Que o nome Christianissimo quiseste,
Não para defendê-lo, nem guardá-lo
Mas para ser contra elle e derribá-lo!

---

(4) Allusão ao Protestantismo, que teve por principal fundador a Martinho Luthero, que se rebellou contra o Pontifice Romano e a auctoridade da Igreja. (5) A Allemanha, devastada por discordias intestinas e pelas guerras de Religião que Carlos V teve de sustentar contra os Protestantes não pôde combater contra o poder dos Turcos. (6) Henrique VIII, rei da Inglaterra (1509-1547), inimigo figadal da Igreja Catholica. O Poeta allude a terem os monarchas inglêses tomado o titulo de *Reis de Jerusalem*. (7) Francisco I, rei de França, disputou a Carlos V de Espanha a corôa de Allemanha. Contra este e para sopesar-lhe as ambições alliou-se aos Turcos e aos Protestantes de Allemanha, inimigos de Carlos V.

VII

Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinypho e Nilo, rios (8)
Inimigos do antiguo nome santo?
Alli se hão de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luís, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra (9)?

VIII

Pois que direi daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos do seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo;
Comtigo, Italia, fallo, já submersa
Em vicios mil e de ti mesma adversa.

IX

O' miseros Christãos, pela ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos (10),
Que huns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X

Vedes que tem por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos que são de Christo amantes;
Entre vós nunca deixa a fera Aleto (11)
De semear cizanias repugnantes;
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles e vós sois vossos inimigos.

---

(8) *Cinyphis*, hoje *Oued-Quaham*, rio de Africa, desagôa no Mediterraneo. *Nilo*, IV, **(74)**. **(9)** *Carlos Magno*, I, **(16)** e *S. Luís*, ambos reis de França. Este ultimo foi canonizado pelo Papa Bonifacio VIII em 1197. **(10)** *Cadmo*, phenicio, fundador lendario de Thebas, na Beocia, a quem se attribue a importação do alphabeto phenicio para a Grecia e a invenção da escripta (sec. XVI, a. C.). A' sua chegada á Beocia matou um dragão, que tinha devorado os seus companheiros; semeou depois os dentes por ordem de Minerva e d'elles nasceram homens armados que se mataram uns aos outros, á excepção de cinco. **(11)** Uma das Furias, VI, **(46)**.

XI

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Não vedes que Pactolo e Hermo, rios (12)
Ambos volvem auriferas areas?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios (13);
Africa esconde em si luzentes veas;
Mova-vos já se quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a Casa santa.

XII

Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortaes da artilharia (14)
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio e de Turquia (15).
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes e da Scythia fria (16)
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos (17),
Bradando-vos estão que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão (duro tributo!) (18);
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte e astuto,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

---

(12) *Pactolo,* pequeno rio da Lapia, affluente do *Hermo,* rolava palhetas de oiro e a elle ia Creso buscar as suas immensas riquezas. Tinha esta propriedade desde que Midas, que convertia tudo em que tocava em oiro, se tinha banhado nas suas aguas. **(13)** *Lydia,* país da Asia Menor, cujo rei mais notavel foi Cresus. *Assyria,* reino da Asia, que teve por capital a celebre Ninive, foi imperio notavel na antiguidade. Camões allude aos brocados finos e custosos, que vinham destas partes do Oriente. **(14)** A descoberta da polvora deve-se aos Chinêses. No meiado do sec. VII foi empregada pelos Gregos no Baixo-Imperio. Só no sec. XIV, porém, se empregou como meio de destruição por parte dos Inglêses na batalha de Crécy em 1346. Citam-se Roger Bacon, Alberto Magno e Berthold Schwartz como inventores, ou melhor como introductores na Europa do terrivel explosivo, mas não ha a tal respeito nenhuma certeza. **(15)** *Byzancio,* antigo nome de Constantinopla, que teve desde a tomada desta cidade pelos Turcos em 1453. E' a capital do imperio da Turquia. **(16)** Os Turcos tiraram a sua origem de Ottomano, natural da *Scythia,* povo barbaro do N.-E. da Europa e N.-O. da Asia, onde ficam os montes *Caspios.* **(17)** Povos christãos citados pelo Poeta como sujeitos ao Turco: *Gregos; Thraces,* da Thracia, região da Grecia, hoje Romania; *Armenios,* região da Asia, outr'ora independente, hoje dividida pela Turquia, Russia e Persia; *Georgianos,* povo sujeito á Russia, na região do Caucaso. **(18)** III, **(55)**.

XIV

Mas em tanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana.
De Africa tem maritimos assentos (19);
E' na Asia mais que todas soberana (20);
Na quarta parte nova os campos ara (21);
E se mais mundo houvera, lá chegara.

XV

E vejamos em tanto que acontece
A'quelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes,
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim das suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume e novo Rei.

XVI

Tanto que á nova terra se chegaram (22),
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia (23)
O Rei que a terra toda possuia.

---

(19) Ceuta, Tanger, Arzilla, Mazagão. **(20)** Do nosso immenso imperio na Asia temos hoje os districtos de Goa, Damão e Diu. **(21)** Na America, onde tinhamos o vasto territorio do Brazil. **(22)** A 20 de maio de 1498 viram os portuguêses a terra de Calecut, II, **(35)**. **(23)** *Malabar* (costa de), parte da costa occidental da India, áquem do Ganges (Decan), ao S. da do Kanara. Foi antigamente muito rica em metaes preciosos. Produz arroz, pimenta, madeira de teca, etc. E' hoje um districto da presidencia de Madrasta e tem por capital Calecut ou Cochim.

XVII

Alem do Indo jaz e áquem do Gange (24)
Hum terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange
E para o Norte o Emodio cavernoso (25);
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis: alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram (26).

XVIII

Lá bem no grande monte, que cortando (27)
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes sahem donde vem manando
Os rios cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo o Chersoneso (28).

XIX

Entre hum e outro rio, em grande espaço (29),
Sahe da larga terra huma longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta (30);
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antiguo conta
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantem das finas flores.

---

(24) Começa Camões a fazer a descripção da India. **(25)** *Emodio* é uma ramificação do *Taurus*, que serve de limite septentrional ao Indostão. **(26)** Os habitantes da India não teem uma só religião como não formam rigorosamente um povo indio, mas pertencem a diversas tribus, seitas e castas. Ha entre elles Malaios, Mongoes, Chinêses, Parsis, Arabes, Turcos, muitos Mahometanos, etc. A religião mais seguida é o *Indoismo*, complexo de superstições e praticas muitas vezes ridiculas. Os livros sagrados preceituam varias castas — *brahmanes, kçatryas, vaisyas, sudras*, e abaixo de todos os *parias*; mas hoje ha para 14 milhões de brahmanes mais de 1.800 subdivisões. *Musulmanos* ha hoje uns 50 milhões, dos quaes 31 espalhados na região do Bengala e na do Indo. **(27)** A India é atravessada por uma ramificação de montanhas, que vêem desde a região do Pamir. Os montes Himalaya separam-na do Thibet. Sam estes montes extraordinarios pela sua estensão e pela altura, que attingem em alguns logares. « Estender-se-iam de Inglaterra ao mar Caspio, e cobririam uma superficie egual á da Inglaterra, Allemanha, Austria, França, Espanha e Turquia da Europa reunidas » (J. Strachey). O ponto mais alto, o *Everest* ou *Gaourisankar* attinge 8.845 m. O Hymalaia é o reservatorio commum dos grandes rios da India. **(28)** II, **(38)**. **(29)** Do Hymalaia vem o *Indus* ou *Sindh*, com o seu grande affluente o *Satledy*, e em sentido opposto, o *Brahmaputra*; ao sul o *Gogra*, fonte principal do *Ganges*. **(30)** Compara a India a uma pyramide cuja ponta defronta com a ilha de Ceilão.

XX

Mas agora de nomes e de usança
Novos e varios são os habitantes :
Os Delijs, os Patanes, que em possança (31)
De terra e gente são mais abundantes ;
Decanijs, Oriás, que a esperança (32)
Tem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange, e a terra de Bengala (33),
Fertil de sorte que outra não lhe iguala.

XXI

O reino de Cambaia bellicoso (34)
(Dizem que foi de Poro, Rei potente) ;
O reino de Narsinga, poderoso (35)
Mais de ouro e de pedras que de forte gente :
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro (36),
Com que do Canará vive seguro (37).

XXII

Da terra os naturaes lhe chamam Gate (38) ;
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende huma fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade (39)
De cabeça de imperio, rica e bella ;
Samorim se intitula o senhor della (40).

---

(31) *Delijs,* habitantes de *Delhi,* antiga prov. da India, hoje pertencente á Inglaterra. *Patanes,* habitantes de *Patna* ou *Patnah,* cidade da India inglêsa, muito antiga. **(32)** *Decanijs* de *Dekan,* parte meridional da India, áquem do Ganges. *Oriás,* povos ao longo do rio Ganges. **(33)** *Bengala,* governo da India inglêsa, a mais importante das grandes divisões. Cap. — *Calcutta.* **(34)** *Cambaia,* antigo reino, hoje cidade da India inglêsa ao N.-O. do Indostão, no golfo do mesmo nome. **(35)** *Narsinga,* reino poderoso outr'ora, tambem chamado *Bisnagá,* do nome da sua capital. **(36)** Acima, n. **(23)**. **(37)** *Canará,* prov. da India, áquem do Ganges, na presidencia de Madrasta, dos Inglêses desde 1799. **(38)** *Ghattes,* dupla cadeia de montanhas que se estende sobre toda a superficie da peninsula indica e que se distinguem em *G. Occidentaes* e *G. Orientaes.* Teem differentes ramificações. **(39)** n, **(35)**. **(40)** *Samorim,* titulo dos principes do Malabar correspondente a imperador.

XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Português mandado logo parte
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

XXIV

Entre a gente que a vê-lo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na região da Berberia,
Lá onde fora Antheo obedecido (41).
Ou pela vizinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro:
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: « Quem te trouxe a est'outro mundo
Tão longe da tua patria Lusitana? »
« Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente. »

XXVI

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões, que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava;
Mas vendo em fim que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz que estava fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

---

(41) Este mouro era Monçaïde, natural de Tunis, que se encontrava em Calecut por occasião da chegada de Vasco da Gama; foi utilissimo aos portuguêses e com elles voltou a Portugal, onde se fez christão. Diziam os antigos que Anteo foi rei da Berberia e o fundador de Tanger.

XXVII

E que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria,
E despois que se hum pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria;
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente vizinha em terra estranha.

XXVIII

O Português acceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como se longa fora já a amizade,
Com elle come e bebe e lhe obedece.
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

XXIX

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella;
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo (42),
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX

Elle começa: « O' gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não é sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longiquo Tejo e ignoto Minho (43),
Por mares nunca d'outro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

---

(42) *Rhodope,* monte da Thracia, donde *Orpheu* era natural. Este foi considerado como o maior musico da antiguidade; as feras, as arvores, tudo se detinha para o ouvir. Casou com *Eurydice* que, depois de morta, foi buscar ao Inferno. Plutão deixou-lha levar com a condição de que, enquanto atravessasse os seus dominios, não olharia para trás. Orpheu transgrediu e perdeu de novo e para sempre Eurydice.
(43) *Tejo,* IV, **(12)**. *Minho,* rio que nasce na Galliza e tem um percurso de 250 k.

XXXI

Deos por certo vos tras, porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos imigos do mar, do vento irado.
Sabei que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria (44).

XXXII

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama (45);
Do culto antiguo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama;
De diversos Reis é, mas d'hum só fora
N'outro tempo, segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro (46)
Rei que este Reino teve unido e inteiro.

XXXIII

Porem como a esta terra então viessem
De lá do seio Arabico outras gentes (47),
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes,
Succedeo que prégando convertessem
O Perimal; de sabias e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar, com fervor tanto
Que presuppôs de nella morrer santo.

XXXIV

Náos arma, e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir nellas a ser religioso
Onde o propheta jaz, que a lei publica (48):
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais acceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

---

(44) A India é abundante e rica. O ouro e os diamantes de Golconda sam universalmente conhecidos. A ouriversaria, os cobres e bronzes, as bellas armas, os marfins cinzelados, as faianças indigenas, os lindos chailes de Kashmir, sam hoje apreciados de todo o mundo. No tempo do Poeta a especiaria constituia tambem um ramo de negocio importantissimo. **(45)** Vid. neste canto a n. **(23)**. **(46)** O derradeiro rei de todo o Malabar que ao tempo que Vasco da Gama alli chegára haveria 600 annos que era fallecido. **(47)** II, **(30)**. **(48)** *Mahometh*, I, **(59)** morreu em Medina em 632.

XXXV

A hum Cochim e a outro Cananor (49),
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta (50),
A qual Coulão, a qual dá Cranganor (51),
E os mais a quem o mais serve e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deo, se lhe apresenta :
Para esse Calecut sómente fica,
Cidade já por trato nobre e rica (52).

XXXVI

Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, donde vem
Este que agora o imperio manda e tem.

XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina :
Andam nus, e sómente hum panno cobre
As partes que a cobrir natura ensina.
Dous modos ha da gente, porque a nobre
Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga (53).

XXXVIII

Porque os que usaram sempre um mesmo officio
D'outro não podem receber consorte,
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires é certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte
Que quando algum se toca, por ventura,
Com cerimonias mil se alimpa e apura.

---

(49) *Cochim,* cidade da India inglêsa, hoje, na costa do Malabar; *Cananor,* tambem hoje cidade inglêsa, II, **(34)**. **(50)** *Chalé,* cidade no Malabar; *Ilha da Pimenta,* junto a Cochim. **(51)** *Coulão,* no Malabar, com grande commercio de pimenta e pesca de perolas; *Cranganor,* cidade e fortaleza do districto de Cochim, no Malabar. Dos inglêses desde 1790. **(52)** II, **(35)**. **(53)** *Naires,* nome que os Indios, sobretudo no Dekan e Malabar, dam ás personagens nobres e aos officiaes de grau superior. *Poleás,* na maior parte escravos.

XXXIX

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária (54).
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança varia :
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas ; sós defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga e na direita a espada.

XL

Brahmenes são os seus religiosos (55),
Nome antigo e de grande preeminencia.;
Observam os preceitos, tão famosos
D'hum que primeiro pôs nome á sciencia (56) :
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia ;
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença e menos regimento.

XLI

Geraes são as mulheres, mas sómente
Para os da geração de seus maridos.
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos !
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admitidos :
A terra é grossa em trato, em tudo aquillo
Que as ondas podem dar da China ao Nilo » (57).

XLII

Assi contava o Mouro ; mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade.
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo o sexo e edade,
Os principaes, que o Rei buscar mandara
O capitão da armada, que chegara.

---

(54) *Samaria,* cidade do centro da Palestina, da tribu de Ephraim. Os seus habitantes, os Samaritanos, passavam aos olhos dos Judeus por herejes e scismaticos, que os tinham em grande aversão e julgavam fazer grande injuria a alguem chamando-lhe Samaritano. **(55)** *Brahmanes,* a principal das castas da India (neste canto, n. **(26)**). **(56)** *Pythagoras,* que viajou pela India para estudar a doutrina dos sabios do paiz e que foi o primeiro que tomou o nome de philosopho, isto é, — *amigo da sabedoria.* **(57)** Para significar a frequencia e extensão do seu commercio = Desde a China ás terras banhadas pelo Nilo ou, por synedoche, ao Egypto, á Africa.

XLIII

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado.
Das cores a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado;
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

XLIV

Na praia hum regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama (58),
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
Já na terra nos braços o levava
E n'hum portatil leito hua rica cama
Lhe offerece, em que vá (costume usado),
Que nos hombros dos homens é levado.

XLV

Desta arte o Malabar, dest'arte o Luso,
Caminham lá para onde o Rei o espera;
Os outros Portugueses vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera;
O povo, que concorre, vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar; mas no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado (59).

XLVI

O Gama e o Catual hiam fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia;
Monçaide entr'elles vai interpretando (60)
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde a rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

---

(58) *Catual* era o governador d'uma praça ou fortaleza. (59) VI, n. (62). (60) Atrás, n. (41).

XLVII

Alli estão das deidades as figuras
Esculpidas em páo e em pedra fria;
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhe fingia.
Vêm-se as abominaveis esculpturas,
Qual a Chimera em membros se varia (61);
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em forma humana, estão maravilhados.

XLVIII

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammom em Libya estava (62);
Outro, n'hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava (63);
Outro, com muitos braços divididos,
A Briario parece que imitava (64);
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora (65).

XLIX

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão.
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co'os que vem ver o estranho Capitão;
Estão pelos telhados e janellas
Velhos e moços, donas e donzellas.

L

Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoriferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos.
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis daquella gente,
No campo e na cidade juntamente.

---

(61) *Chimera*, monstro ignivomo de tres cabeças, metade leão e metade cabra, com a cauda dum dragão. Foi morta por Bellerophon montado sobre o Pegaso. **(62)** *Ammon*, nome de Jupiter entre os povos da Libya; representavam-no com cornos de carneiro. Jupiter Ammon tinha no meio dos areais da Libya um templo, cujos oraculos eram celebres. Alexandre visitou este templo e fez-se proclamar pelo oraculo filho de Jupiter Ammon. **(63)** *Jano*, rei da Italia, pintado pelos antigos com dois rostos para figurar o dom de conhecer o passado e o futuro. *Brahma*, deus supremo, incarnação de Brahma, Vischnu e Siva, é pintado com tres rostos. **(64)** *Briareu*, gigante de cem braços, II, **(73)**. **(65)** *Anubis*, deus egypcio, com cabeça de cão.

LI

Pelos portaes da cêrca a subtileza
Se enxerga da Dedalea faculdade (66)
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella antigua idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII

Estava um grande exercito, que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava (67)
Rege-o hum capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava (68);
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava:
Tão proprio, que se alli estiver Semele,
Dirá por certo, que é seu filho aquelle.

LIII

Mais avante bebendo secca o rio (69)
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De huma tão bella como incontinente:
Alli tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV

Daqui mais apartadas tremulavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia, e subjugavam
Até as aguas Gangeticas undosas;
D'hum capitão mancebo se guiavam (70),
De palmas rodeado valerosas
Que já não de Philippo, mas sem falta
De progenie de Jupiter se exalta (71).

---

(66) Faculdade de *Dedalo* (IV, **(104)**), o inventor do labyrintho de Creta. **(67)** Hydaspe, I, **(62)**. **(68)** Baccho, I, **(36)** e II, **(3)**. Os *thyrsos* eram lanças enramadas de folhas de videira e hera, de que usava Baccho. **(69)** O Poeta faz figurar na companhia de Baccho a rainha Semiramis com um exercito numerosissimo de Assyrios. Segundo os antigos Semiramis amara loucamente seu proprio filho e até um cavallo! **(70)** Alexandre Magno. **(71)** Alexandre Magno dizia-se filho de Jupiter.

LV

Os Portugueses vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
« Tempo cedo virá, que outras victorias
Estas, que agora olhais, abaterão;
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estrangeiras que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

LVI

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha;
Mas tambem diz que a bellica excellencia,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido ».

LVII

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'huma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no lavor.
No recostado gesto se assignala
Hum venerando e prospero senhor;
Hum panno de oiro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII

Bem junto delle hum velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente (72),
Que a seu costume estava ruminando.
Hum Brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena, que se assente.

---

(72) Esta herva é o *betel*, planta trepadeira, aromatica, que os Indios usam para mascar, misturando-a com outras substancias egualmente activas.

LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais affastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo e geito
Da gente nunca de antes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande auctoridade logo aquista,
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo:

LX

« Hum grande Rei de lá das partes onde
O ceo volubil, com perpetua roda,
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,
Ouvindo do rumor que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O principado está, e a majestade,
Vinculo quer comtigo de amizade.

LXI

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber que tudo aquillo,
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Zelanda (73),
Até bem donde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia (74),
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII

E se queres com pactos e lianças
De paz e de amizade sacra e nua,
Commercio consentir das abondanças,
Das fazendas da terra sua e tua,
Porque cresçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito, e delle gloria ingente.

---

(73) *Zelandia*, prov. dos Paizes-Baixos, quasi inteiramente formada de ilhas, na embocadura do Meuse; cap. — Middelburg. (74) I, (49).

LXIII

E sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas e náos; de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta ».

LXIV

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia;
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria (75),
Informando-se certo, de quem era
O Rei e a gente e terra, que dissera.

LXV

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
A's humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI

Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portugueses no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

---

(75) Quando este Conselho foi adverso aos Portuguêses o Poeta no-lo dirá no canto immediato.

LXVII

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova (76),
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova ;
Já lhe pergunta, prompto e curioso,
Se tem noticia inteira e certa prova
Dos estranhos ; quem são ; que ouvido tinha,
Que é gente de sua patria mui vizinha.

LXVIII

Que particularmente alli lhe desse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria :
Monçaide torna : « Postoque eu quisesse
Dizer-te disto mais, não saberia ;
Sómente sei, que é gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha.

LXIX

Tem a lei d'hum Propheta, que gérado (77)
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãi ; tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antiguos é vulgado
Delles é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece ;
O que em nossos passados se parece.

LXX

Porque elles com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresca Guadiana (78),
Com feitos memoraveis e famosos ;
E não contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

---

(76) O sol, v, (88). (77) N. S. Jesus Christo. (78) IV, (12) e (30).

LXXI

Não menos tem mostrado esforço e manha
Em quaesquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns, que do Pyrene deçam (79).
Assi què nunca em fim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello (80).

LXXII

E se esta informação não for inteira,
Tanto quanto convem, delles pretende
Informar-te; que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e offende.
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende (81);
E folgarás de veres a policia
Portuguesa na paz e na milicia. »

LXXIII

Já com desejos o Idolátra ardia
De ver isto, que o Mouro lhe contava.
Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que ó mar coalhava;
A' capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera (82);
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apascenta.

---

(79) Gentes das regiões do Pyreneu, III, **(25)**. **(80)** *Claudio Marcello*, general romano, cinco vezes consul. Tomou Syracusa (212 a. C.) durante a segunda guerra Punica. Morreu em 208 a. C. combatendo contra Annibal. **(81)** A artilharia. **(82)** Bicho da sêda.

LXXV

Pelo que vê pergunta ; mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita Epicurêa, experimente (83).
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noé mostrara á gente (84) ;
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lh'o defende.

LXXVI

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares ;
Co'o fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota ; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia alli descreve.

LXXVII

Alça-se em pé com elle o Gama junto (85),
Coelho de outra parte ; e o Mauritano
Os olhos põe no bellico transunto
De hum velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não pode ser defunto
Em quanto houver no mundo trato humano :
No trajo a Grega usança está perfeita,
Hum ramo por insignia na direita.

---

(83) *Epicuro* (341-270 a. C.), philosopho grego, que fazia consistir a felicidade do homem no prazer, não no prazer grosseiro dos sentidos, mas no da virtude e da intelligencia. E' porém certo, que na linguagem geral doutrina *epicurista* significa o prazer material e voluptuoso. E' conhecida a celebre phrase de Horacio : *Epicuri de grege porcus.* Camões entende aqui o prazer de comer e beber. **(84)** *Noe*, depois do diluvio, entregou-se á agricultura e plantou a vinha. **(85)** Junto do Catual estam os dois Gamas, D. Vasco e seu irmão Paulo, o capitão Coelho, Monçaide e diz o Poeta «... hum velho branco...» etc., que significa Luso, donde tiraram sua origem os Lusitanos. Vid. I, **(48)**.

LXXVIII

Hum ramo na mão tinha... Mas, ó cego (86)!
Eu, que commetto insano e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo longo e vario?
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX

Olhai que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos;
Agora o mar, agora exp'rimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace, que á morte se condena,
N'huma mão sempre a espada e n'outra a penna (87).

LXXX

Agora com pobreza aborrecida (88),
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado;
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se (89).

---

(86) Bellissimo movimento poetico. Antes de pôr na boca de Paulo da Gama as estrophes, que iniciam o canto proximo, invoca o Poeta as musas do Tejo e do Mondego suas inspiradoras. **(87)** *Canace*, filha de Eolo, rei dos ventos, a qual secretamente concebeu e teve um filho de seu irmão Macareu, o que sabendo seu pai, mandou deitar o menino aos cães para qne o despedaçassem; e tomando Canace n'uma das mãos a espada, na outra a penna, escreveu a seu irmão uma carta, que Ovidio collocou entre as *Heroidas*.

Dextra tenet calamum; strictum tenet altera ferrum.
Epist. Heroid., XI, v. 3.

(88) Allusões a circunstancias diversas da sua vida, sobre que pode ver-se a biographia do Poeta na Introducção. **(89)** Ezechias, rei de Judá, proximo á morte, foi miraculosamente salvo por suas lagrimas e orações.

LXXXI

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem.
A troco dos descansos que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem (90),
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII

Vede, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII

Pois logo em tantos males é forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça;
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV

Nem creais, Nymphas, não, que fama désse
A quem ao bem commum e do seu Rei
Anteposer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei:
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

---

(90) Com capellas de louro se coroavam antigamente os Poetas, costume a que o nosso Epico alludiu no canto III, est. XCVII.

LXXXV

Nenhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio (91);
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante (92)
Quem com habito honesto e grave, veio,
Por contentar o Rei no officio novo,
A despir e roubar o pobre povo.

LXXXVI

Nem quem acha, que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha, que é justo e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões apprende e cuida que é prudente,
Para taxar com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII

Aquelles sós direi que aventuraram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo e as Musas, que me acompanharam
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

---

(91) I, (25). (92) *Camenas*, nome das Musas.

ARGUMENTO

CANTO VIII

	Estancias
Explicação das figuras das bandeiras por Paulo da Gama	1-43
Retirada do Catual da nau	44
Indisposições contra os Portuguêses, vaticinios dos aruspices, intrigas de Baccho, etc. . .	45-59
O Rei e o Gama	60-75
O Rei manda partir o Gama, mas toma-lhe as almadias	76-77
Resgate do Gama; modo como é feito . .	78-95
Reflexões do Poeta sobre a cubiça do oiro .	96-99

CANTO OITAVO

I

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada :
« Quem era, e por que causa lhe convinha
A divisa, que tem na mão tomada ? »
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta (1) :

II

« Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem
Pela fama nas obras e nos feitos ;
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co'o nome, entre os engenhos mais perfeitos :
Este, que vês, é Luso, donde a fama (2)
O nosso reino Lusitania chama.

III

Foi filho ou companheiro do Thebano (3),
Que tão diversas partes conquistou ;
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que contino usou ;
Do Douro e Guadiana o campo ufano (4),
Já dito Elysio, tanto o contentou (5)
Que alli quis dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

---

(1) Monçaïde, de quem se fallou no canto precedente. Vid. VII, **(41)**. (2) A origem da Lusitania foi explicada pelo Poeta no canto I, n. **(48)**. (3) Baccho. Vid. a razão por que se chama Thebano em I, **(71)**. (4) *Douro*, IV, **(31)**, e *Guadiana*, IV, **(30)**. (5) *Campo Elysio*, habitação das sombras venturosas, o paraiso dos pagãos Gregos e Romanos. Nelle reina uma primavera eterna ; o ar é puro e perfumado ; as sombras passeiam através os campos sempre esmaltados de rosas perpetuas. As lembranças da terra não perturbam esta felicidade porque a agua do rio Lethes tudo faz esquecer. Vergilio faz uma magnifica descripção d'estes logares, onde conduz Eneas, no canto VI da *Eneida*. Os antigos collocavam-nos uns na Beocia, junto a Thebas ; outros no meio dos infernos, Camões significa que taes foram os encantos que Luso encontrou na Lusitania, que se deixou ficar nella.

IV

O ramo que lhe vês para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado (6),
O qual á nossa idade amostra e avisa,
Que foi seu companheiro ou filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa (7),
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica (8) ?

V

Ulysses é, o que faz a sancta casa
A' deosa, que lhe dá lingua facunda ;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa (9),
Cá na Europa Lisboa ingente funda. »
« Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos com presença furibunda ?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas » (10).

VI

Assi o gentio diz ; responde o Gama :
« Este, que vês, pastor já foi de gado ;
Viriato sabemos que se chama ;
Destro na lança, mais que no cajado,
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, afamado ;
Não tem com elle, não, nem ter poderam
O primor, que com Pyrrho já tiveram (11).

VII

Com força não, com manha vergonhosa (12),
A vida lhe tiraram, que os espanta ;
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa,
A's vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa (13)
Degradado comnosco se alevanta :
Escolheo bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

---

(6) *Thyrso*, VII, **(68)**. **(7)** E' *Ulysses* (II, **(26)**), de quem falla na est. seguinte. **(8)** Sobrenome de Minerva, II, **(54)**. **(9)** No cerco de Troia o heroe que mais se distinguiu foi Ulysses. **(10)** *Viriatho*, o celebre caudilho (I, **(32)**), vencedor dos Romanos, que nos seus estandartes tinham umas aguias pintadas. **(11)** Rei do Epiro, celebre pelas suas luctas contra os Romanos. Dirigiu uma expedição á Italia e foi vencedor em Heraclea (280) e em Asculum (279). Os Romanos tinham-no em grande estima e offereceram-lhe muitos presentes. **(12)** *Viriatho* foi morto á traição quando dormia na sua propria tenda (I, **(32)**). **(13)** *Sertorio*, I, **(33)**.

VIII

Vês, comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter validas (14);
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas;
Olha tão subtis artes e maneiras
Para adquirir os povos, tão fingidas,
A fatidica Cerva, que o avisa:
Elle é Sertorio e ella a sua divisa (15).

IX

Olha est'outra bandeira e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotharingia os estranjeiros (16).
Despois de ter, co'os Mouros, superado
Gallegos e Leoneses cavalleiros,
A' Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique (17).»

X

«Quem é, me dize, est'outro que me espanta (18),
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta
Com tão pouca tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes?»

XI

«Este é o primeiro Affonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estygio lago jura a Fama (19)
De mais não celebrar nenhum de Roma;
Este é aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

---

(14) As aguias. Os antigos pintavam Jupiter tendo uma aguia de asas abertas aos pés. **(15)** Veja a nossa annotação, I, **(33)**. **(16)** O Conde D. Henrique, sobre cuja origem vid. III, **(37)**. A *Lotharingia* ou *Lorraine*, foi um estado formado em 855 depois da morte de Lothario I em favor de seu filho Lothario II. Foi mais tarde revindicada pela Allemanha e pela França. Em 953 foi dividida em *Alta-Lorraine* ao S. e *Baixa-Lorraine* ao N. No sec. XIII esta veiu a pertencer aos duques de Brabant; aquella foi em 1766 reunida á França. **(17)** III, **(40)**. **(18)** D. Affonso Henriques. **(19)** *Estygio*, lagôa do inferno pela qual os deuses costumavam jurar.

XII

Se Cesar, se Alexandre Rei tiveram (20)
Tão pequno poder, tão pouca gente
Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente;
Não creas que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente;
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis
Vê que os de seus vassallos são notaveis.

XIII

Este que vês olhar com gesto irado
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe que o exercito espalhado
Recolha e torne ao campo defendido;
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho (21),
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV

Vê-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno;
Porque não quis o moço sujeitar-se,
Como elle promettera, ao Castelhano:
Fez com siso e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano;
Os filhos e mulher obriga á pena,
Para que o senhor salve, a si condena.

XV

Não fez o consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante (22),
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu povo injuriado
A si se entrega só firme e constante;
Est'outro a si e os filhos naturais
E a consorte sem culpa, que doe mais.

---

(20) Julio Cesar, I, **(17)** e Alexandre Magno, I **(3)** e **(72)**. **(21)** Sobre Egas Moniz vid. III, **(48)**. **(22)** *Forcas Caudinas*, nome dado a um desfiladeiro junto a *Caudium* (hoje *Airola* ou *Arienzo*), cidade do Samnium, a 28 k. a S.-E. de Capua, entre Benavento e Catalia, nas fronteiras da Campania. Neste logar o exercito romano, cercado pelos Samnitas teve que capitular vergonhosamente tendo de passar sob o jugo (321 a. C.).

XVI

Vês este, que sahindo da cilada (23)
Dá sobre o Rei, que cerca a villa forte,
Já o Rei tem preso e a villa descercada:
Illustre feito, digno de Mavorte!
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria (24);

XVII

E Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co'o fogo que accendeo junto da serra
De Abyla, nas galés da Maura gente (25).
Olha como em tão justa a sancta guerra
De acabar pelejando está contente;
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos, com justa palma.

XVIII

Não vês hum ajuntamento de estrangeiro (26).
Trajo sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro (27),
A palma que lhe nasce junto á cova;
Por elles mostra Deos milagre visto;
Germanos são os martyres de Christo.

---

(23) *D. Fuas Roupinho,* alcaide-mór de Porto de Mós, ao qual se attribuem valentes façanhas contra os Mouros, sendo uma d'ellas o romper o cêrco que estes haviam posto á praça, aprisionando os principaes d'elles e indo-os entregar a D. Affonso Henriques, que estava em Coimbra. **(24)** Segundo alguns escriptores D. Fuas era filho natural de D. Affonso Henriques, foi o primeiro almirante do reino e quem obteve a primeira victoria naval, de que resa a nossa historia, derrotando a esquadra mourisca (1184) desde as aguas de Lisboa até ao Algarve. **(25)** *Abyla,* III, **(28)**. **(26)** Armada de cruzados, commandados por Guilherme, duque de Normandia, com a ajuda da qual D. Affonso Henriques tomou Lisboa. **(27)** Cavalleiro allemão morto por occasião do cêrco de Lisboa; a lenda dizia que sobre a sua sepultura nascera uma palmeira, com os ramos da qual se operavam numerosos milagres.

XIX

Hum Sacerdote vê brandindo a espada (28)
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada,
Por quem por Mafamede enresta a lança,
E' Theotonio Prior ; mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das quinas a bandeira (29).

XX

Vê-lo cá onde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra (30)
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra ?
Mem Moniz é, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra,
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba e a sua exalta.

XXI

Olha aquelle que desce pela lança (31)
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde com que alcança
A cidade por manhas e ousadias !
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava : feito nunca feito !
Giraldo Sem-pavor é o forte peito.

---

(28) D. Theotonio, prior de Santa Cruz, a quem el-rei deu Leiria e que sendo-lhe tomada pelos Mouros, para d'estes se vingar pôs cerco a Arronches. Leiria foi retomada por D. Affonso. **(29)** A tomada de Santarem foi a acção immediata á batalha de Ourique. Foi Mem Moniz, filho de Egas Moniz, quem primeiro arvorou nos muros de Santarem a bandeira portuguesa. **(30)** *Vandalia — Andaluzia,* III, **(68)**. Mem Moniz, em companhia de D. Sancho, tomou aos Mouros, junto a Sevilha, a bandeira inimiga. **(31)** *Giraldo Sem Pavór*, heroe português do tempo de D. Affonso Henriques, que favoreceu a tomada de Santarem. III, **(57)** e **(72)**

XXII

Não vês hum Castelhano, que aggravado (32)
De Affonso, nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara co'os Mouros é deitado
De Portugal, fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis, que traz comsigo:
Mas vê que hum Português com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente.

XXIII

Martim Lopes se chama o cavalleiro (33),
Que destes levar pode a palma e o louro.
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro (34),
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Vê-lo entre os duvidosos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro?
Olha o signal no ceo, que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIV

Vês, vão os Reis de Cordova e Sevilha
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço (35):
Rotos?! mas antes mortos: maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço!
Vês já a villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defeza ou muro de aço,
A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma alli coroa?

---

(32) E' D. Pedro Fernandes de Castro, fidalgo espanhol, que pelo seu odio contra os condes de Lara, que o rei Affonso IX protegia, se bandeou com os Mouros, combatendo contra Espanha e Portugal. Martim Lopes, outro fidalgo português, bateu-o e obrigou-o a render-se. (33) Nota anterior. (34) D. Matheus, bispo de Lisboa, tomou Alcacer aos Mouros, apesar dos quatro reis de Cordova, Sevilha, Badajoz e Jaen, que tinham vindo em soccorro do de Alcacer. A lenda diz que durante o cerco o bispo teve uma visão, penhor seguro de que teriam os Christãos a victoria, ao que o Poeta se refere nos versos 7-8. (35) Badajoz e Jaen; n. anterior.

XXV

Olha hum Mestre que desce de Castella (36),
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Não acha quem por armas lhe resista;
Com manha, esforço, e com benigna estrella
Villas, castellos toma á escala vista;
Vês Tavira tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

XXVI

Vês? com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente:
E' Dom Paio Correa, cujo manha
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres que em França e Hespanha (37)
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos.

XXVII

Vê-los? co'o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros (38),
Que com damno de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer a lei Lethea (39).

XXVIII

Attenta n'hum que a fama tanto estende (40),
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta:
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural e não de alheio?

---

(36) Alguns cavalleiros portugueses durante umas treguas com os Mouros, distraíam-se caçando quando subitamente foram atacados por elles. D. Paio Peres Correia vingou-os pela tomada de Tavira. **(37)** Sam Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Anes, Fernando Martins de Santarem cavalleiros errantes, que pela sua valentia e intrepidez nas justas e nos torneios muito se distinguiram em França e Espanha. O primeiro matou um castelhano em uma justa, que o rei de Castella fizera em sua honra. **(38)** *Bellona,* deusa da guerra. **(39)** Lei do esquecimento. *Lethes,* rio do inferno, tambem designado *rio do esquecimento.* **(40)** Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, IV, **(17)**.

XXIX

Olha, por seu conselho e ousadia,
De Deos guiada só e de sancta estrella,
Só pode, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella :
Vês por industria, esforço e valentia
Outro estrago e victoria clara e bella
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartesso e Guadiana habita (41) ?

XXX

Mas não vês quasi já desbaratado (42)
O poder Lusitano pela ausencia
Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia ?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho, que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse ?

XXXI

Mas, olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo, respondia,
Como quem tinha em Deus a segurança
Da victoria que logo lhe daria :
Assi Pompilio, ouvindo que a possança (43)
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
« Pois eu, responde, estou sacrificando. »

XXXII

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quiseres como se nomea,
Português Scipião chamar-se deve (44),
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea :
Ditosa patria que tal filho teve,
Mas antes pai ; que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres e Neptuno (45)
Sempre suspirará por tal alumno.

---

(41) *Tartesso,* cidade de Andaluzia, talvez situada na embocadura do Guadalquivir. *Guadiana,* IV, **(30)**. **(42)** Em Valverde, durante o mais acceso da peleja, o cavalleiro português Ruy Gonçalves foi dar com D. Nuno ajoelhado em logar apartado e orando fervorosamente. Supplicando-lhe os seus que lhes accudisse, o Mestre respondeu tranquillamente — *que ainda não era tempo!* Tal é o extraordinario poder da Fé! **(43)** *Numa Pompilio,* 2.º rei de Roma, de quem Plutarcho conta o que o Poeta refere. **(44)** Sobre Scipião — IV, **(22)**. **(45)** Toda a terra. *Ceres,* deusa da agricultura, tomada pelos continentes e *Neptuno,* deus do mar, pela reunião de todas as aguas.

XXXIII

Na mesma guerra vê que presas ganha (46)
Est'outro capitão de pouca gente;
Commendadores vence e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente;
Outra vez vê que a lança em sangue banha (47)
Destes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo, preso por leal:
Pero Rodrigues é do Landroal.

XXXIV

Olha este desleal o como paga (48)
O perjurio que fez e vil engano;
Gil Fernandes é de Elvas, quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano.
De Xerez rouba o campo e quasi alaga (49)
Co'o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto (50)
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV

Olha que dezesete Lusitanos (51)
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antiguo e no moderno!

---

(46) Pero Rodrigues, alcaide-mór do Landroal, venceu dous castelhanos que haviam cercado improvisamente Evora, tomando-lhes os gados, que já levavam como presa. **(47)** Entre os actos heroicos do citado Pero Rodrigues conta-se aquelle a que allude o Poeta: — de ter libertado das mãos dos apaniguados de Castella o português Alvaro Gonçalves, que ia preso para Espanha, por ser muito dedicado ao Mesire de Avis. **(48)** Gil Fernandes de Elvas foi falsamente preso por Paio Rodrigues Marinho, alcaide-mór de Campo-Maior, ao serviço de Castella; resgatado encontrou-se com elle entre Elvas e Campo-Maior, onde Paio Rodrigues foi preso e morto. **(49)** Este mesmo Gil Fernandes entrou por Castella até aos campos de Xerez, cidade na prov. de Cadix. **(50)** Fidalgo da parcialidade do Mestre, que muito se distinguiu quando uma armada castelhana estava junto a Lisboa, para a atacar. **(51)** Estava Almada cercada pelos Castelhanos soffrendo com isso a população da praça grandes necessidades, principalmeute a de agua. Quando procuravam encontrá-la dezasete portuguêses foram atacados por inimigos, como o Poeta narra.

XXXVI

Sabe-se antigamente que trezentos (52)
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram ;
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram
Que os muitos, por ser poucos, não temamos,
O que despois mil vezes amostramos.

XXXVII

Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique (53),
Progenie generosa de Joanne :
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane ;
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade (54).

XXXVIII

Vês o Conde Dom Pedro que sustenta (55)
Dous cercos contra toda a Berberia ?
Vês ? outro Conde está, que representa (56)
Em terra Marte, em forças e ousadia :
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia ;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam ;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam :
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

---

(52) Pelejaram trezentos portugueses contra mil Romanos vencendo-os e desbaratando-os. **(53)** D. João I teve entre outros filhos: 1) *D. Duarte,* que lhe succedeu ; 2) *D. Fernando,* que morreu captivo em Africa (IV, **(55)**) ; 3) *D. Pedro* e 4) *D. Henrique,* de quem se falla nesta passagem e que se tornaram celebres, aquelle pela coragem nas luctas contra os Turcos, na Allemanha, combatendo sob a bandeira do imperador Segismundo ; este pelo desenvolvimento, que deu á navegação. **(54)** Quando foi tomada Seuta aos Mouros D. Henrique foi o primeiro que entrou as portas da cidade. **(55)** D. Pedro de Menezes, conde de Viana, que se apoderou de Seuta e que foi o primeiro governador d'ella. **(56)** D. Duarte, filho do precedente, que á custa da sua vida salvou a do rei D. Affonso V, em Africa.

XL

Aquelles pais illustres, que já deram
Principio á geração que delles pende,
Pela virtude muito então fizeram
E por deixar a casa que descende.
Cegos! Que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço e saber tenham.
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãas lhe não convenham
E como a seu contrario natural,
A' pintura, que falla, querem mal.

XLII

Não nego que ha com tudo descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica;
E se a luz dos antiguos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura,
Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII

Assi está declarando os grandes feitos (57)
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artifice alli pinta.
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distincta:
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas, que alli via.

---

(57) Para não alargar demasiadamente o episodio termina o Poeta aqui, não mencionando muitos outros heroes portuguêses.

XLIV

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antipodas o dia (58),
Quando o gentio e a gente generosa
Dos Naires, da náo forte se partia (59)
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes na noite mansa.

XLV

Entretanto os haruspices famosos (60)
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevêm sempre os casos duvidosos
Por signaes diabolicos e indicios,
Mandados do Rei proprio, estudiosos,
Exercitavam a arte e seus officios
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruição de gente e de valia.
Vai-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos, que alcançara
Nas entranhas das victimas, que olhara.

XLVII

A isto mais se ajunta, que a um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede (61),
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em forma do propheta, falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede (62),
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

---

(58) Habitantes da terra diametralmente oppostos a um outro logar. **(59)** Gente de que falla no canto VII, est. LXXIII. **(60)** Sacrificador que pretendia predizer o futuro pela inspecção das entranhas das victimas. **(61)** I, **(59)**. **(62)** Mahomet, I, **(59)**.

XLVIII

E diz-lhe assi : « Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha
Antes que esteis mais perto do perigo. »
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha
Espantado do sonho ; mas comsigo
Cuida, que não é mais que sonho usado ;
Torna a dormir quieto e socegado.

XLIX

Torna Baccho, dizendo : « Não conheces
O grão legislador, que a teus passados (63)
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados ?
Eu por ti, rudo, vélo, e tu adormeces ?
Pois saberás que aquelles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L

Em quanto é fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque, quando o Sol sahe, facilmente
Se pode nelle pôr a aguda vista ;
Porém, despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe não tolheis. »

LI

Isto dito, elle e o somno se despede.
Tremendo fica o attonito Agareno (64) ;
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede (65),
Mostrara rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

---

(63) Mahomet, I, **(59)**. **(64)** Agareno ou Mouro. **(65)** Luz da manhã.

LII

Diversos pareceres e contrarios
Alli se dão, segundo o que entendiam :
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavam e teciam ;
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendiam.
Por manhas mais subtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII

Com peitas, ouro e dadivas secretas,
Conciliam da terra os principaes (66) ;
E com razões notaveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturaes ;
Dizendo que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV

Oh quanto deve o Rei que bem governa
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados !
Porque, como este posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira
Do que lhe der a lingua conselheira.

LV

Nem tão pouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se envolve n'hum pobre e humilde manto,
Onde a ambição acaso ande encoberta.
E quando hum bom em tudo é justo e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta,
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

---

(66) Os Mouros de Calicut peitaram o Governador, diz João de Barros *(Dec.*, liv. 4.º, c. 9) para que indisposesse o rei da terra contra os Portugueses.

LVI

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portugues despacho dilatavam ;
Mas o Gama que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que a levar a seu Rei hum signal certo
Do mundo, que deixava descoberto ;

LVII

Nisto trabalha só, que bem sabia
Que, despois que levasse esta certeza,
Armas e náos e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e lei submetteria
Das terras e do mar a redondeza ;
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa e indina
Não era de espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros
E mais sendo affirmados pelos Mouros ;

LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito.
Por outra parte a força da cobiça
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende e atiça ;
Que bem vê que grandissimo proveito
Fará se com verdade e com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX

Sobre isto nos conselhos que tomava
Achava mui contrarios pareceres ;
Que naquelles com quem se aconselhava
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava,
A quem chegado disse : « Se quiseres
Confessar-me a verdade, limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI

Eu sou bem informado que a embaixada
Que de teu Rei me déste que é fingida ;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida ;
Que quem da Hesperia ultima alongada (67),
Rei ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir commetter com náos e frotas
Tão incertas viagens e remotas ?

LXII

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade ?
Com peças e dões altos, sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade ;
Que signal, nem penhor não é bastante,
As palavras d'hum vago navegante.

LXIII

Se por ventura vindes desterrados
Como já foram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados,
Que toda a terra é patria para o forte ;
Ou se piratas sois, ao mar usados,
Dizei-mo sem temor da infamia ou morte,
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade. »

LXIV

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias, que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tão mal o Rei cuidava,
C'huma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia (68),
Taes palavras do sabio peito abria :

---

(67) Espanha, II, (72). (68) *Acidalia*, nome d'uma fonte na Beocia, consagrada ás Musas, filhas de Baccho e Venus.

LXV

« Se os antiguos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causaram que o vaso da nequicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera pôr perpetua inimicicia
Na geração de Adão co'a falsidade,
(Ó poderoso Rei) da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita ;

LXVI

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu não pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias,
Se não cresses a quem não crer devias.

LXVII

Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undivago ou da patria desterrado,
Como cres que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado ?
Por que esperanças ou por que interesse
Viria exp'rimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores (69) ?

LXVIII

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que achar o estranho clima,
Onde a natura pos teu reino antigo ;
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

---

(69) Os frios do polo sul e os calores da zona torrida. *Carneiro* é um dos signos do zodiaco, o *Aries*.

LXIX

Se te parece inopinado feito
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande (70),
O coração sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito e fé de mais alteza,
Que crêa delle tanta fortaleza.

LXX

Sabe que ha muitos annos que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos e perigos
Que sempre ás grandes cousas se oppuseram,
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias, que lavavam.

LXXI

Conceito digno foi do ramo claro (71)
Do venturoso Rei que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro (72),
Este, por sua industria e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

LXXII

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns succedendo aos outros proseguiram.
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando (73).

---

(70) II, **(72)**. **(71)** O Infante D. Henrique, o *Navegador*. **(72)** *Abyla* = *Seuta*, III, **(28)**. **(73)** Os Portuguêses viram os povos da Africa do Sul, os habitantes do Cabo, de Moçambique, etc., que *nunca as sete flammas viram*, isto é, o *Sete-Estrello*, para designar que nunca viram o Norte; *atraz deixando*, etc. porque tendo-se navegado até ao Cabo e até mais já se haviam transposto os tropicos.

LXXIII

Assi com firme peito e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima columna (74)
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV

Esta é a verdade, Rei ; que não faria
Por tão incerto bem tão fraco premio
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proemio ;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Tethys, qual pirata inico (75),
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juizo póde ver-se,
Que facil é a verdade d'entender-se. »

LXXVI

Attento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia ;
Concebe delle certa confiança,
Credito firme em quanto proferia ;
Pondera das palavras a abastança ;
Julga na auctoridade grão valia ;
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corruptos, mal julgados.

---

(74) Os Portugueses assignalavam sempre o logar, onde chegavam, por meio de padrões ou columnas. Diz « *a ultima* » porque haviam alcançado o que procuravam — a India. **(75)** Deusa do mar, I, **(23)**.

LXXVII

Juntamente a cubiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer e ter respeito
Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.
Em fim ao Gama manda que direito
A's náos se vá, e seguro d'algum dano
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque e venda.

LXXVIII

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça (76);
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.
Já da real presença veneranda
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

LXXIX

Embarcação que o leve ás náos lhe pede;
Mas o máo regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços.
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos regios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante em que partisse;
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro sua partida differisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que delle até'li não entendera.

(76) Levado pela cobiça o Catual resolveu-se a ouvir o Gama e pede desde logo a troca de fazendas das que lhe daria por outras que não houvesse nos seus reinos.

LXXXI

Era este Catual hum dos que estavam
Corruptos pela Mahometana gente,
O principal, por quem se governavam
As cidades do Samorim potente;
Delle sómente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente;
Elle, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII

O Gama com instancia lhe requere,
Que o mande pôr nas náos, e não lhe val;
E que assi lho mandara, lhe refere,
O nobre successor de Perimal (77).
Porque razão lhe impede e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os Reis já tem mandado
Não pode ser por outrem derogado.

LXXXIII

Pouco obedece o Catual corrupto
A taes palavras; antes revolvendo
Na phantasia algum subtil e astuto
Engano, diabolico e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido estava vendo,
Ou como as náos em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Mahometanos,
Porque não saiba nunca, onde se estende
A terra Eóa, o Rei dos Lusitanos (78).
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O regedor dos barbaros profanos,
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

---

(77) *Perimal*, rei do Malabar. *Successor de Perimal* é o Samorim, rei de Calecut. (78) *Terra Eoa* ou *Oriental*.

LXXXV

Aos brados e razões do Capitão
Responde o Idolátra, que mandasse
Chegar a terra as náos, que longe estão,
Porque melhor d'ali fosse e tornasse.
« Sinal é de inimigo e de ladrão,
Que lá de tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
E' não temer do seu nenhum perigo. »

LXXXVI

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as náos deseja perto
O Catual, porque com ferro e flamma
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama ;
Phantasiando está remedio certo,
Que désse a quanto mal se lhe ordenava ;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido (79)
Espelho de aço, ou de cristal formoso,
Que do raio solar sendo ferido
Vai ferir n'outra parte luminoso,
E sendo da ociosa mão movido,
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado,
Tremulo, aqui e alli, dessocegado :

LXXXVIII

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por acaso o esperava (80)
Na praia co'os bateis, como ordenara ;
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á frota, que deixara ;
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Mahometanos.

---

(79) Imitação de Vergilio :

Sicut aquae tremulum labris ubi lumen ahenis
Sole repercussum, aut radiantis imagines lunae,
Omnia pervolitat late loca, jamque sub auras
Erigitur, summique ferit laquearia tecti.

Eneida, liv. VIII.

(80) *Nicolau Coelho*, um dos capitães dos navios, que compunham a pequena frota de Vasco da Gama.

LXXXIX

Tal hade ser quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres e igualá-los :
Voar co'o pensamento a toda a parte,
Adivinhar perigos e evitá-los,
Com militar engenho e subtil arte
Entender os imigos e enganá-los,
Crer tudo em fim ; que nunca louvarei
O Capitão que diga : « Não cuidei. »

XC

Insiste o Malabar em tê-lo preso,
Se não manda chegar á terra a armada ;
Elle constante e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada ;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei ; mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

XCII

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se troque e venda ;
Que quem não quer commercio, busca guerra.
Postoque os máos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente ; porque sabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.

XCIII

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha,
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha ;
Escreve a seu irmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV

Vem a fazenda á terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Com ella ficam Alvaro e Diogo (81),
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o premio pode e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

XCV

Por ella o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle vendo, que já lhe não convinha
Tornar a terra, porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás náos chegado,
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI

Nas náos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre,
Que não se fia já do cubiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pode o vil interesse e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

(81) Alvaro de Braga e Diogo Dias, segundo João de Barros.

XCVII

A Polydoro mata o rei Threïcio (82)
Só por ficar senhor do grão thesouro ;
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro (83) ;
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi afogada em pago morre (84).

XCVIII

Este rende munidas fortalezas ;
Faz traidores e falsos os amigos ;
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos ;
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos :
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizes cegando e as consciencias.

XCIX

Este intrepreta mais que subtilmente
Os textos ; este faz e desfaz leis ;
Este causa os perjurios entre a gente
E mil vezes tyrannos torna os Reis :
Até os que só a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude,
Mas não sem côr, comtudo, de virtude.

---

(82) Polymnestor, rei do Chersoneso da Thracia, genro de Priamo, que lhe confiou Polidoro, seu filho mais novo, fez matar este principe depois da tomada de Troia, e apoderou-se das suas riquezas. Desembarcando por acaso nas costas da Thracia, a mãe de Polydoro — Hecuba, reencontrando Polymnestor, lançou-se sobre elle, vasou-lhe os olhos e matou-lhe os filhos. **(83)** *Acrisio,* pae de Danae, encerrou sua filha numa torre de bronze porque o oraculo lhe dissera que seria morto pelo filho que d'ella nascesse. Jupiter penetrou nesta torre sob a forma d'uma chuva de oiro, vindo mais tarde Perseu, filho de Jupiter e Danae, a matar Acrisio. **(84)** *Tarpeia,* filha de Tarpeius, gov. de Roma, no tempo de Romulo. Seduzida pelos Sabinos prometteu abrir-lhes as portas da cidade com a condição de lhe darem o que levassem no braço esquerdo — referia-se aos bracelletes de oiro. *Talio,* rei dos Sabinos, consentiu, mas ao entrar na cidade lançou a Tarpeia não só o bracelete mas o escudo que tinha no mesmo braço. Imitado pelos soldados, Tarpeia morreu esmagada. Foi enterrada no monte Capitolino, de que uma parte tomou o nome de *Rocha Tarpeia,* d'onde mais tarde eram precipitados os criminosos de alta traição.

ARGUMENTO

CANTO IX

	Estancias
Prisão de dois feitores e intenção de destruir a armada	1-4
Monçaíde informa o Gama	5-7
O Capitão parte levando a bórdo feitores ricos; tróca	8-12
Partida da Armada; alegria dos marinheiros.	13-17
Venus intenta fazer repousar os portuguêses numa ilha de delicias; fala com Cupido; o que este faz, etc.	18-53
Descripção da ilha.	54-63
Desembarque e encontro com as nymphas .	64-84
Thetys e o Gama	85-88
Allegoria d'esta ilha; exhortação aos que aspiram á heroicidade; conclusão da acção do poema.	89-95

CANTO NONO

I

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores,
Que os infieis por manha e falsidade,
Fazem, que não lha comprem mercadores;
Que todo seu proposito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as náos, que as suas desfizessem.

II

Lá no seio Erythreo, onde fundada (1)
Arsínoe foi do Egypcio Ptolomeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteo,
Não longe o porto jaz da nomeada (2)
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa agua Mahometana.

III

Gidá se chama o porto, aonde o trato (3)
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão, que esse reino possuia (4).
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes náos pelo Indico Oceano
Especiaria vem buscar cada anno.

---

(1) Os antigos deram este nome ao Golfo Arabico (mar Vermelho actual), Golfo Persico, Golfo Avalita e a todo o mar que vai da costa Azaniana, na Africa, a Taprobana (Ceilão) na India. No Golfo Arabico, diz o Poeta, foi fundada a cidade de *Arsinoe* por Ptolomeu. **(2)** *Meca* fica a 46 k. E. do Golfo Arabico; nos arredores fica o *Poço de Zemzem*, a cujas aguas os Musulmanos ligavam grandes virtudes. **(3)** *Gidá*, cidade maritima, na provincia de Hegiar, perto de Meca, a que serve de porto. **(4)** *Soldão* era o titulo dos reis do Egypto.

IV

Por estas náos os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquellas que o commercio lhe tomavam
Com flammas abrazassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as náos chegassem.

V

Mas o governador dos ceos e gentes,
Que para quanto tem determinado
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influio piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado (5)
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera;
Muitas vezes as náos, que longe estavam,
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena (6).

VII

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas
Para ser instrumento deste dano;
Diz-lhe que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano (7),
E que pode ser dellas opprimido,
Segundo estava mal aperçebido.

---

(5) VII, **(41)** **(6)** Cfr. III, **(130)**. **(7)** Deus do fogo. *Trovões*, etc., tiros da artilharia.

VIII

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama,
Aos feitores que em terra estão mandava,
Que se tornem ás náos; e porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizessem escondida.

IX

Porém não tardou muito que voando
Hum rumor não soasse com verdade,
Que foram presos os feitores, quando (8)
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'huns, que ás náos vieram
A vender pedraria, que trouxeram.

X

Eram estes antiguos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta delles logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos;
Mas já nas náos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante e repartidos
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra.

XI

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa com que a armada se levava.
As mulheres e os filhos, que se matam,
Daquelles que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam, que perdidos
Huns tem os pais, as outras os maridos.

---

(8) Eram Alvaro Braga, Diogo Dias e Fernão Martins, lingua ou interprete, com mais quatro homens, que o Gama libertou prendendo a bordo das naus alguns dos principaes de Calecut, que tinham vindo ás naus a negociar.

XII

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Mahometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente ;
Desculpas manda o Rei de seus enganos
Recebe o capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas, e tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

XIII

Parte-se costa abaixo ; porque entende
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar commercio, que tratava ;
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava (9),
Com estas novas torna á patria chara,
Certos sinaes levando do que achara.

XIV

Leva alguns Malabares, que tomou (10)
Por força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou ;
Leva pimenta ardente, que comprara,
A secca flor de Banda não ficou (11),
A noz e o negro cravo, que faz clara (12)
A nova ilha Maluco, co'a canella (13)
Com que Ceilão é rica, illustre e bella.

XV

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva ;
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira !

---

(9) Partes do Oriente já conhecidas. **(10)** VII, **(23)**. **(11)** A noz moscada. *Banda* é o nome d'um grupo de ilhas no archipelago das Molucas. As principaes sam *B.-Neira* e *Key*. A cap. de todo o grupo é *Nassau*. A arvore da noz é propria das regiões quentes da America e da Asia, mas cultiva-se especialmente em Banda. Já conhecida dos antigos os Europeus conheceram-na pelos portuguèses, que durante muito tempo tiveram, quasi sós, o monopolio do seu commercio.

XVI

Apartadas assi da ardente costa
As aventurosas náos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa (14),
Levando alegres novas e resposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos.

XVII

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos e parentes (15),
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os varios ceos e gentes,
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada hum tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle é vaso estreito.

XVIII

Porém a deosa Cypria, que ordenada (16)
Era para favor dos Lusitanos
Do padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos,
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX

Despois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram,
Os trabalhos, que pelo Deos nascido
Nas Amphioneas Thebas se causaram (17),
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No reino de cristal liquido e manso.

---

(14) Limite Sul. **(15)** *Penates,* deuses domesticos dos Romanos, e por elles tidos em grande honra. **(16)** *Venus — Cypria* de Chipre, onde era venerada. **(17)** *Amphion,* filho de Jupiter e de Anthiope, poeta e musico, edificou os muros de Thebas; segundo a myth. as pedras iam collocar-se nos seus logares ao som da sua lyra. *Thebas* é a *Thiva* moderna, antiga capital da Beotia e não a celebre cidade do Egypto, a afamada *Thebas de cem portas.* A myth. dizia que Baccho alli tinha tido o seu berço.

XX

Algum repouso em fim, com que podesse
Refocillar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, com interesse
Do trabalho, que incurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta désse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno
E os humanos subir ao ceo sereno.

XXI

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das aguas alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino que confina
Da mãi primeira co'o terreno seio,
Afora as que possue soberanas
Para dentro das portas Herculanas (18).

XXII

Alli quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dôr dos corações,
Com danças e choreas; porque nellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

XXIII

Tal manha buscou já, para que aquelle,
Que de Anchises pario, bem recebido (19)
Fosse no campo que a bovina pelle (20)
Tomou de espaço, por subtil partido;
Seu filho vai buscar, porque só nelle
Tem todo o seu poder, fero Cupido;
Que assi como naquella empreza antiga
A ajudou já, nest'outra a ajude e siga.

---

(18) *Portas Herculanas* ou *Columnas de Hercules* — estreito de Gibraltar, III, **(28)**. **(19)** Principe troiano, pae de Eneas. **(20)** Carthago. A fabula conta que Dido, aportando a Africa, pediu que lhe dessem a terra que a pelle d'um boi occupasse, pelle que ella fez em tiras adquirindo assim grande extensão de terrenos. Carthago ficava na costa oriental de Africa, ao pé dum pequeno golfo chamado de Carthago, que é hoje o de Tunis. Os Carthagineses luctaram por vezes vantajosamente contra os Romanos. Foi Scipião Emiliano em 146 que os destruiu.

XXIV

No carro ajunta as aves que na vida (21)
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apanhando (22);
Em derredor da deosa, já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando;
Ella, por onde passa, o ar e o vento
Sereno faz, com brando movimento.

XXV

Já sobre os Idalios montes pende (23),
Onde o filho frecheiro estava então (24)
Ajuntando outros muitos; que pretende
Fazer huma famosa expedição
Contra o mundo rebelde; porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não para serem amadas, mas usadas.

XXVI

Via Acteon na caça tão austero (25),
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente e bella forma humana;
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem publico imagina;
Vê nelles que não tem amor a mais,
Que a si sómente e a quem Philaucia ensina;
Vê que esses, que frequentam os reaes
Paços, por verdadeira e sãa doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente;

---

(21) *Cysnes*, aves muito celebradas pelos poetas como aves de canto triste e sentimental. Longe porém de terem um canto melodioso é certo que os cysnes não soltam mais que uns gritos surdos e estridentes, muito longe de serem agradaveis. **(22)** Pombas. O *Amor* tendo um dia apostado com Venus em como colheria mais flores do que ella, perdeu a aposta por causa do auxilio que a nympha *Peristera* secretamente prestou a Venus. Irritado, Cupido transformou-a em Pomba. **(23)** *Montes Idalios* em Chypre, consagrados a Venus. **(24)** Cupido é pintado com um arco e aljava cheia de settas. **(25)** *Acteon*, caçador, surprehendeu Diana no banho pelo que a deusa o converteu em veado que logo foi despedaçado pelos seus cães.

XXVIII

Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino e ao povo charidade
Amam sómente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade;
Da fea tyrannia e de aspereza
Fazem direito e vãa severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

XXIX

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que sómente mal deseja;
Não quer que tanto tempo se revele
O castigo, que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta porque leve
Exercitos conformes á peleja,
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX

Muitos destes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Huns amolando feros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando;
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angelica a toada.

XXXI

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes;
As aguas, onde os ferros temperavam,
Lagrimas são de miseros amantes;
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo é só, queima e não consume.

XXXII

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebos suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da setta aguda;
Formosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sómente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.

XXXIII

Formosas são algumas e outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veas
Curam-no ás vezes asperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeas
Por palavras subtis de sabias magas;
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando;
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vêm de amor nefando,
Qual o das moças Bibli e Cinyrea (26),
Hum mancebo de Assyria, hum de Judea (27).

XXXV

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós, senhoras,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes;
Mas eu creio que deste amor indino
E' mais culpa a da mãi, que a do menino.

XXXVI

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cysnes mansamente,
E Dione, que as rosas entre a neve (28)
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o ceo se atreve,
A recebê-la vem, ledo e contente;
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

---

(26) *Bibli*, filha de Mileto, foi convertida em fonte por causa d'uma paixão incestuosa por seu irmão Caunus. *Cinyria* é Myrrha, filha de Cinyra, convertida na arvore do seu nome. (27) *Mancebo de Assyria* — Mino, filho de Semiramis, que sustentava relações torpes com sua mãe; *Mancebo de Judea* — Ruben, que manchou o leito de seu pae pela seducção de Bala, mulher d'este ultimo. (28) *Venus*, I, (42).

XXXVII

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: « Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada,
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu, que as armas Typhéas tens em nada (29),
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço;
Porque das Parcas sei minhas amigas (30),
Que me hão de venerar e ter em preço;
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda, em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX

E porque das insidias do odioso
Baccho foram na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos, que cansados,
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tornando aquelle premio e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

XL

E para isso queria, que feridas
As filhas de Nerêo no ponto fundo (31),
D'amor dos Lusitanos incendidas,
Que vem de descobrir o novo mundo,
Todas n'huma ilha juntas e subidas,
Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano terei apparelhada,
De dões de Flora e Zephyro adornada (32).

---

(29) *Armas Typheas,* os raios vibrados por Jupiter. E' imitação de Vergilio nos versos

Nate, meae vires, mea magna potentia, solus,
Nate, patris summi qui tela Thyphoea temnis
Ad te confugio et supplex tua numina posco.

Eneida, liv. I.

(30) I, **(45)**. **(31)** I, **(82)**. **(32)** *Flora,* deusa dos jardins, amada de Zephiro, deus do vento.

XLI

Ali com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos e rosas,
Em cristallinos paços singulares,
Formosos leitos, e ellas mais formosas,
Em fim com mil deleites não vulgares
Os esperem as nymphas amorosas,
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cubiçarem.

XLII

Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella (33),
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella,
Porque entendam, que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia vale contra ella :
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde. »

XLIII

Assi Venus propôs ; e o filho inico
Para lhe obedecer já se apercebe :
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cypria, e impudico (34)
Dentro no carro o filho seu recebe ;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto (35).

XLIV

Mas diz Cupido, que era necessaria
Huma famosa e celebre terceira,
Que postoque mil vezes lhe é contraria,
Outras muitas a tem por companheira :
A deosa Gigantêa, temeraria,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

---

(33) Venus dizia-se nascida da espuma do mar. **(34)** *Venus*, I, **(42)**. **(35)** *Cysnes* — quando Phaeton (I, **(53)**) caiu no mar, Cygno, rei da Liguria chorou tanto a sua morte, que os deuses converteram-no em cysne, ave do seu nome.

XLV

Vão-a buscar, e mandam-a diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando a Fama penetrante (36)
Pelas fundas cavernas se espalhara;
Falla verdade, havida por verdade,
Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos deoses, que indignados
Foram por Baccho contra a illustre gente,
Mudando, os fez hum pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por máo zelo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII

Despede nisto o fero moço as settas,
Huma após outra; geme o mar co'os tiros;
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, e algũas fazem giros;
Cahem as nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros:
Cahe qualquer, sem ver o vulto, que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

XLVIII

Os cornos ajuntou da eburnea lua,
Com força o moço indomito excessiva;
Que Thetys quer ferir mais que nenhuma (37),
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já não fica na aljava setta alguma,
Nem nos equoreos campos nympha viva;
E se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

---

(36) *Fama*, divindade, mensageira de Jupiter. (37) VI, (24).

XLIX

Dai logar altas e ceruleas ondas,
Que, vedes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vem por cima da agua Neptunina.
Para que tu reciproco respondas,
Ardente Amor, á flamma feminina,
E' forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

L

Já todo o bello coro se apparelha
Das Nereidas, e junto caminhava (38)
Em choréas gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Venus as guiava.
Ali a formosa deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava;
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

LI

Cortando vão as náos a larga via
Do mar ingente para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria
Para a grande viagem prolongada,
Quando juntas, com subita alegria,
Houveram vista da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a mãi formosa
De Memnonio, suave e deleitosa (39).

LII

De longe a ilha viram fresca e bella,
Que Venus pelas ondas lhe levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que, porque não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as náos navegam a movia
A Acidália, que tudo em fim podia (40).

---

(38) I, **(82)**. **(39)** *Memnon*, filho de Tithon e da Aurora. Matou-o Achiles na guerra de Troia por ter soccorrido Priamo; na occasião em que seu corpo estava sobre a fogueira Apollo, a rogos da Aurora, metamorphoseou-o em ave. **(40)** *Acidalia*, aqui sobrenome de Venus, VIII, **(68)**.

LIII

Mas firme a fez e immobil, como vio
Que era dos nautas vista e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario (41)
Latona Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia huma enseada
Curva e quieta, cuja branca arêa
Pintou de ruivas conchas Cytherêa (42).

LIV

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha, alegre e deleitosa;
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma mesa fazem, que se estende,
Tão bella, quanto pode imaginar-se;
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos;
A larangeira tem no fruito lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos (43);
Encosta-se no chão, que está cahindo,
A cidreira co'os pesos amarellos;
Os formosos limões, ali cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

---

(41) *Delos,* ilha do mar Egeo, onde Latona deu á luz a Apollo e Diana, e desde então ficou firme, sendo antes instavel: chamava-se tambem Ortygia. **(42)** I, **(44)**. **(43)** A côr loira. *Daphne;* filha do rio Peneu, foi metamorphoseada por seu pae em loureiro para a subtrahir ás perseguições de Apollo. Este deus cortou então um ramo d'aquella arvore, de que fez uma coroa e ordenou, que de futuro lhe fosse consagrado e que designasse a recompensa dos poetas.

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros (44)
Do louro deos amados e queridos (45);
Myrtos de Cytherêa, co'os pinheiros (46)
De Cybele, por outro amor vencidos (47);
Está apontando o agudo cypariso (48).
Para onde é posto o ethereo paraiso.

LVIII

Os dões, que dá Pomona, ali natura (49)
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores;
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores (50);
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado do terreno alheio (51).

LIX

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, c'huns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quiserdes,
Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

---

(44) *Alcides*, appellido de Hercules. Diz que os alamos sam de Alcides, porque aquella arvore lhe era consagrada. **(45)** Acima, n. **(43)**. **(46)** A Cytherea ou Venus (t. **(44)**) era consagrado o myrto por causa do seu aroma. **(47)** *Atys*, joven phrygio, era sacerdote de Cybele, que esta deusa amava apaixonadamente; mas por inconstancia ou despreso, elle preferiu-lhe a nympha Sangaride, filha de Sangar, rio da Phrygia. A deusa vingou-se fazendo perecer a sua rival. Atys, no seu desespero, quis matar-se, mas Cybele compadeceu-se d'elle e transformou-o em pinheiro, arvore consagrada a esta deusa. **(48)** *Cyparisso*, mancebo que Apollo transformou em *cypreste*. O termo grego *cyparisso* significa cypreste. **(49)** *Pomona*, deusa da fructa. **(50)** Allusão a fabula de *Pyramo* e *Thisbe*, cuja paixão ficou celebre na historia da myth. Tinham os dous amantes aprazado um encontro para debaixo d'uma amoreira branca, perto do tumulo de Nino. Thisbe chegou primeiro, mas teve de fugir atacada por uma leôa depois de deixar no campo o seu veo ensanguentado. Quando Pyramo chegou suppôs que Thisbe houvesse sido devorada e atravessou-se com a espada. Thisbe reapparece e vendo o amante muribundo matou-se com a mesma espada. Foi por isso que as amoras de brancas, que eram até então, se tornaram pretas. **(51)** O pêcego. O pecegueiro é originario da Persia e os antigos poetas diziam que elle na sua patria era venenoso, qualidade que perdera transplantado para outras regiões.

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina (52),
Mas o sombrio valle mais ameno;
Ali a cabeça a flor Cephisia inclina (53),
Sôbolo tanque lucido e sereno;
Florece o filho e neto de Cinyras (54),
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXI

Para julgar difficil cousa fora,
No ceo vendo, e na terra as mesmas cores,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro e Flora (55)
As violas da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella;

LXII

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona,
Vêm-se as letras nas flores Hyacinthinas (56),
Tão queridas do filho de Latona;
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Chloris com Pomona (57);
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII

Ao longo da agua o niveo cysne canta;
Responde-lhe do ramo philomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua cristallina e bella (58);
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella;
Ali no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

---

(52) *Achemenia,* o mesmo que Persia, cujos estofos e tapeçarias se tornaram conhecidos em todo o mundo. **(53)** *Narciso.* Flor *Cephysia* porque Narciso era filho da Nimpha Liriope e do rio d'aquelle nome. **(54)** *Anemonas. Adonis,* filho de Cynira e de sua filha Myrra; por isso o Poeta o chama *filho* e *neto;* foi Venus *(Paphia)* que o mudou em *Anemona,* não podendo impedir que elle morresse estrangulado por um javali. **(55)** IX, **(32)**. **(56)** O *Jacintho,* segundo a fabula, foi transformado em flôr do seu nome por Apollo, filho de Latona. **(57)** Competiam as flores com os fructos — *Chloris* ou *Flora* com *Pomona.* **(58)** *Veado,* II, **(22)**.

LXIV

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das náos os segundos Argonautas (59),
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas, como incautas;
Algumas doces citharas tocavam,
Algumas arpas e sonoras frautas,
Outras co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

LXV

Assi lho aconselhara a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas,
Que vista dos Barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na fórma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.

LXVI

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cubiçosos,
Que não ha nenhum delles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam, que sem laço ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitosos,
Tão suave domestica e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

LXVII

Alguns, que em espingardas e nas béstas
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam;
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da agua, que suave e queda,
Por alvas pedras corre á praia leda.

(59) IV, (94).

LXVIII

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias côres,
Côres de quem a vista julga e sente,
Que não eram das rosas ou das flores,
Mas da lãa fina e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX

Dá Velloso espantado hum grande grito (60) :
« Senhores, caça estranha, disse, é esta :
Se inda dura o gentio antiguo rito (61),
A deosas é sagrada esta floresta :
Mais descobrimos do que humano esprito
Desejou nunca ; e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX

Sigamos estas deosas, e vejamos
Se phantasticas são, se verdadeiras. »
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos ;
Mas mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI

De huma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas ;
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas ;
Huma de industria cahe, e já releva
Com mostras mais macias que indignadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

---

(60) v. **(43)**. **(61)** As myth. grega e romana animaram a natureza inteira de seres divinos. O ceu, a atmosphera, a superficie e as entranhas da terra, foram povoadas de deuses e deusas innumeraveis de forma que, segundo a exacta expressão de Bossuet, tudo foi deus, excepto o proprio Deus.

LXXII

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavam;
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam;
Humas fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cubiçosas vão negando.

LXXIII

Outra, como acudindo mais depressa
Á' vergonha da deosa caçadora (62),
Esconde o corpo n'agua; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi, e calçado (que co'a mora
De se despir, ha medo que inda tarde)
A matar na agua o fogo, que nelle arde.

LXXIV

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
Para a garcenha ou pata conhecida,
Antes que sôe o estouro, mal soffrido
Salta n'agua e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assi o mancebo
Remette á que não era irmãa de Phebo (63).

LXXV

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro e namorado,
A quem amor não dera hum só desgosto,
Mas sempre fôra delle maltratado,
E tinha já por firme presupposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança;

---

(62) *Diana*, deusa da caça, que tão envergonhada ficou de se ver surprehendida nua no banho por Acteon, que o transformou em cervo, II, **(22)**. **(63)** A irmã de Phebe é Diana.

LXXVI

Quis aqui sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza (64),
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu para dar-se a natureza;
Já cansado correndo lhe dizia:
« O' formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII

Todas de correr cansam, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo;
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
O' não na creas; porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII

Não canses, que me cansas, e se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura é tal que, inda que esperes,
Ella fará que não possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quiseres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim deste successo
« Tra la spiga e la man qual muro è messo » (65).

LXXIX

O' não me fujas! assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exercito se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

---

(64) Nympha, filha do Oceano e Thetis. **(65)** Verso litteral de Petrarca nas *Rime in vita di Laura* (soneto 43, v. 80). E' um adagio vulgar ainda hoje na Toscana. Faria e Sousa traduziu-o: « entre as espigas e as mãos qual muro se interpõe » o que quer dizer, que ha sempre alguma cousa que se mette de permeio quando estamos proximos a alcançar o bem, que desejamos.

LXXX

Pões-te da parte da desdita minha ?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me hum coração que livre tinha ?
Solta-mo e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas ? Ou, despois de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa ?

LXXXI

Nesta esperança só te vou seguindo,
Que ou tu não soffrerás o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrella ;
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella,
E tu me esperarás, se amor te fere,
E se me esperas, não ha mais, que espere ».

LXXXII

Já não fugia a bella nympha, tanto
Por se dar cara ao triste, que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas, que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII

Oh que famintos beijos na floresta !
E que mimoso choro, que soava !
Que affagos tão suaves ! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava !
O que mais passam na manhãa e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor é exp'rimentá-lo que julgá-lo ;
Mas julgue-o quem não póde exp'rimentá-lo.

LXXXIV

Desta arte em fim conformes já as formosas
Nymphas co'os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro e de ouro e flores abundantes ;
As mãos alvas lhe davam como esposas,
Com palavras formaes e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV

Huma dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das nymphas e obedece,
Que dizem ser de Cælo e Vesta filha (66),
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e regia,
Mostrando-se senhora grande e egregia.

LXXXVI

Que despois de lhe ter dito quem era,
C'hum alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influição do immobil fado,
Para lhe descobrir da unida esphera
Da terra immensa, e mar não navegado
Os segredos por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia;

LXXXVII

Tomando-o pela mão o leva e guia
Para o cume d'hum monte alto e divino,
No qual hũa rica fabrica se erguia,
De cristal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos e em prazer contino;
Ella nos paços logra seus amores;
As outras pelas sombras entre as flôres.

LXXXVIII

Assi a formosa e a forte companhia
O dia quasi todo estão passando,
N'huma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando;
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e subido.

---

(66) *Thetys*, senhora do mar e das nymphas, I, (23).

LXXXIX

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não é, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha;

XC

Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sobre as asas inclytas da fama,
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso;

XCI

Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os Barões, que esforço e arte,
Divinos os fizeram, sendo humanos;
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
Eneas e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Palas e Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana (67).

XCII

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos,
De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos e de Magnos,
Por isso, ó vós, que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno, do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo;

---

(67) *Jupiter*, pae dos deuses; *Mercurio*, mensageiro dos deuses; *Phebo*, Sol; *Marte*, deus da guerra; *Eneas*, principe troiano; *Quirino*, Romulo, fundador de Roma; *Dois Thebanos*, Hercules e Baccho, ambos naturaes de Thebas; *Ceres*, deusa dos campos; *Palas*, o mesmo que Minerva, deusa da sabedoria; *Juno*, esposa de Jupiter, filha de Saturno, deusa do casamento; *Diana*, deusa da caça.

XCIII

E ponde na cubiça hum freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia, infame e urgente,
Porque essas honras vãas, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente :
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los, sem os merecer.

XCIV

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes
Contra a lei dos imigos Sarracenos
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos ;
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortaes
Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais ;
Que quem quis, sempre pôde ; e numerados
Sereis entre os heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

ARGUMENTO

CANTO X

	Estancias
Banquete das nymphas e Thetys ao Gama e navegantes	1-4
Vaticinio d'uma nympha	5-7
Interrupção do canto da nympha por uma invocação do Poeta a Calliope	8-9
Prosegue a nympha; elogio de Pacheco . .	10-25
Elogio de outros Portugueses	26-44
Suspende o elogio de A. de Albuquerque pela crueldade, que teve com Ruy Dias . . .	45-49
Seguimento dos elogios da nympha começando em Lopo Soares e acabando em D. João de Castro	50-73
Thetys conduz o Gama a um monte; descripção do mundo	74-107
Martyrio de S. Thomé	108-119
Continuação da descripção	120-126
Descripção de Cambodja; naufragio alli soffrido	127-128
Prosegue a descripção	129-141
Despedida de Thetys, embarque, chegada a Portugal	142-144
Queixas do Poeta relativas á tristeza e indifferentismo pelas lettras, exhortação a D. Sebastião e vaticinio, infelizmente erroneo, das suas victorias	145-156

CANTO DECIMO

I

Mas já o claro amador da Larissea (1)
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentaes (2);
O grande ardor do Sol Favonio enfrea (3)
Co'o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins, que a calma aggrava:

II

Quando as formosas nymphas, co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes (4)
Mesas d'altos manjares excellentes
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

III

Ali em cadeiras ricas, cristallinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;
N'outras á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egypcia antigua fama (5),
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro (6).

---

(1) Apollo. A *Larissea adultera* é Coronis, assim chamada por ser natural de Larissa, cidade da Thessalia, sobre o Peneu. **(2)** *Temistitão* é *Tenochtitlan*, antigo nome indio do Mexico. **(3)** *Favonio*, vento suave e brando. **(4)** *Thetis*, I, **(23)**. **(5)** Eram superiores estes banquetes aos que Cleopatra, Rainha do Egypto (VI, **(13)**) deu a Marco Antonio, a qual chegava a diluir em vinagre perolas de extraordinario valor para as dar a beber ao seu amante. **(6)** *Atlantico*, de Atlas, montes africanos. Ouro trazido das minas de Africa.

IV

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão, não só do Italico Falerno (7),
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima (8),
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas espumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'agua fria.

V

Mil praticas alegres se trocavam,
Risos doces, subtis e argutos ditos,
Que entre hum e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos;
Musicos instrumentos não faltavam,
Quaes no profundo reino os nus esp'ritos
Fizeram descansar da eterna pena,
C'huma voz d'huma angelica Sirena (9).

VI

Cantava a bella nympha, e co'os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando;
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII

Com doce voz está subindo ao ceo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo (10)
N'hum globo vão, diaphano, rotundo,
Que Jupiter em dom lho concedeo (11)
Em sonhos, e despois no reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheo logo a nympha a clara historia.

---

(7) Cidade e monte de Campania, entre o monte Massico e o rio Vulturno, celebre pelos vinhos que desappareceram, diz-se, no tempo de Theodorico, pelo anno 500. **(8)** Licor dos deuses, que dava a immortalidade a quem o bebia. **(9)** Tam divina era a musica das nymphas e a Sereia, Thetys, que os proprios condemnados do inferno, ouvindo-a, descansariam dos seus tormentos horriveis. **(10)** Proteo tinha o dom da prophecia, I, **(25)**. **(11)** *Jupiter*, o pae dos deuses.

VIII

Materia é de cothurno e não de socco (12),
A que a nympha aprendeo no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco (13),
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco (14)
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX

Vão os annos descendo, e já do estio (15)
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono;
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero á nação minha.

X

Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira;
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte.

XI

Cantava d'hum, que tem nos Malabares (16)
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós, que dera, d'amizade,
Soffrerá suas cidades e logares,
Com ferro, incendios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que taes odios terá co'a nova gente.

---

(12) *Cothurno*, calçado alto que os actores tragicos antigos usavam; *Soccos*, outra especie de calçado popular e ordinario. Linguagem figurada para significar a importancia e excellencia da materia ou assumpto de que se occupava a nympha. **(13)** *Jopas*, grande musico de Africa; *Demodoco*, outro musico notavel, da ilha dos *Pheaces*, a ilha de Corcyro, onde Ulysses recebeu hospitalidade na volta de Troia para Ithaca, sua patria. **(14)** *Calliope*, rainha das musas, III, **(1)**. **(15)** Teria o Poeta então mais de quarenta annos, segundo Correa, no seu *Commentario*, II, 269. **(16)** O rei de Cochim, sempre amigo dos Portugueses, a quem o rei de Calecut muito perseguiu.

XII

E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achilles Lusitano (17);
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho e o fervido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

XIII

Mas já chegado aos fins Orientaes
E deixando em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturaes,
Nos braços do salgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente (18).

XIV

Chamará o Samorim mais gente nova:
Virão Reis de Bipur e de Tanor (19),
Das serras de Narsinga, que alta prova (20)
Estarão promettendo a seu senhor;
Fará que todo o Naire em fim se mova,
Que entre Calecut jaz e Cananor,
D'ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV

E todos outra vez desbaratando
Por terra e mar o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado;
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos e immotos.

---

(17) *Duarte Pacheco*, um dos maiores capitães portugueses da India, que morreu miseravelmente num hospital, esquecido de D. Manuel com uma ingratidão, de que a historia nunca absolverá o poderoso rei. Vid. o que diz Damião de Goes, na *Chr. de D. Manuel*, parte 1.ª. **(18)** D'esta victoria alcançada por Pacheco contra o Samorim de Calecut e os nobres (Naires, VII, **(53)**) que o acompanhavam, junto em Cambalão, pequena ilha junto a Cochim, se occupa o nosso João de Barros nas *Decadas*, liv. IV, cap. V-VII. **(19)** *Bipur* e *Tanor*, logares da costa do Malabar. **(20)** *Narsinga*, reino poderoso antigamente, VII, **(35)** (Castanheda, l. 2.º, c. 1.º).

XVI

Já não defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha logares, templos, casas;
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos n'hum tempo; mas voando
D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII

Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce e anime;
Mas hum tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime (21).
Já não verá remedio ou manha boa,
Nem força que o Pacheco muito estime:
Inventará traições e vãos venenos (22),
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII

Que tornará a vez setima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa e aggrava;
Mas com tudo este só o fará confuso;
Trará para a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas,
Que atéli vão lhe fora commettê-las.

XIX

Pela agua levará serras de fogo,
Para abrazar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte e engenho, logo
Fará ser vãa a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
Que nas asas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illustre Grecia ou Roma.

---

(21) Pormenor narrado em Castanheda, l. 1.º, c. 75. (22) Em Barros, *Decadas* 1, l. 7.º, c. 6.º.

XX

Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados,
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes coros invocados
Descerão a ajudá-lo, e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração (23).

XXI

Aquelle que nos campos Marathonios (24)
O grão poder de Dario estrue e rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende (25),
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios (26),
Que com todo o poder Tusco contende,
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio (27),
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII

Mas neste passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez rouco e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço, mal agradecido :
« O' Belizario, disse, que no coro (28)
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te.

---

(23) Sobre o desenvolvimento d'estes factos lêr Barros, *Dec.*, l. 7.º, c. 7-8 ; e Castanheda, *ob. cit.*, liv. 1, cap. 66-98. **(24)** Milciades alcançou uma grande victoria sobre os Persas em Marathona, aldeia da Attica (490 a. C.). **(25)** Celebre desfiladeiro da Thessalia, entre o Æta e o golfo Maliaco, onde Leonidas com 300 Espartanos tentou impedir a invasão de Xerxes á frente de mais de dois milhões de Persas. O Poeta diz que os Espartanos eram 4:000. **(26)** *Horacio Cocles*, mancebo romano que, segundo a lenda, impediu só elle a passagem d'uma ponte ao exercito de Porsena (507 a. C.). *Ausonia* é a Italia. **(27)** *Quinto Fabio Maximo Cunctator*, romano illustre, nomeado dictador depois da derrota de Trasimene (217 a. C.) e que, pela sua prudencia, conseguiu vencer Annibal. **(28)** *Belisario*, general de Justiniano, que venceu os Persas, os Vandalos, os Ostrogodos e que, caindo no desagrado do imperador, privado da vista, se viu reduzido a mendigar. Esta tradição é reconhecidamente falsa, mas recebida pelo Poeta para mostrar o que succedeu ao nosso Duarte Pacheco.

XXIII

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro;
Em ti e nelle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes em pobres leitos
Os que ao Rei e á lei servem de muro!
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais, que a justiça e que a verdade (29).

XXIV

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'huma apparencia branda, que os contenta,
Dão os premios de Ajace merecidos (30)
A' lingua vãa de Ulysses fraudulenta;
Mas vingo-me; que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
E' elle para dar-te um reino rico;
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

XXVI

Mas eis outro, cantava, intitulado (31)
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão, com braço forte, armado,
A Quíloa fertil aspero castigo (32),
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.

---

(29) Allusão sangrenta a D. Manuel. (30) *Ajax*, filho de Telemon, foi vencido na disputa que teve com Ulysses sobre qual dos dois possuiria as armas de Achilles, morto no cerco de Troia, o que se attribue á doçura e eloquencia da linguagem d'este ultimo. (31) D. Francisco de Almeida, 1.º viso-rei das Indias; seu filho Lourenço de Almeida, depois de se ter immortalisado contra os Indios, pereceu em Chaul, no meio do ferro e do fogo da frota de Cambaya, como diz adiante. (32) Cidade da costa de Melinde.

XXVII

Tambem farão Mombaça, que se arrea (33)
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e fea,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII

Das grandes náos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela;
Despois, lançando arpéos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

XXIX

Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella só sabe o bem de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia
Poderá haver que a vida lhe reserve:
Em Chaul, onde em sangue e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão, que com vida se não saia,
As armadas de Egypto e de Cambaia (34).

XXX

Ali o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva verão que espedaçado (35)
Não sabe ser rendido, nem domado.

---

(33) Na mesma costa. **(34)** Eram as de Mirocem com doze naus e a de Meliqaz, que a soccorreu com quarenta. Barros, *Dec.* II, l. 2, c. 7-8. **(35)** Soldado romano, das hostes de Cesar, que ficou como exemplo de bravura e valentia. Ferido e quasi despedaçado nunca se quís render.

XXXI

Com toda uma coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficara;
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liara,
Ella sôlta voou da prisão fora,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena (36);
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos crueis e a Mamelucos (37).

XXXIII

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos;
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos; sentí-lo-ha o Nilo (38)
Podê-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouví-lo.

XXXIV

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo as forças exp'rimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia (39),
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

---

(36) O pae, D. Francisco de Almeida. **(37)** Moradores de Cambaya e Mamelucos, Janizaros ou Turcos, de que havia muitos na armada dos nossos inimigos. **(38)** Os tres rios notaveis, sobre os quaes póde ver-se IV, **(74)**, IV, **(82)** e I, **(10)**. **(39)** *Dabul*, uma das melhores povoações de Cambaya, na qual D. Francisco de Almeida penetrou, destruindo-a sem ficar pedra sobre pedra, como o Poeta conta na est. seguinte.

XXXV

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas (40),
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas;
A' de Melique Yaz acautelada,
Co'os pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI

Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores,
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
E' fumo, ferro, flammas e alaridos.

XXXVII

Mas ah, que desta prospera victoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo, que triste e negro vejo!
O cabo Tormentorio, que a memoria (41)
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle esp'rito,
Que não tiraram toda a India e Egypto.

XXXVIII

Ali Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não poderam,
E rudos páos tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos são!
As gentes vãas, que não os entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

---

(40) II, (50). (41) Cabo da Boa-Esperança, V, (54).

XXXIX

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava (42),
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto (43)
Será seu nome em todo o mar, que lava
As ilhas do Austro e praias, que se chamam
De São-Lourenço, e em todo o Sul se afamam (44)!

XL

Esta luz é do fogo e das luzentes
Armas, com que o Albuquerque irá amansando (45)
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando:
Ali verão as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deus peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja (46).

XLI

Ali de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate e Calayate (47);
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico (48).

---

(42) Cidades na costa de Melinde. **(43)** *Tristão da Cunha*, o qual foi por Capitão da India e destruiu as cidades referidas. Ver Barros, *Dec.*, l. I, cap. I. **(44)** *São Lourenço* ou *Madagascar*, separada da costa de Africa pelo canal de Moçambique. Cap. *Tananarive*. **(45)** O grande Affonso de Albuquerque, successor de D. Francisco de Almeida, tomou a milhares de Persas *(Parseos)* com menos de quinhentos homens, *Ormuz*, cidade situada em uma pequena ilha chamada *Gerum*, á entrada do golfo Persico. O governo de Albuquerque foi curto, pois principiou em 1509 e terminou em 1515. Morreu neste anno em Góa, a 16 de Dezembro. **(46)** Já o Poeta alludiu a este facto no c. II, est. XLIX. **(47)** Logares juntos a Ormuz. *Mascate* ou *Maskate (Moscha)* era o centro de commercio das perolas de Ormuz, bem como de todas as mercadorias, que da India eram levadas para o golfo Persico. **(48)** *Barem, Bahrain (Hadjar)*, região da Arabia, no *Lahsa*, ao longo do golfo Persico, em cujas costas ha um grupo de ilhas, que têem o mesmo nome, afamadas pela pesca de perolas.

XLII

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vãa de medo ou pejo
Toma a ilha illustrissima de Goa (49) !
Despois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço e arte
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII

Eis já sobre ella o torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros;
Irão soldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos e touros,
Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egypcia Sancta Catharina (50).

XLIV

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada (51) !
As settas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada (52),
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes ».

---

(49) II, **(33)**. **(50)** Gôa foi uma primeira vez tomada por Affonso de Albuquerque em 1509, e uma segunda e ultima em 1510, dia de Santa Catharina. Chama-lhe o Poeta Egypcia, porque esta santa era natural de Alexandria, cap. do Egypto. Foi martyrisada por ordem do imperador Maximino, no começo do sec. IV. **(51)** *Malaca*, cidade, capital da peninsula do mesmo nome, chamada tambem *Chersoneso Aurea* ou *de ouro* (II, **(38)**) pelo muito ouro e pela sua riqueza em toda a especie de productos naturaes. **(52)** *Crises*, especie de armas, de que usavam, á maneira de adagas os *Malaios* ou habitantes de Malaca, e os *Jaos* ou habitantes da ilha de Java.

XLV

Mais estanças cantára esta Sirena (53)
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe huma ira, que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser um brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

XLVI

Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

XLVII

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto;
Mas c'huma escrava vil, lasciva e escura,
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de ousado a crueza fera e dura,
Co'os seus huma ira insana não refrea,
Põe na fama alva noda negra e fea.

---

(53) *Sirena,* isto é, Thetys, ia proseguir a sua narração, mas pára repentinamente lembrando-se da crueldade, a que se refere o Poeta, e foi que um soldado de nome Ruy Dias, natural de Alenquer, e que embarcara com Albuquerque para a India, ousou namorar-se d'uma escrava que o grande capitão captivara em Gôa, entrando mesmo nos seus aposentos. Albuquerque mandou-o enforcar immediatamente.

XLVIII

Vio Alexandre Apelles namorado (54)
Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exp'rimentado,
Nem vendo-se n'hum cerco duro e urgente.
Sentio Cyro, que andava já abrazado (55)
Araspas de Panthêa em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e promettia,
Que nenhum máo desejo o venceria;

XLIX

Mas, vendo o illustre Persa, que vencido
Fora de amor, que em fim não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Delle n'hum caso grande em recompensa.
Por força de Juditha foi marido (56)
O ferreo Baldovino; mas dispensa
Carlos, pae della, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.

L

Mas proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras (57)
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras;
Medina abominabil teme tanto (58)
Quanto Meca e Gidá, co'as derradeiras
Praias da Abassia; Barborá se teme (59)
Do mal, de que o emporio Zeila geme (60).

---

(54) Retratando Apelles a Campaspe, escrava de Alexandre Magno, enamorou-se d'ella; este, sabendo d'isso, *deu-lh'a alegremente.* **(55)** *Cyro,* rei dos Persas, captivou em Assyria *Pantea,* mulher de Abradata, rei dos Susianos. Não a quís ver Cyro, para não se deixar vencer pela sua belleza, que lhe diziam ser grande. *Araspas,* amigo de Cyro, zombou da fraqueza do valente guerreiro, pelo que Cyro lhe deu Pantea a guardar. Passado tempo Araspas estava *vencido de amor,* como diz o Poeta, o que Cyro lhe perdoou. **(56)** *Judith,* filha de Carlos o Calvo, rei de França, casou primeiramente com Duarte, rei de Inglaterra; depois de viuva enamorou-se d'ella Balduvino I, o *Ferreo,* e raptando-a, casou com ella. O pae perdoou-o e deu-lhe em dote *Flandres,* então despovoada, mas depressa mandada povoar por elle. **(57)** *Lopo Soares de Albergaria,* terceiro governador da India, para onde foi em 1515 e que dois annos depois, com 30 náos dispersou uma frota arabe. **(58)** *Medina,* cidade da Arabia, onde se guarda o tumulo de Mahomet; *Gidá* (IX, **(3)**), porto de *Meca,* esta é a mais importante cidade da Arabia, patria do Propheta. **(59)** *Abassia,* região de Africa, separada da Arabia pelo Mar-Vermelho, cujos povos são chamados *Abassis* ou *Abexins. Barborá,* cidade na Africa Oriental, na costa de Adel, ao fundo d'uma bahia do mar de Oman. **(60)** *Zeila (Zeilah),* porto de Africa, na costa de Adel, notavel pelo seu commercio.

LI

A nobre ilha tambem de Taprobana (61),
Já pelo nome antiguo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça calida, cheirosa,
Della dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida (62).

LII

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas (63)
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho (64).
Maçuá, com cisternas de agua cheas (65)
Verá, e o porto Arquico ali vizinho,
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII

Virá despois Menezes, cujo ferro (66)
Mais na Africa, que cá terá provado :
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro (67)
Em que estás, e serás inda tornado,
Co'os titulos de Conde e d'honras nobres
Virás mandar a terra, que descobres.

---

(61) *Ceylão,* dos Portugueses antigamente (I, **(1)**), hoje administrada directamente pelos Ingleses. E' favorecida d'uma vegetação maravilhosa ; o solo produz cereaes, chá, quinquina, café e a canella, a que o Poeta chama *cortiça calida, cheirosa.* **(62)** *Colombo,* cap. de Ceylão, escala dos navios que vão para Calcutta, China e Australia. **(63)** *Diogo Lopes de Sequeira,* tendo passado a militar na India em 1505, foi para lá como governador em 1518. Em 1520 entrou pelo Mar Vermelho *(ondas Erythreas,* IV, **(76)**) com uma armada de 24 náos e 1.800 homens. **(64)** *Candace,* nome de muitas rainhas da Ethiopia e que parece o da dignidade real. *Sabá,* rainha da região do mesmo nome, que foi visitar Salomão a quem fez grandes presentes *(III Reis,* X, 1-11). **(65)** *Maçoa, Massuah, Matzu,* cidade da Abyssinia, no Samara, numa ilha do Mar Vermelho. Pela falta de agua, havia na cidade muitos reservatorios d'ella ou *cisternas.* **(66)** *D. Duarte de Meneçes* foi para a India como governador em 1521. Esteve tres annos. *Mais na Africa,* etc. porque foi capitão de Tanger onde conseguiu muitas victorias contra os Mouros. *Castigará de Ormus,* etc. porque esta se rebellou. **(67)** *Vasco da Gama* foi o sexto viso-rei das Indias, em 1524, tendo já o titulo de *Conde da Vidigueira.* O seu governo não durou mais que tres mêses e vinte dias.

LIV

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Menezes logo, cuja idade (68)
E' maior na prudencia que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

LV

Não vencerá sómente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete (69),
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as commette;
Mas com virtudes certo singulares
Vence os imigos d'alma todos sete:
De cobiça triumpha e incontinencia,
Que em tal idade é summa de excellencia.

LVI

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas (70),
E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII

No reino de Bintão, que tantos danos (71)
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injurias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos,
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico, que rompas e submettas;

---

(68) Ao Gama succedeu *D. Henrique de Meneses*, que passou á India como viso-rei na edade de 28 annos e por isso diz o Poeta: « cuja idade », etc. **(69)** Povoações proximas de Calecut, sobre as quaes vid. Barros, *Dec.* III, l. 9, c. 3-4. **(70)** *D. Pedro de Mascarenhas*, que devia succeder a D. Henrique, mas achando-se ao tempo governador em Malaca e não podendo chegar á India senão d'ahi a onze mêses *Lopo Vaz de Sampaio* lhe tomou o governo. **(71)** *Bintão, Bintang*, ilha do mar das Indias, ao sul da peninsula de Malaca. Veja-se esta acção em Barros, *Dec.* IV, l. I, c. 2.º.

LVIII

Mas na India cubiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deus e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil e sem razão
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence ; que a victoria verdadeira
E' saber ter justiça nua e inteira.

LIX

Mas comtudo não nego que Sampaio (72)
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado ;
Em Bacancr fará cruel ensaio (73)
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha (74).

LX

E não menos de Dio a féra frota (75),
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rota
Por Heitor da Sylveira, e destroçada ;
Por Heitor Portugues, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano (76).

---

(72) *Sampaio* tendo jurado entregar o governo a D. Pedro, tanto que este chegasse, não só lh'o não entregou, como o mandou prender ; por isso foi elle preso depois, á ordem do rei, sendo-lhe tambem confiscados os bens. Não obstante a sua ambição, diz o Poeta, Sampaio foi todavia um valente e destemido guerreiro. **(73)** *Bacanor,* cidade maritima do reino de Marsinga, em cujo porto Sampaio destruiu uma armada de Malabares. **(74)** *Cutiale,* um dos chefes mais temiveis dos Mahometanos, commandava a armada de 130 náos ; foi destroçado com onze sob o commando de D. João d'Eça, mandado a esta emprêsa por Sampaio. **(75)** Estava em Chaul uma armada nossa ameaçada por Halixa, capitão da *Frota de Diu.* Lopo Vaz mandou Heitor da Silveira, que desbaraton os *Guzates* ou habitantes do reino de Cambaya, onde está Diu. **(76)** *Heitor,* filho de Priamo e Hecuba.

LXI

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme (77);
De Chale as torres altas erguerá (78),
Em quanto Dio illustre delle treme;
O forte Baçaim se lhe dará (79),
Não sem sangue porém; que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII

Traz este vem Noronha, cujo auspicio (80)
De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta (81).
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando hum teu ramo, ó Gama, se exp'rimenta (82)
No governo do imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarello.

LXIII

Das mãos do teu Estevam vem tomar (83)
As redeas hum, que já será illustrado
No Brazil, com vencer e castigar
O pirata Francês, ao mar usado;
Despois Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

---

(77) *Nuno da Cunha*, que partiu de Lisboa em 18 de Abril de 1528 e que governou a India durante dez annos. **(78)** *Chale*, cidade proximo de Callecut. **(79)** *Beçaim*, praça entre Chaul e Diu, governada por *Melique* e fortalecida por 400 peças de artilharia. Barros dedicou os oito ultimos cap. da 4.ª *Dec.* aos feitos d'este heroe. **(80)** *D. Garcia de Noronha*, governador da India em 1538, que afugentou os *Rumes* ou Turcos de Diu. **(81)** Defendeu Diu contra doze mil Turcos. **(82)** *D. Estevão da Gama* principiou o governo da India em 1540 e porque passou com uma armada até Suez diz Camões que « *com medo o mar* », etc. **(83)** *D. Martim Affonso de Sousa*, serviu primeiro no Brazil, destruindo uma armada de Franceses, que infestava aquella costa; foi tambem capitão-mór do mar Indico, no tempo que governava Nuno da Cunha.

LXIV

A este o Rei Cambaico soberbissimo (84)
Fortaleza dará na rica Dio ;
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio ;
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher, que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

LXV

Destruirá a cidade Repelim (85),
Pondo o seu Rei com muitos em fugida ;
E despois junto ao cabo Comorim (86)
Huma façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo,
Em si verá Beadála o marcio jogo (87) ;

LXVI

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governá-la (88),
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle e nenhum falla.
Só quís provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadála (89) :
De sangue e corpos mortos ficou chea,
E de fogo e trovões desfeita e fea.

---

(84) O rei de Cambaya permittiu-lhe que edificasse uma fortaleza em Diu, o que fez com que elle o auxiliasse contra o *Mogor* ou *Mogol,* isto é, o habitante do imperio da Asia, limitado ao N. pelo Imaus, longa cordilheira que a separa da Tartaria. **(85)** Querendo o rei de Calecut passar de *Cranganor* a *Repelim,* logares proximos de Cochim, Martim Affonso se oppôs, tomando depois Repelim e incendiando-a como se diz na oitava seguinte. **(86)** Ao sul do Indostão. **(87)** Cidade junto ao cabo Comorim. **(88)** Praticadas estas façanhas como simples Capitão-mór da India, foi depois governador por tres annos e meio, a principiar em 1543. **(89)** *Baticalá,* fortaleza na costa do Malabar, como *Beadala.*

LXVII

Este será Martinho, que de Marte (90)
O nome tem co'as obras derivado,
Tanto em armas illustre em toda a parte,
Quanto em conselho sabio e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha ali Castro, que o estandarte (91)
Português terá sempre levantado,
Conforme successor ao succedido,
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII

Persas feroces, Abassis e Rumes (92)
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil nações ao cerco feras vem,
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem:
Em sangue Português juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX

Basiliscos medonhos e leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co'os barões (93),
Que tão ledos as mortes tem por certas;
Até que nas maiores oppressões,
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem (94)
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

---

(90) *Martinho,* diminutivo de *Marte.* **(91)** *D. João de Castro,* tam notavel pela valentia como pela prudencia, cuja vida e obras Jacyntho Freire nos deixou narradas na sua *Vida de D. João de Castro* (Ed. da Academia, de 1835, a melhor). **(92)** *Persas, Abexins* (x, **(59)**), *Rumes* ou *Turcos* estiveram no cerco de Diu. Segundo Barros, *Dec.* IV, l. 4, c. 16, os Mouros da India por differença dos da prov. de Turkestan dão o nome de *Rumes* aos naturaes da Grecia e da parte da Thracia, onde está Constantinopla. **(93)** *D. João de Mascarenhas,* de Evora, Capitão-mór de Diu, que defendeu com 600 Portugueses contra muitos mil Turcos. **(94)** São: D. Fernando de Castro e D. Alvaro de Castro, nomeados na est. immediata.

LXX

Fernando hum delles, ramo da alta planta (95),
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao Ceo subido;
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta (96),
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos.

LXXI

Eis vem despois o pai, que as ondas corta (97)
Co'o restante da gente Lusitana,
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana:
Huns, paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana;
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso, ou larga historia.

LXXII

Este despois em campo se apresenta (98)
Vencedor forte e intrepido, ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante;
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante (99),
Que castigando vai Dabul na costa:
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

---

(95) D. Fernando morreu num baluarte, despedaçado pelos destroços d'uma mina que os Mouros haviam feito. D. João de Castro estava em Gôa, onde lhe deram a noticia da morte do filho. Sabendo que a fortaleza estava ainda em poder dos Portugueses, mandou fazer festas. **(96)** D. Alvaro partiu em soccorro de Diu, onde chegou depois de muitas difficuldades. **(97)** D. João de Castro cercou Diu com 2:300 Portugueses e 1:600 Indios, conseguindo uma brilhante victoria contra os inimigos. **(98)** Ameaçado pelo cerco do rei de Cambaya, que tinha mais 150:000 homens, cavallaria e muitos elefantes *(multidão quadrupedante)*, offereceu batalha nos campos de Surrate, que este quis acceitar. **(99)** O Hidalcão, principe indio, que com 12:000 homens ia expugnar Salsete, perto de Goa, foi derrotado por 3:000 Portugueses. *Dabul* e *Ponda*, fortalezas do Hidalcão foram totalmente destruidas.

LXXIII

Estes e outros barões, por varias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha,
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas, que corta a aguda quilha ;
E acharão estas nymphas e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas ».

LXXIV

Assi cantava a nympha, e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam :
« Por mais que da fortuna andem as rodas
(N'huma consona voz todas soavam)
Não vos hão de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa ! »

LXXV

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonica e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre
Thetys, de graça ornada e gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre e claro dia
Para o felice Gama assi dizia :

LXXVI

« Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema, de co'os olhos corporais
Veres o que não pode a vãa sciencia
Dos errados e miseros mortais !
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso tu co'os mais ».
Assi lhe diz ; e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes, que presume
A vista, que divino chão pisava ;
Aqui hum globo vêm no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava
De modo, que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie claramente.

LXXVIII

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem, que está composto
De varios orbes, que a divina verga (100)
Compôs, e hum centro a todos só tem posto;
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s'ergue ou se abaixa, e hum mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba em fim por divina arte;

LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a deosa: « O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus; para que vejas
Por onde vás e irás, e o que desejas.

LXXX

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea e elemental, que fabricada (101)
Assi foi do saber alto e profundo,
Que é sem principio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tão limada,
E' Deos; mas o que é Deos ninguem o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI

Este orbe, que primeiro vai cercando (102)
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem,
Empyreo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de Aquelle Bem
Tamanho, que Elle só se entende e alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

---

(100) Divina Omnipotencia. **(101)** *Etherea* ou celeste e *elemental* ou terrestre, conforme as ideas do tempo. **(102)** Camões faz uma descripção do orbe segundo as idéas ainda então quasi geraes, que eram fundamentalmente as de Ptolomeu, que considerava a terra como o centro do universo. Entre os antigos houve differentes opiniões sobre o numero dos ceos. O Poeta admittia dez como se vê na sequencia da narração. O (I) empyreo, de que aqui falla Camões era o logar dos bemaventurados, era o *primeiro, que vai cercando os outros mais pequenos, que em si tem.*

LXXXII

Aqùi só verdadeiros gloriosos
Divos estão; porque eu, Saturno e Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano;
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrellas pôs o engenho vosso;

LXXXIII

E tambem porque a sancta Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo que sustenta.
Ensina-o a prophetica sciencia
Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os que são bons, guiando favorecem,
Os máos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV

Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora dilatando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antigua poesia
A seus deoses já dera, fabulando;
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome preeminente
Tambem aos máos se dá, mas falsamente.

LXXXV

Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda,
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo deste circulo onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve e tão ligeiro,
Que não se enxerga; é o mobile primeiro (103).

---

(103) Ao *Empyreo* seguia-se o (II) *Primeiro Mobil.* Arrastados pelo movimento d'este vam todos os outros ceos; o sol (que está no quarto) *o dia e a noite faz com curso alheio.*

LXXXVI

Com este rapto o grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio ;
Por obra deste o Sol andando a tento
O dia e noite faz com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento (104),
Tão lento e sobjugado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVII

Olha est'outro debaixo, que esmaltado (105)
De corpos lisos anda e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado
E nos seus axes correm scintillantes.
Bem vês como se veste e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados (106).

LXXXVIII

Olha por outras partes a pintura (107),
Que as estrellas fulgentes vão fazendo ;
Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda e seu pai, e o Drago horrendo ;
Vê de Cassiopêa a formosura,
E do Orionte o gesto turbulento ;
Olha o Cysne morrendo que suspira,
A Lebre e os Cães, a Náo e a doce Lira.

---

(104) E' o (III) *Primeiro Cristallino,* que em 200 annos (200 cursos do Phebo ou o Sol) *dá um passo,* isto é, avança um grão ou sejam 28 min., 9 seg., 47 terç., 45 quartos, vindo a dar a volta inteira quasi em 49:000 annos. **(105)** E' o (IV) *Firmamento,* onde estão os corpos celestes. Nelle está o *Zodiaco (cinto de ouro),* dividido em doze partes iguaes, que tem cada uma o nome d'um animal. **(106)** Porque o Zodiaco comprehende o espaço que o Sol parece percorrer na sua revolução annual e na qual está encerrado o curso dos planetas. **(107)** Referiu-se aos doze signos, refere-se agora a varias constellações: a *Carreta (Ursa Maior) ;* a *Cynosura (Ursa Menor) ; Andromeda,* constellação do hemispherio boreal, vizinha de Cassiopea e de Perseu e composta de 59 estrellas. *Drago,* constellação do hemispherio boreal, cujas estrellas estão espalhadas entre a Pequena Ursa, Cepheu, Cysne e Hercules. *Cassiopêa,* constellação do hemispherio boreal, situada a pouca distancia do polo. Encerra 55 estrellas principaes. *Orionte (Orion)* uma das mais brilhantes constellações do firmamento, formada de 78 estrellas, duas das quaes de 1.ª grandeza. *Cysne,* constellação de 81 estrellas situada na Via Lactea. *Lebre,* constellação austral. *Cães :* ha tres constellações d'este nome — *Grande Cão* de 31 estrellas, entre as quaes a *Sirius,* a mais brilhante das estrellas de 1.ª grandeza ; *Pequeno Cão* de 14 estrellas, das quaes a *Procyon* de 1.ª grandeza, e os *Cães de caça* de 25 estrellas. *Nao,* constellação do hemispherio austral, com duas estrellas de 1.ª grandeza ; *Lira,* constellação do hemispherio boreal de 21 estrellas, das quaes uma de 1.ª grandeza, chamada a *Lyra* propriamente dita ou a *Wega.*

LXXXIX

Debaixo deste grande firmamento (108)
Vês o ceo de Saturno, deos antigo,
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'huns grave e n'outros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quís o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,
Os quaes verás, que jazem mais a dentro,
E tem co'o mar a terra por seu centro (109).

XCI

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos;
Mas inda o mar instabil exp'rimentam,
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios costumes seus e varias leis.

XCII

Vês Europa christãa, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza;
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda chea de bruteza,
Co'o cabo que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

---

(108) Seguem-se aos ceos apontados mais sete, em cada um dos quaes está seu Planeta que o Poeta enumera na estancia — Saturno, Jupiter, Marte, Sol *(olho do ceo)*, Venus, Mercurio, e a Lua — *com tres rostos* porque tem além d'este nome, o de *Proserpina* no inferno e o de *Diana* na terra. **(109)** Enumera os quatro elementos — fogo, ar, agua e terra — centro de todos.

XCIII

Vê do Benomotápa o grande imperio (110),
De selvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio (111)
Padecerá pela Fé sancta sua.
Nasce por este incognito hemispherio
O metal por que mais a gente sua;
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama (112).

XCIV

Olha as casas dos negros: como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça Real e defensão
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha delles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza (113).

XCV

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos (114):
Vê-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Christo amigos (115);
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Méroe, que ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama (116).

---

(110) *Monomotápa,* imperio da Africa austral, da Cafraria á costa de Sofala e de Moçambique. **(111)** *Gonçalo da Silveira,* da Companhia de Jesus, foi martyrisado nestas regiões. **(112)** O Nilo tem a sua origem no lago *Victoria,* tomando logo desde principio numerosos affluentes. *Coama* ou *Zambeze,* é o rio mais importante da Africa oriental portuguesa, chegando a attingir em alguns pontos a largura de 800 metros. **(113)** *Pedro de Naia,* castelhano de origem, edificou a fortaleza de Sofala, contra a vontade do rei d'esta cidade, que elle depois matou. **(114)** As origens do Nilo foram um problema insoluvel para os antigos. **(115)** Sobre os Abexins vid. x, **(59)**. **(116)** *Meroe,* região da Ethiopia, de que os antigos, por não conhecerem senão o N. faziam uma ilha.

XCVI

Nesta remota terra hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Ha de ser Dom Christovam o nome seu (117),
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhoso e charo;
O Rapto rio, nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance (118).

XCVII

O cabo vê já Aromata chamado (119),
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores (120):
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa; e as melhores
Povoações, que a parte Africa tem,
Maçuá são, Arquíco e Suanquem (121).

XCVIII

Vês o extremo Suez, que antiguamente (122)
Dizem que foi dos Héroas a cidade,
Outros dizem que Arsinoe, e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade;
Olha as aguas, nas quaes abrio patente
Estrada o grão Moysés na antigua idade (123):
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta;

---

(117) *D. Christovão da Gama*, filho de Vasco da Gama, destruiu duas vezes as frotas Turcas, mas não pôde escapar a uma morte fatal, morrendo no meio do fogo do inimigo. **(118)** O rio *Rapto*, que no *romance da terra* ou linguagem vulgar se chama *Obi* desagóa ao pé da povoação *Quelimance*, junto a Melinde. **(119)** *Aromata*, hoje *Guardafui*, á entrada do golfo de Aden. **(120)** O Mar Vermelho tirou o nome da côr das suas aguas. **(121)** *Massuah*, cidade da Abyssinia; *Arquico*, cidade da Ethiopia, unico porto d'aquella costa; *Suakem*, cidade e porto da Nubia, no golfo Arabico, parte sobre o continente, parte sobre uma ilhota. **(122)** *Suez*, á entrada do Mar Vermelho, antigamente *Arsinoe*, na extremidade N. do canal, cidade dos Heroes. **(123)** Allude á passagem do Mar Vermelho.

XCIX

Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co'o sepulchro de Sancta Catharina (124);
Olha Toro e Gidá, que lhe fallece (125)
Agua das fontes doce e cristallina;
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da secca Adem, que confina (126)
Com a serra d'Arzira, pedra viva (127),
Onde chuva dos ceos se não deriva;

C

Olha as Arabias tres, que tanta terra (128)
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros e feroces, da alta raça;
Olha a costa que corre até que cerra (129)
Outro estreito de Persia e faz a traça
O cabo, que co'o nome se appellida
Da cidade Fartaque, ali sabida;

CI

Olha Dofar insigne, porque manda (130)
O mais cheiroso incenso para as aras;
Mas attenta: já cá de est'outra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras (131),
Começa o reino Ormuz, que todo se anda (132)
Pelas ribeiras, que inda serão claras,
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castel-Branco nua a espada.

---

(124) *Sinai,* monte da Arabia onde, dizia a lenda, os anjos haviam collocado o corpo de Santa Catharina, martyr, x, **(50)**. **(125)** *Toro,* cidade da Arabia, a pouca distancia do Sinai, onde ha muita falta de agua; *Gidá,* IX, **(3)**. **(126)** *Aden,* cidade da Arabia, ao sul de Yemen, porto no golfo de Aden, (as *portas do Estreito).* **(127)** *Arzira,* serra esteril na Arabia Feliz. **(128)** Vid. IV, **(79)**. O cavallo arabe é considerado como o mais fino do mundo. Os melhores exemplares d'esta raça, hoje muito raros, encontram-se no Nedjed. **(129)** A costa da Arabia vae desde a Syria e o Algerizeh ao N. até ao mar d'Oman ao S. Proximo da cidade Fartaque ha um promontorio do mesmo nome. **(130)** *Dofar,* cidade notavel do golfo arabico. **(131)** *Roçalgate,* é o cabo *Ras-el-Hadd.* **(132)** *Ormuz* (II, **(31)**), onde num combate contra uma grande armada turca muito se illustrou *D. Pedro de Castello Branco,* capitão d'aquella cidade.

CII

Olha o cabo Asabóro, que chamado (133)
Agora é Moçandão dos navegantes;
Por aqui entra o lago que é fechado (134)
De Arabia, e Persias terras abundantes;
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado (135)
Tem das suas perlas ricas e imitantes
A' côr da Aurora, e vê na agua salgada
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada (136).

CIII

Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo e nos cavallos,
Que se injuría de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos;
Mas vê a ilha Gerum, como descobre (137)
O que fazem do tempo os intervallos;
Que da cidade Armùza, que ali esteve,
Ella o nome despois e a gloria teve.

CIV

Aqui de Dom Filippe de Menezes (138)
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueses
Os muitos Párseos vencerá de Lara:
Virão provar os golpes e revezes (139)
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força só de espada.

---

(133) *Asaboro*, pelos Portugueses chamado *Moçandão*, no reino de Ormuz, á entrada do Golfo Persico. **(134)** O *lagò* é o Golfo Persico, entre a Persia e a Arabia. **(135)** *Barem*, *Bahrain* ou *Adjar*, no Golfo Persico, perto d'esta região havia um grupo de ilhas, onde se pescavam as perolas. **(136)** Antes de se lançarem no Golfo Persico o *Tigre* e o *Euphrates* reunem as suas aguas para formar o *Chatt-el-Arab*. **(137)** A antiga cidade *Armuza* ou *Armozia*, ficava na região do *Moghistan*, vizinha de Ormuz, no Golfo Persico, a qual depois se chamou *Gerum*. **(138)** *D. Filippe de Menezes*, sendo capitão de Ormuz com pouca gente alcançou grandes victorias dos Persas (*Parseos*), de *Lara*, cidade da Persia, no Farsistan. **(139)** Iguaes victorias alcançou D. Pedro de Sousa, em tempo que era tambem capitão de Ormuz; este destruiu tambem a cidade de *Ampaza* na costa de Melinde.

CV

Mas deixemos o estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella (140),
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura e dos dões usados della;
Carmania teve já por appellido;
Mas vês o formoso Indo, que d'aquella (141)
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI

Olha a terra de Ulcinde fertilissima (142),
E de Jaqueta a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima (143),
Onde do mar o seio faz entrada:
Cidades outras mil, que vou passando;
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII

Vês corre a costa celebre Indiana
Para o Sul, até o cabo Camori,
Já chamada Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII

As provincias, que entre hum e o outro rio,
Vês com varias nações, são infinitas:
Hum reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio (144)
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, barão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

---

(140) Cabo *Jasque*, antigamente *Carpella*, á entrada do golfo de Ormuz, 30 leguas distante d'esta cidade, na região *Carmania*, que é hoje *Laristan*, *Kerman* e parte S.-O. do *Kabul*, onde havia immensas planicies incultas e aridas. **(141)** Vid. IV, **(82)** e **(88)**. **(142)** *Ulcinde*, vizinha de Ormuz, entre a Persia e a Cambaya, onde fica o cabo *Jaquete*. **(143)** *Cambaya*, cidade da India inglêsa, sobre o golfo do mesmo nome. **(144)** Em *Narsinga* (VII, **(35)**) prégou e soffreu o martyrio o apostolo S. Thomé.

CIX

Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica (145) ;
Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica ;
Longe do mar naquelle tempo estava
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

CX

Chegado aqui prégando e junto dando (146)
A doentes saude, a mortos vida,
Acaso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho, de grandeza desmedida ;
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e não duvida
Poder tirá-lo a terra com possantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

CXI

Era tão grande o peso do madeiro,
Que só para abalar-se nada abasta ;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta :
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII

Sabia bem, que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada,
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova (147).
A gente ficou disto alvoraçada :
Os Brahmenes o tem por cousa nova,
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder a auctoridade.

---

(145) *Meliapor* ou *S. Thomé*, cidade da India inglêsa, a 9 k. S. de Madrasta. Foi dos Portugueses de 1545 a 1672 e capital dos seus estabelecimentos na costa de Coromandel ; depois dos Franceses (1672), dos Hollandeses (1674) e por fim dos Ingleses (1749). **(146)** Lea-se em Barros *(Dec.* I, l. 9, c. 1.º) o assumpto d'esta narração relativa a S. Thomé. **(147)** *S. Marcos*, XI — ...*Quia quicumque dixerit huic monti : tollere, et mittere in mare, et non haesitaverit in corde suo, sed crediderit, quia quodcumque dixerit, fiat, fiet ei.*

CXIII

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja ;
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios (148),
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura e fera
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV

Hum filho proprio mata, e logo accusa
Do homicidio Thomé, que era innocente :
Dá falsas testemunhas, como se usa ;
Condemnaram-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa,
Que apellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho o seu mais approvado ;
Viram todos o moço vivo erguido,
Em nome de Jesu crucificado ;
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser homicida.

CXVI

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle ; hum beija o manto,
Outro louvor do Deus de Thomé canta.
Os Brahmenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo, em fim de tudo.

---

(148) Insignia dos Brahmanes.

CXVII

Hum dia, que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente hum arruido :
Já Christo neste tempo lhe ordenava,
Que, padecendo, fosse ao Ceo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá, já a tudo offerecido :
Hum dos máos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo ;
Chorou-te toda a terra que pizaste ;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se hiam da sancta Fé, que lhe ensinaste ;
Mas os Anjos do Ceo, cantando e rindo,
Te recebem na gloria, que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deus ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX

E vós outros, que os nomes usurpais,
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estais
Sem irdes a prégar a sancta Fé ?
Olhai que se sois sal e vos damnais
Na patria, onde propheta ninguem é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias ?

CXX

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa (149)
Se faz curva a Gangetica enseada ;
Corre Narsinga rica e poderosa ;
Corre Orixa de roupas abastada (150),
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio (151).

---

(149) *Meliapor*, de que fallou na est. CIX. **(150)** *Orixa, Orissa, Oriçah*, reino do Indostão, sobre o Golfo de Bengala, na extremidade septentrional da costa de Coromandel, entre o reino de Bengala e Golconda. **(151)** IV, **(88)**.

CXXI

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que, inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores (152)
De Bengala, provincia que se preza
De abundante ; mas olha que está posta
Para o Austro daqui virada a costa.

CXXII

Olha o reino Arracão, olha o assento (153)
De Pegu, que já monstros povoaram (154),
Monstros filhos do feio ajuntamento
D'uma mulher e um cão, que sós se acharam.
Aqui soante Arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII

Olha Tavai cidade, onde começa (155)
De Sião largo o imperio tão comprido ;
Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali tem produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido (156),
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

---

(152) *Cathigão,* cidade do reino de Bengala, na margem oriental da mais occidental das embocaduras do Ganges. **(153)** *Arracão, Aracan,* prov. da India inglesa, estende-se ao longo da costa E. do Golfo de Bengala ; outr'ora reino independente. **(154)** *Pegú,* outr'ora tambem estado independente, hoje prov. do imperio Birman, limitado ao N. pelo Aracan. Os dous casos citados pelo Poeta nos versos seg. lêem-se tambem em Barros *(Dec.* III, l. 3.º). **(155)** O *Siam,* é um vastissimo Estado da Indo-China, que tem por capital *Bankok,* e onde ficam as cidades nomeadas pelo Poeta. **(156)** *Malaca* (x, **(51)**), peninsula de 1:580 k. Na extremidade fica *Singapur,* metropole maritima, commercial e estrategica. No seu porto de *New-Harbour* entram annualmente mais de 5:000 navios ; lá se encontram as mercadorias da Europa e da Asia.

CXXIV

Dizem que desta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Samatra, que já d'antes (157)
Juntas ambas a gente antigua vio:
Chersoneso foi dita, e das prestantes (158)
Veas d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epithéto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ophir imaginaram (159).

CXXV

Mas na ponta da terra Cingapura (160)
Verás, onde o caminho ás náos se estreita;
Daqui tornando a costa á Cynosura (161)
Se encurva, e para a Aurora se endireita:
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura (162)
De Sião, que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama (163)
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua (164).

---

(157) Uma das ilhas da Sonda, pertencente aos Hollandeses. **(158)** II, **(38)**. **(159)** *Ophir*, região do Oriente, talvez o Yemen, onde Salomão mandava buscar o oiro. **(160)** Acima, n. **(155)**. **(161)** Tornando ao Norte. Vid. neste canto, n. **(106)**. **(162)** *Pam*, *Pan*, *Pahang*, reino, e cidade do mesmo nome; *Patane*, reino na parte N.-E. da peninsula de Malaca. **(163)** *Menão* ou *Meinam*, nasce na prov. chinesa de Yurman, lago *Chiamai*, a S.-E., indo desaguar no Golfo de Siam. **(164)** Os nomes d'estes povos e outras particularidades podem ler-se em Barros (*Dec.* III, l. 2, c. 5).

CXXVII

Vês passa por Camboja Mecom rio (165),
Que capitão das aguas se interpreta,
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos e inquieta;
Tem as enchentes quaes o Nilo frio;
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena e gloria tem despois de morte
Os brutos animaes de toda a sorte.

CXXVIII

Este receberá placido e brando (166)
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada, que ditosa.

CXXIX

Vês corre a costa, que Champá se chama (167),
Cuja mata é do páo cheiroso ornada (168);
Vês Cauchichina está de escura fama (169)
E de Ainão vê a incognita enseada:
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd'o Tropico ardente ao Cinto frio (170).

---

(165) *Cambodge,* reino do Indo-China, hoje sob o protectorado da França. *Mecom, Mekon, Maigkasuang, Menam-kong, Mei-kong,* grande rio da India Transgangetica, nasce na prov. Thibetana de Kam, atravessa o Yun-Nan, atravessa Cambodge e lança-se no mar da India sob o nome de rio de Cambodge. **(166)** O Poeta naufragou na foz do rio Mecon, salvando-se e ao poema. Veja-se sobre isto a *Introducção.* **(167)** *Champa, Tsiampa,* pequeno reino da Asia, limitado ao L. e S. pelo mar Oriental, ao N. pela Cochinchina e a O. pelo reino de Cambodge. **(168)** O *Calambuco* ou *Calambac* é uma madeira de côr esverdeada e muito odorifera. **(169)** *Cochinchina,* região do Indo-China, situada a E. do Mekong e comprehendendo a alta Cochinchina ou *Annam* (cap. *Hue)* e a baixa Cochinchina ou Cochinchina francesa (cap. *Saïgon).* **(170)** *China* é o vasto imperio da Asia, que se estende do tropico de *Cancro* até ao circulo polar do Norte.

CXXX

Olha o muro e edificio nunca crido,
Que entre hum imperio e o outro se edifica (171),
Certissimo signal e conhecido
Da potencia Real soberba e rica;
Estes, o Rei que tem, não foi nascido (172)
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que é famoso
Por cavalleiro, sabio e virtuoso.

CXXXI

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se;
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quís mais afamar-se;
Esta meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
E' Japão, onde nasce a prata fina (173),
Que illustrada será co'a Lei divina (174).

CXXXII

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidóre e Ternate, co'o fervente (175)
Cume, que lança as flammas ondeadas;
As arvores verás de cravo ardente (176),
Co'o sangue Português inda compradas:
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca a terra, e só mortas apparecem (177).

---

(171) *A grande muralha* que separa a China da Mongolia foi mandada construir em 214 a. C. por um imperador da dynastia do Thsin. **(172)** O governo da China é absoluto. O imperador, filho do Ceo *(Tien-Tsen)* é o senhor e governador de 450.000:000 de homens. E' auxiliado pelo Conselho de Estado composto de quatro a cinco membros e de seis ministros. A administração das provincias é autonoma. Camões foi induzido á sua affirmação decerto por informações erroneas. **(173)** O archipelago do Japão *(Nippon)* é formado de quatro grandes ilhas — *Yeso, Hondo* ou *Nippon, Sikok* e *Kiou-Siou.* A prata é muito rara no Japão; ouro não ha, apenas se explora o ferro, o cobre, o chumbo e o estanho. **(174)** O Poeta allude naturalmente ás conversões de innumeraveis gentios realisadas por S. Francisco Xavier. **(175)** *Tidor* e *Ternate,* duas pequenas ilhas pertencentes ao archipelago das Molucas. Nesta ultima ha um vulcão. **(176)** As Molucas sam abundantissimas em especiarias. A arvore que produz o cravo attinge a altura de 5 a 10 metros. **(177)** *Colibri,* ave notavel pelo brilho das suas côres, cujos reflexos imitam a purpura, o ouro, o rubi, o topazio, etc. Os pés são improprios para a marcha.

CXXXIII

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam (178)
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo;
Olha tambem Bornêo, onde não faltam (179)
Lagrimas no licor coalhado e enxuto
Das arvores, que camphora é chamado (180),
Com que da ilha o nome é celebrado.

CXXXIV

Ali tambem Timor, que o lenho manda (181),
Sandalo salutifero e cheiroso;
Olha a Sunda tão larga, que huma banda (182)
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
Hum rio diz, que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o páo, que nelle cae.

CXXXV

Vê naquella que o tempo tornou ilha (183);
Que tambem flammas tremulas vapora,
A fonte, que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora,
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cyniras na Arabia, onde ella mora (184);
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda seda e fino ouro dá tambem.

---

(178) Nas ilhas de *Banda* (IX, **(11)**) abunda a noz. **(179)** *Bornéo*, illa do archipelago da Sonda, onde os Ingleses e Hollandeses têem possessões importantes. Bornéo é, depois da Australia, a maior ilha do globo (760:375 k. q.). **(180)** Tanto a fauna como a flora de Bornéo san riquissimas. E' conhecida a camphora de Bornéo. Extrahe-se do *Laurus Camphora* e faz-se tambem no Japão, Java e Sumatra. Divide-se em fragmentos a arvore da madeira e aquece-se com agua em grandes vasos de ferro; a camphora sublima-se, vindo depositar-se em outro apparelho em fórma d'um pó acinzentado; o que explica bem os versos do Poeta. **(181)** Ilha da Malaria, a E. da Sonda, parte pertencente a Portugal, parte á Hollanda, onde ha, como em toda a Occeania, a madeira de sandalo, muito apreciada pelo seu aroma. **(182)** Grupo de ilhas na Malaria, de que as mais notaveis sam Java e Sumatra. **(183)** A ilha de Sumatra, a que já se referiu na est. CXXIV. Aqui menciona o Poeta duas producções notaveis da ilha: — um *oleo* que no dizer de Corrêa (*Comment.*, neste logar) seria a *Naphta* e o *licor*, que é o *benjoim*, que é uma resina destilada de varias arvores. **(184)** A mirra, IX, **(26)**.

CXXXVI

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta (185)
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana :
Os naturaes o tem por cousa santa,
Pela pedra onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta (186),
No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
E' tido por antidoto excellente.

CXXXVII

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro áloe famosa (187) ;
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós, na costa de Africa arenosa,
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo occulta e preciosa (188) ;
De São-Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagascar é d'alguns chamada (189).

CXXXVIII

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é tambem razão que no Ponente
D'hum Lusitano hum feito inda vejais (190),
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

---

(185) *Ceylão,* a antiga Taprobana (I, **(1)**), é uma ilha montanhosa com dous cumes principaes : *Pedrotallagalla* de mais de 2:500 metros e o *Pico de Adam* de 2:262 metros, ponta sagrada que tem, diz-se, o signal do pé de Budha, ou segundo a crença arabe, o do pé de Adão. **(186)** *Maldivas,* archipelago inglês do oceano Indico, a S.-O. de Ceylão. Sam de origem madreporica. Segundo Barros (*Dec.* III, l. 3.º, c. 7) a planta, a que se refere o Poeta, era empregada pelos naturaes contra o veneno. **(187)** *Socotorá,* no mar das Indias, produz o *aloés,* plantas cujo suco é amargo. O melhor que se conhece é o d'esta ilha. E' empregado na medicina. **(188)** *Ambar* (cinzento), substancia aromatica, parece ser uma concreção formada nos intestinos ou no estomago de certas baleias. **(189)** X, **(44)**. **(190)** *Fernão de Magalhães,* que offereceu os seus serviços a *Carlos Quinto* e que, ao serviço de Espanha, foi o primeiro navegador que deu volta ao mundo, viagem em que descubriu a *Terra de Fogo,* na ponta S. da America, e o estreito do seu nome.

CXXXIX

Vêdes a grande terra, que contina (191)
Vai de Callisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal que a cor tem do louro Apollo :
Castella, vossa amiga, sera dina
De lançar-lhe o colar ao rudo collo (192) ;
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos e costumes differentes.

CXL

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis (193)
Parte tambem co'o páo vermelho nota ;
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis :
Descobrí-la-ha a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Português, porém não na lealdade.

CXLI

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico polo vai da Linha,
D'huma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra ali vizinha (194),
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co'o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar e terra, que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

CXLII

Atéqui, Portugueses, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser acceitos,
A's eternas esposas e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas :

---

(191) *America:* Vai de Callisto, isto é, do N. (I, **(57)**), etc. **(192)** De a conquistar. **(193)** O *Brazil* descoberto por Pedro Alvares Cabral em 1500, que lhe deu o nome de *Terra de Santa Cruz*. **(194)** Habitantes da *Patagonia*.

CXLIII

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada ».
Assi lhe disse ; e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada,
Levam refresco e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

CXLIV

Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado ;
Entraram pela foz do Tejo ameno
E á sua patria e Rei temido e amado
O premio e gloria dão, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou (195).

CXLV

Não mais, Musa, não mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de vêr que venho
Cantar a gente surda e endurecida :
O favor com que mais se accende o engenho
Não no dá a Patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça e na rudeza
D'huma austera, apagada e vil tristeza.

CXLVI

E não sei por que influxo do destino
Não tem hum ledo orgulho e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes !

---

(195) O rei de Portugal que até então se intitulava *Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar, em Africa senhor da Guiné*, accrescentou depois *e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India.*

CXLVII

Olhai que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo.

CXLVIII

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes :
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes
Commetterão comvosco, e não duvido,
Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX

Favorecei-os logo e alegrai-os,
Com a presença e leda humanidade ;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho á sanctidade ;
Os mais exp'rimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade
Para vosso conselho ; pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento ;
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento ;
Com jejuns, disciplina pelos vicios
Communs, toda ambição terão por vento ;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.

CLI

Os Cavalleiros tende em muita estima ;
Pois com seu sangue intrepido e fervente
Estendem não sómente a Lei de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente ;
Pois aquelles, que a tão remoto clima
Vos vão servir, com passo diligente,
Dous inimigos vencem, huns os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

CLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos e Ingleses,
Possam dizer, que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portugueses.
Tomai conselhos só d'exp'rimentados,
Que viram largos annos, largos meses;
Que postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII

De Phormião, philosopho elegante (196),
Vereis como Annibál escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando, e pelejando.

CLIV

Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei comtudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

CLV

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada,
Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

---

(196) *Phormião* (200 a. C.), philosopho. Cicero *(De Orat.*, l. 2.º) refere o caso a que o Poeta allude.

CLVI

Ou fazendo, que mais, que a de Medusa (197)
A vista vossa tema o monte Atlante;
Ou rompendo nos campos de Ampelusa (198)
Os muros de Marrocos e Trudante (199):
A minha já estimada e leda Musa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja (200).

FIM.

---

(197) Allude á fabula exposta no c. III, n. **(96)**. **(198)** III, **(97)**. **(199)** *Trudante*, cidade da Barberia. **(200)** Vid. para comprehender estes dois ultimos versos — V, **(90)**.

INDICE DO POEMA

Estancias

ARGUMENTO DO CANTO I

Proposição 1-3
Invocação ás musas 4-5
Dedicatoria a D. Sebastião 6-18
Principio da narração 19
Concílio dos deuses 20-41
Entra a armada no oceano Indico 42
Descobre nelle algumas ilhas 43-44
Descripção dos indigenas 45-48
Visita d'estes á armada 49-55
Scena nocturna 56-58
O regedor das ilhas visita o Gama 59-72
Bacco intenta destruir a armada 73-76
Estratagema que medita 77-83
Salta em terra o Gama; o que lhe succede . 84-94
Parte a armada de Moçambique para Quiloa e chega a Mombaça 95-105
Exclamação do Poeta contra os perigos da vida 105-106

ARGUMENTO DO CANTO II

Traiçoeiro convite do rei de Mombaça para que entre a armada no porto 1-6
Manda o capitão com os Mouros a terra dois condemnados para tomar informações; volta dos Mouros 7-16
Traição dos Mouros contra a armada, que é salva por Venus auxiliada das Nereidas. . 17-24
Fugida dos Mouros e do piloto de Moçambique 25-28
Exclamações e súpplica do Gama 29-32
Venus invoca o patrocinio de Jupiter em favor dos portugueses 33-41

Estancias

Caricias de Jupiter á filha e resposta favoravel, vaticinando os gloriosos feitos dos portugueses 42-55
Jupiter manda á terra Mercurio para dispor os animos em Melinde a favor dos portugueses 56-59
Apparece em sonhos ao Gama intimando-lhe que deixe Mombaça e demande o porto amigo de Melinde 60-63
Partida da armada; encontro de dois navios e informação de Melinde dada por um Mouro aprisionado 64-71
Chegada a Melinde; hospitaleira recepção do rei e do povo, que envia refrescos e os convida a desembarcar 72-77
Embaixada do capitão, falla d'este e resposta do rei 78-88
Festejos de noite na armada correspondidos de terra 89-91
Visita do rei á armada e mutuas praticas de amisade do rei e capitão 92-108
O rei pede ao Gama conte a historia do seu país e a sua navegação. 109-113

ARGUMENTO DO CANTO III

Invocação a Calliope 1-2
Preambulo da narração do Gama 3-5
Descripção geographica da Europa 6-21
Historia antiga de Portugal 22
Conde D. Henrique — D. Affonso Henriques . 23-28
Luctas de D. Affonso Henriques com sua mãi 29-33
Cerco de Guimarães. Egas Moniz 34-41
Batalha de Ourique 42-52
Origem das armas de Portugal 53-54
Conquistas aos Mouros 55-67
Cerco de Badajoz 68-69
Guerra com o rei de Leão 70-73
D. Sancho I; successos do seu reinado . . 75-89
D. Sancho II 91-93
D. Affonso III 94-95
D. Dinís 96-99
A Rainha de Castella supplica a intervenção de seu pai 100-117
Episodio de D. Ignês de Castro 118-135
Severidade de D. Pedro 136-137
D. Fernando 138-143

Estancias

ARGUMENTO DO CANTO IV

Alterações no reino por morte de D. Fernando e assassinato do conde de Andeiro . . . 1-5
D. Leonor faz que os Castelhanos intervenham em defesa dos direitos de D. Beatriz, sua filha, casada com o rei Castelhano. Resenha do exercito 6-11
D. João aconselha-se com os principaes do reino 12-13
Lealdade e falla energica do Condestavel aos timoratos 14-19
Enthusiasmo e preparativos da guerra . . 20-22
Marcha o exercito de Santarem e ordem de batalha 23-29
Batalha de Aljubarrota 30-44
O Condestavel passa ao Alentejo e Andaluzia . 45-46
Paz entre os dois reinos 47
Expedição de Ceuta e morte de D. João I . 48-50
Reinado de D. Duarte e captiveiro do irmão . 51-53
D. Affonso V; conquista de Africa; guerra contra Aragão 54-59
D. João II emprehende a descoberta da India e manda exploradores por terra 60-65
D. Manuel colhe os fructos dos trabalhos do seu antecessor 66
O Indo e o Ganges apparecem em sonhos a D. Manuel 67-75
Conselho e commettimento da empresa a D. Vasco da Gama 76-77
Pratica do rei e resposta do Gama 78-80
Prepara-se a armada para sair; despedidas . 81-93
Falla do velho na praia do Restello . . . 94-104

ARGUMENTO DO CANTO V

Partida da armada 1-3
Ilha da Madeira; costa da Barbaria, Azenegues 4-6
Senegal; Cabo-Verde 7
Ilha de S. Thiago; etc. 9-13
Tromba maritima 14-23
Desembarque 24-27
Encontro d'um Ethiope 28-30
Aventura de Velloso 30-36
Adamastor 37-60

Estancias

A armada dá fundo na aguada de S. Brás . . 61-64
Continuação da derrota 65-69
Encarecimento da lealdade portuguesa . . 70-73
Continúa a derrota 74-85
O Gama engrandece a sua navegação . . . 86-89
Sequencia da narração do Gama 92-100

ARGUMENTO DO CANTO VI

Festejos e banquetes do rei de Melinde . . 1-5
Navegação para a India; odio de Bacco . . 5-15
Congresso dos deuses maritimos; falla de Bacco 16-34
Eolo solta os ventos 35-37
Navega a armada socegada; propõe-se contar historias 38-42
Episodio dos doze de Inglaterra 43-69
Descripção da tormenta 70-79
Oração de Vasco da Gama 80-83
Auxilio de Venus 84-91
Avista-se Calecut 92-94
Reflexões do Poeta 95-99

ARGUMENTO DO CANTO VII

Chegada da armada á barra de Calecut . . 1
Elogio da nação portuguesa e invectiva contra as outras nações, que deixam o Santo Sepulcro em poder dos infieis 2-15
Entra a armada em Calecut 16
Descripção da India 17-22
Manda o Capitão participar a chegada ao rei. 23
Encontro do mensageiro com Monçaide e hospedagem que recebe 24-27
Vem Monçaide ás náus e descripção que faz do Malabar 28-41
Salta em terra o Gama e com os seus dirige-se ao rei 42-56
Como o rei recebe o Gama 57-58
Embaixada do Gama, resposta do rei e aposentadoria que lhe manda dar. . . . 59-66
Informação que toma o Catual do Monçaide acêrca dos portugueses 67-72
Ida do Catual á capitaina e pedido que faz a Paulo da Gama para que lhe explique as figuras, que vê desenhadas nas bandeiras . 73-76

Estancias

Começa Paulo da Gama, mas a narração é interrompida por considerações pessoaes do Poeta 78-87

ARGUMENTO DO CANTO VIII

Explicação das figuras das bandeiras por Paulo da Gama 1-43
Retirada do Catual da nau 44
Indisposições contra os Portugueses, vaticinios dos aruspices, intrigas de Bacco, etc. . . 45-59
O Rei e o Gama 60-75
O Rei manda partir o Gama, mas toma-lhe as almadias 76-77
Resgate do Gama; modo como é feito . . 78-95
Reflexões do Poeta sobre a cubiça do oiro . 96-99

ARGUMENTO DO CANTO IX

Prisão de dois feitores e intenção de destruir a armada 1-4
Monçaide informa o Gama 5-7
O Capitão parte levando a bórdo feitores ricos; tróca 8-12
Partida da Armada; alegria dos marinheiros . 13-17
Venus intenta fazer repousar os portugueses numa ilha de delicias; falla com Cupido; o que este faz, etc. 18-53
Descripção da ilha 54-63
Desembarque e encontro com as nymphas . 64-84
Thetys e o Gama 85-88
Allegoria d'esta ilha; exhortação aos que aspiram á heroicidade; conclusão da acção do poema 89-95

ARGUMENTO DO CANTO X

Banquete das nymphas e Thetys ao Gama e navegantes 1-4
Vaticinio d'uma nympha 5-7
Interrupção do canto da nympha por uma invocação do Poeta a Caliiope 8-9
Prosegue a nympha; elogio de Pacheco . . 10-25
Elogio de outros Portugueses 26-44

Estancias

Suspende o elogio de A. de Albuquerque pela crueldade, que teve com Ruy Dias . . . 45-49
Seguimento dos elogios da nympha começando em Lopo Soares e acabando em D. João de Castro 50-73
Thetys conduz o Gama a um monte; descripção do mundo 74-107
Martyrio de S. Thomé 108-119
Continuação da descripção 120-126
Descripção de Cambodja; naufragio alli soffrido 127-128
Prosegue a descripção 129-141
Despedida de Thetys, embarque, chegada a Portugal 142-144
Queixas do Poeta relativas á tristeza e indifferentismo pelas lettras, exhortação a D. Sebastião e vaticinio, infelizmente erroneo, das suas victorias . . . . . 145-156.

BINDING SEC . FEB 27 1969

PQ
9198
A3M4
1900

Camões, Luiz de
Lusiadas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY